



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE**  
**CONTEMPORÂNEA**

**ELISA MARIA BORGES DE ARAUJO**

**O RITO DE CASAMENTO NUMA PERSPECTIVA JUNGUIANA:**  
**SIGNIFICADOS, MOTIVAÇÕES E OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS NA**  
**CONTEMPORANEIDADE**

**SALVADOR**

**2019**

ELISA MARIA BORGES DE ARAÚJO

**O RITO DE CASAMENTO NUMA PERSPECTIVA JUNGUIANA:  
SIGNIFICADOS, MOTIVAÇÕES E OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS NA  
CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

SALVADOR – BA

2019

Ficha Catalográfica. UCSal. Sistema de Bibliotecas

A663 Araújo, Elisa Maria Borges de  
O rito de casamento numa perspectiva junguiana: significados, motivações e os impactos psicológicos na contemporaneidade/ Elisa Maria Borges de Araújo . – Salvador, 2019.  
102 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

1. Rito 2. Casamento 3. Família 4. Psicologia Analítica I. Rabinovich, Elaine Pedreira – Orientadora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação III. Título.

CDU 316.356.2:159.964.26

TERMO DE APROVAÇÃO

**Elisa Maria Borges de Araújo**


**“O RITO DE CASAMENTO NUMA PERSPECTIVA JUNGUIANA:  
SIGNIFICADOS, MOTIVAÇÕES E OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS  
NA CONTEMPORANEIDADE”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 03 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora:

  
Prof.ª Dr.ª Elaine Pedreira Rabinovich  
Orientador(a) - (UCSAL)

  
Prof.ª Dr.ª Aíci Franco - (EBMSP)

  
Prof.ª Dr.ª Marlene Brito de Jesus Pereira - (UniRuy)

  
Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasler - (UCSAL)

Àqueles corajosos a se conhecerem através de uma relação.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi gestado ao longo de dois anos e meio e durante essa gestação encontrei diversas “mães” no meu caminho, que contribuíram na minha transformação que foi acontecendo para enfim, me tornar mãe deste filho. Sou grata à minha coragem de ter me permitido viver esse desafio e acolhido tudo o que este tema, tão pessoal, me proporcionou.

Diego, meu marido, é coautor inconsciente desta obra. Seguimos em nossos desenvolvimentos individuais e relacional nos transformando e nos conhecendo. Agradeço à nossa intensa relação e o quanto a mesma é palco de minha individuação.

Tudo foi mais leve por conta da minha orientadora Elaine, que tanto me ensinou em nossos frequentes encontros e análises. Tirei a sorte grande em tê-la tão presente me impulsionando nesta produção.

À Lucy, minha gratidão por ter se tornado, espontaneamente, minha mentora quanto ao meu pensamento junguiano. Seus ensinamentos e influência na minha “formação” enquanto psicóloga, desde a escolha deste tema, são indimensionáveis.

Aos oito sujeitos participantes dessa pesquisa, que confiaram em mim às suas intimidades, obrigada por compartilhar e me permitir entrar nas suas histórias.

Aos professores da minha banca de qualificação Aicil e Rafael, pelo cuidado, zelo e contribuições que ampliaram meu olhar sobre este tema.

Aos amigos e colegas junguianos, meus sinceros agradecimentos pelo Encontro que tivemos; parcerias; intervisões e análises que contribuíram para a profundidade do meu olhar.

À minha psicóloga Camila, agradeço intensamente por ter me dado a mão em todo esse caminho, fundamental para me enxergar e permitir minha transformação.

A minha caminhada é de muita significação e os amigos que escolhi serem minha família são corresponsáveis graças à certeza do acolhimento, vibração e torcida pela minha felicidade.

E por fim, resalto a minha sorte de ser parte de cinco. Essa base me nutre de amor profundo e sincero, que alimenta minha essência e me faz sempre buscar mais vida e sentido.

“Parir esse filho” será mais um rito de passagem vivenciado na minha vida, em que a gestação foi tempo de preparação para viver essa transição, que encerra um ciclo e me capacita para outras fases que virão! Que venham! Obrigada!

“O casamento não é o que se realiza,  
mas aquilo em que se transforma.”

Provérbio italiano.

ARAÚJO, Elisa Maria Borges. **O rito de casamento numa perspectiva junguiana: significados, motivações e os impactos psicológicos na contemporaneidade.** Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador: Salvador, 2019; p. 102.

## RESUMO

O contexto da formação das famílias e os papéis de gênero sofreram grandes transformações que impactaram diretamente na vivência do casamento. A cerimônia de casamento pode ser entendida como um dos ritos de passagem presentes e vividos na atual sociedade. Como rito, ela proporciona que o indivíduo rememore os mitos, reatualizando-os, possibilitando um retorno à origem e a beneficiar-se das forças e energias advindas dessas mesmas origens. Esta pesquisa busca compreender o significado do ritual de passagem do casamento contemporâneo no desenvolvimento de personalidade singular sob uma perspectiva da Psicologia Analítica. Para isso, analisou os significados dos rituais de casamento na sociedade contemporânea; as motivações que levam os sujeitos a formalizar a relação; como o arquétipo do casamento está sendo atualizado na contemporaneidade; e os impactos psicológicos da vivência ritualística de casamento nas jornadas de desenvolvimento individuais dos cônjuges, sob a perspectiva da Psicologia Analítica. Foi realizada uma revisão de literatura sobre o significado do rito de casamento, usando como recurso metafórico a mitologia e a alquimia, e um estudo exploratório, qualitativo, de entrevistas narrativas com quatro casais, interpretadas através da metodologia de análise de discurso. Os resultados revelaram que o significado do ritual de casamento é ainda muito influenciado por crenças religiosas e pela vivência dos pais. Representa um marco de uma nova fase, permeado pelo sentido de responsabilidade, de formação de uma família própria e assume um papel social de declaração, de uma mudança individual e relacional. O dia é descrito como uma vivência única, numinosa, transcendente. São motivações que levam os casais a formalizarem uma relação: o desejo de consolidar a formação de uma família; a celebração, que eterniza um dia de felicidade; um caminho consciente para transformação e amadurecimento individual; e a declaração à sociedade de que não se é mais o mesmo. Quanto aos impactos psicológicos dessa vivência os casais que não coabitavam antes do ritual sentiram que a emoção vivida no dia do casamento representava um esvaziamento para que pudessem, a partir daquele momento, começar uma nova vida. Aqueles que já coabitavam perceberam mudanças mais individuais do que relacionais, considerando-se individualmente mais maduros. Este trabalho contribuiu para um maior entendimento do quanto a ritualização de uma relação impacta em como os sujeitos se percebem enquanto casal e como indivíduos em seu processo de desenvolvimento, o que permitiu uma análise psicológica sobre temas conjugais contemporâneos, como: sexualidade; filhos; conflitos e adaptações relacionais; individualidades; relações familiares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rito. Casamento. Família. Psicologia Analítica.

ARAUJO, Elisa Maria Borges. **The marriage rite in a Jungian perspective: meanings, motivations and the psychological impacts in the contemporaneity.** Dissertation (Master Degree on Family in Contemporary Society). Catholic University of Salvador: Salvador, 2019; p. 102.

## **ABSTRACT**

The context of family formation and gender roles underwent major transformations that had a direct impact on the experience of marriage. The experience of the wedding ceremony can be understood as one of the rites of passage present and lived in today's society. As a rite, it allows the individual to remember the myths, re-actualizing them, enabling a return to the origin and benefiting from the forces and energies that come from those same origins. This research aims to understand the meaning of the contemporary marriage passage ritual in the development of singular personality from the perspective of Analytical Psychology. To this end, it analyzed the meanings of marriage rituals in contemporary society; the motivations that lead the subjects to formalize the relationship; how the archetype of marriage is being updated in contemporary times; and the psychological impacts of the ritualistic experience of marriage on the spouses' individual development journeys, from the perspective of Analytical Psychology. A literature review was performed on the meaning of the marriage rite, using mythology and alchemy as a metaphorical resource, and an exploratory, qualitative study of narrative interviews with four couples, interpreted through the discourse analysis methodology. The significance of the wedding ritual is still greatly influenced by religious beliefs and parental experience. It represents a milestone in a new phase, permeated by the sense of responsibility, of forming a family of its own and assumes a social role of declaration, of an individual and relational change. The day is described as a unique, numinous, transcendent, ecstatic experience. These are motivations that lead couples to formalize a relationship: the desire to consolidate the formation of a family; the celebration, which perpetuates a day of happiness; a conscious path to transformation and individual maturation; and the statement to society that one is no longer the same. As for the psychological impacts of this experience, couples who did not cohabit before the ritual felt that the emotion experienced on their wedding day was an emptying so that they could start a new life from that moment on. Those who already cohabited noticed more individual than relational changes, considering themselves more mature. This work contributed to a better understanding of how the ritualization of a relationship impacts on how subjects perceive themselves as couples and as individuals in their development process, which allowed a psychological analysis on contemporary marital themes, such as: sexuality; children; conflicts and relational adaptations; individualities; family relationships.

**KEYWORDS:** Rite; Marriage. Family Relations. Analytical Psychology.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - CASAMENTOS ENTRE SOLTEIROS, POR GRUPOS DE IDADE DO HOMEM, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE DA MULHER, 2007	30
TABELA 2 - CASAMENTOS ENTRE SOLTEIROS, POR GRUPOS DE IDADE DO HOMEM, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE DA MULHER, 2017	31
TABELA 3 - TEMPO DE RELAÇÃO, SALVADOR, 2019	65
TABELA 4 - DADOS SÓCIODEMOGRÁFICO, SALVADOR, 2019	65

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PSICOLOGIA ANALÍTICA</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>RITO NA CONTEMPORANEIDADE</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>ATUALIZAÇÃO DO ARQUÉTIPO DE CASAMENTO</b>	<b>29</b>
<b>5</b>	<b>NÚPCIAS COM A MORTE</b>	<b>38</b>
<b>6</b>	<b>INDIVIDUAÇÃO A PARTIR DO CASAMENTO</b>	<b>46</b>
<b>7</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>58</b>
7.1	DELINEAMENTO DO ESTUDO	58
7.2	LOCAL E PARTICIPANTES	59
7.3	INSTRUMENTOS	60
7.4	PROCEDIMENTOS	60
7.5	ANÁLISE DE DADOS	61
<b>8</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>64</b>
8.1	O SIGNIFICADO DO RITUAL DE CASAMENTO	66
8.2	MOTIVAÇÕES PARA FORMALIZAR A RELAÇÃO	70
8.3	A VIVÊNCIA DO RITO DE CASAMENTO CONTEMPORÂNEO	74
8.4	IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA VIVÊNCIA DO RITUAL DE CASAMENTO	80
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>87</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>94</b>
	<b>APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>99</b>
	<b>APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA E SEMI-ESTRUTURADA</b>	<b>101</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Vestido de noiva, véu e grinalda, buquê, o pai e a noiva sob a marcha nupcial, noivo à espera, votos, troca de alianças, noite de núpcias: facilmente é possível ter imagens de um casamento, seja o seu, o de uma pessoa próxima, ou visto pela televisão, revista ou relatado por uma história real ou fictícia. Costumeiramente, é seguido por um “felizes para sempre” que, mesmo enfraquecido na contemporaneidade, exemplifica a permanência de um rito milenar, que carrega historicamente uma série de fantasias, expectativas e responsabilidades, mas que passa por uma série de reconfigurações que reverberam no seu significado.

Atualmente, na sociedade ocidental contemporânea, os símbolos descritos acima não se fazem obrigatórios para que duas pessoas oficializem uma relação, ou que se proponham a formar uma família. Ainda assim, os casamentos, sejam eles registrados por via civil ou não, religiosos ou não, acompanhados por festa ou não, fazem parte de um processo humano e ainda bastante presente na união das famílias. Representa um momento de transição, de uma condição original para um estágio novo, onde são exigidas novas responsabilidades e mudanças, sejam elas individuais e/ou sociais. Por conta disso, podem ser vivenciados como ritos de passagens que preparam e convidam os envolvidos às transformações.

Partindo da perspectiva da Psicologia Analítica, criada pelo psiquiatra Carl Gustav Jung, que se interessou e estudou a importância dos ritos quanto aos seus efeitos na psique humana, por eles serem, na sua visão, uma atualização da expressão dos padrões psíquicos herdados e contidos em todas as pessoas, o casamento ganha sentidos psicológicos mais amplos. Acrescenta-se ainda o fato de ser uma vivência viva que, mesmo diante da não obrigatoriedade de realizá-la, é desejada e presente no desenvolvimento das famílias.

Além disso, o casamento contemporâneo passa por mudanças nas configurações que o definem e o caracterizam. Não é algo mais imposto, nem obrigatório para toda a vida; não é determinado nem impacta diretamente na condição econômica das famílias pregressas; não é condição para iniciar relação sexual, nem residir juntos e, tampouco, ter filhos. Atualmente, trata-se de uma oficialização de uma relação entre duas pessoas que escolhem e podem negociar entre si, geralmente ambos com o mesmo poder, o como e por quanto tempo irão viver juntos. Esse novo

formato influencia a formação das famílias contemporâneas estarem se originando com configurações bastante diferentes das consideradas formas tradicionais de casamento, o que gera impacto na saúde mental dos envolvidos; na construção de relações sociais fortalecidas; no amadurecimento que esse novo *status* da relação proporciona individualmente aos envolvidos; nos conflitos e desordem familiar que são produzidos. Essas relações sociais revelam a importância do estudo do lugar que o casamento na atualidade ocupa na subjetividade individual.

Pessoalmente, fui motivada para esse tema porque vivi o rito do casamento, em 2017, após um relacionamento de 14 anos com meu parceiro e, mesmo com o longo tempo de relacionamento, tive uma vivência intensa e transformadora que começou a atuar desde o planejamento do rito e, ainda hoje, com dois anos e meio de casada, reverbera na minha subjetividade. Eu, como parte do casal, venho sendo exigida a me reinventar, a me reconhecer através desse novo papel assumido e oficializado. A nova realidade proporcionada pelo rito me exigiu acessar novos recursos, diferentes dos que utilizava nas diferentes fases do namoro. O planejamento e experiência do casamento me prepararam para uma nova fase, o que impulsionou reflexões e ampliação de conhecimento sobre mim mesma, abrindo espaço para transformações significativas na minha singularidade.

Somando minha formação em Psicologia e experiência clínica na abordagem junguiana à minha vivência pessoal com o rito de casamento, aceitei o convite sincrônico, entre minha experiência e a construção desse trabalho, para ampliar o entendimento desse fenômeno milenar, ainda tão vivo na sociedade, complexo e que permeia as configurações das famílias e as subjetividades dos indivíduos. Entrevistar casais que viveram o rito de casamento foi uma forma de olhar para além da minha experiência individual e entender o que dessa vivência é arquetípica e, conseqüentemente, o que possibilita às pessoas que a vivem.

Outra justificativa para esta pesquisa foi o desejo de minimizar uma carência de estudos e teoria que analisem a interface do rito de casamento com as transformações pessoais dos envolvidos, sobretudo no campo da Psicologia Analítica. Tal constatação se vê refletida no resultado da busca em bases de dados do portal Scielo, em setembro de 2017, em que não foi encontrado nenhum material como resultado das palavras chaves “casamento” e “Carl Gustav Jung” / “Psicologia Analítica”; um artigo foi resultado da busca entre as palavras-chaves “casamento” e “significado”, relacionado ao tema; um artigo foi resultado da busca entre as palavras-

chaves “casamento” e “ritual”, relacionado ao tema; três artigos foram resultados da busca entre as palavras chaves “casamento” e “contemporâneo”, relacionados ao tema. Diante desses números de trabalhos publicados, percebe-se uma baixa produção no intuito de compreender o significado psicológico do ritual de casamento contemporâneo aos envolvidos.

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender o significado do ritual de passagem do casamento contemporâneo no desenvolvimento de personalidade singular sob uma perspectiva da Psicologia Analítica. Para isso, busca-se, especificamente, compreender os significados dos rituais de casamento na sociedade contemporânea; entender as motivações que levam os sujeitos a formalizar a relação; analisar como o arquétipo do casamento está sendo atualizado na contemporaneidade; e analisar os impactos psicológicos da vivência ritualística de casamento nas jornadas de desenvolvimento individuais dos cônjuges, sob a perspectiva da Psicologia Analítica.

Para alcançar tais objetivos, a estratégia metodológica utilizada foi uma pesquisa exploratória, utilizando o método qualitativo, por meio de entrevistas narrativas com quatro casais, que serão interpretadas através da metodologia de análise de discurso.

Devido ao número escasso de trabalhos publicados que abordam o tema específico desse trabalho, para fundamentar essa pesquisa também foi utilizado o recurso metafórico através do uso da mitologia e da alquimia, que pretende compreender de forma simbólica a visão de Carl Gustav Jung sobre a temática do casamento. Para isso, fez-se necessário o uso da bibliografia de autores junguianos sobre ritual de casamento, transformações subjetivas, individuação, mesmo que não correlacionem os temas e/ou sejam atuais. Dessa forma, a fundamentação teórica deste trabalho está dividida em quatro capítulos. O capítulo *Fundamentação teórica: Psicologia Analítica* apresenta de forma objetiva os conceitos-chaves junguianos necessários para a compreensão do que será discutido mais adiante. O capítulo *Rito na contemporaneidade* expõe a visão de diversos autores, e principalmente, junguianos, sobre os ritos, explanando sobre seus efeitos psíquicos. Em seguida, o capítulo *Atualização do arquétipo de casamento* discorre sobre a complexa configuração que caracteriza o rito de casamento atualmente. O capítulo *Núpcias com a morte* utiliza a mitologia para apresentar o arquétipo do casamento, e o que ele convida a morrer e a nascer. O último capítulo da fundamentação teórica -

*Individuação a partir do casamento* – discorre sobre como o casamento pode estar a serviço da individuação dos cônjuges, utilizando a alquimia como recurso metafórico de análise.

Trata-se de um trabalho que visa compreender uma vivência que apesar de milenar e herdar tradições e conceitos, vem se reconfigurando e permeia a formação de família. O aprofundamento psicológico e social da ritualização de casamento possibilita chegar a temas da conjugalidade contemporânea, que engloba aspectos como individualidade; formação de família; transformações; conflitos; intimidade; sexualidade.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: PSICOLOGIA ANALÍTICA

Como esse trabalho se propõe a fazer uma análise sob a perspectiva junguiana, faz-se necessário introduzi-lo com uma apresentação da visão da Psicologia Analítica sobre a dinâmica psíquica, bem como pontuar alguns conceitos-chaves que são de suma importância para a compreensão das discussões realizadas nos capítulos seguintes.

A construção da teoria analítica foi produto do interesse de Carl Gustav Jung por diversas áreas e temáticas, somado à sua atuação prática como médico psiquiatra e à sua própria análise pessoal. Curioso e muito estudioso, Jung se propôs a buscar na Antropologia, Filosofia, Alquimia, Religião, Artes, dentre outras produções que o ajudassem a entender melhor a psique humana, e o próprio desenvolvimento de sua personalidade foi material imprescindível para esse conhecimento.

O início da sua própria teoria, dissociada da psicanálise de Sigmund Freud, ocorre quando Jung escreve “Símbolos da transformação”. Desde então, passa a defender sua ideia de que a psique é composta por uma consciência, que representa uma pequena parte, controlada por um núcleo central denominado ego, e possui o inconsciente, predominante na psique, formado por um aspecto pessoal e também por um coletivo. Para Jung (2012b, v. XVIII/2. p. 58-59), o conceito de inconsciente, “precisava ser ampliado, pois o inconsciente não era apenas um produto da repressão, mas o solo materno e criador da consciência. [...] O inconsciente não devia ser explicado apenas em termos personalistas, como simples fenômeno pessoal, mas em parte como fenômeno *coletivo*”.

O inconsciente pessoal representa a definição de inconsciente que Freud brilhantemente descobriu e conceituou, como parte da psique composta por conteúdos individuais vividos, que foram reprimidos ou esquecidos. Jung deu nome de complexos, “a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem [...] tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de *autonomia*” (JUNG, 1928/2013a, v. VIII/2, p. 43). De acordo com sua visão, ninguém nasce *tabula rasa*, e o inconsciente é mais do que aquilo que não se lembra ou não se suporta lidar, e acrescenta à definição o inconsciente coletivo:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos* (JUNG, 1936/2014d, v. IX/1 p. 51)

A descoberta dos arquétipos foi fruto de grandes associações entre os mitos, estudos antropológicos em tribos, e tratamento de pacientes esquizofrênicos. “A imagem primordial que também chamei de ‘arquétipo’ é sempre coletiva, ou seja, é, no mínimo, comum a todos os povos e tempos. Provavelmente são comuns também a todas as raças e épocas os principais motivos mitológicos” (JUNG, 1921/2013b, v. VI. p. 459). Não é possível alcançar os arquétipos, apenas através de suas manifestações, como os mitos e sonhos, ou de suas personificações, os complexos. Existem tantos arquétipos quantas vivências possíveis, já que retrata uma experiência coletiva significativa, e os complexos serão a forma que cada um os vivencia (JUNG, 1936/2014d, v. IX/1).

Dei o nome de *arquétipos* a esses padrões coletivos, valendo-me de uma expressão de Santo Agostinho. Arquétipo significa um ‘typos’ (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caráter arcaico que, em forma e significado, encerra *motivos mitológicos*, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e nos folclores. Alguns desses motivos mais conhecidos são: a figura do herói, do redentor, do dragão (sempre relacionado com o herói, que deveria vencê-lo), da baleia ou do monstro que engole o herói. [...] Desse nível derivam conteúdos de caráter mitológico ou impessoal, em outras palavras, os arquétipos que denominei *inconsciente coletivo* ou *impessoal* (JUNG, 2013c, v. XVIII/1 p. 52-53).

A visão de Jung é a de que a psique é mítica e simbólica. A valorização dos mitos, tanto para sua teoria, quanto no trabalho clínico surge dos estudos aprofundados de muitos mitos que o revelam como “[...] expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através da projeção - isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza” (JUNG, 1933/2014e, v. IX/1 p. 14). Os mitos manifestam como conteúdos os padrões

psíquicos – os arquétipos, que são revividos através das experiências ritualísticas. Assim como os sonhos, são permeados de símbolos, que são a melhor expressão possível para aquilo que é desconhecido, repleto de significado pessoal (JUNG, 1921/2013b, v. VI). Sendo a ponte entre o inconsciente e a consciência, é o trabalho de buscar entendê-los sob a perspectiva individual que aproxima essas polaridades internas da psique e proporciona uma totalidade.

Os ritos, nesse contexto, são organizados por uma série de símbolos, que convidam os sujeitos a atualizarem os mitos, expressões dos arquétipos (JUNG, 2013c, v. XVIII/1). Exigem comprometimento em tempo e espaço para a atividade ritualística que conecta os envolvidos aos poderes do inconsciente coletivo, o que normalmente mobiliza energia que impulsiona transições e *insights* (CAMPBELL, 1990). Para os junguianos, a própria terapia analítica se configura como um ritual, a ser realizado semanalmente, com as regras acordadas entre paciente e terapeuta, seguindo o objetivo de conectar a consciência do primeiro às imagens e ideias do inconsciente.

Para descrever os efeitos que a experiência ritualística pode ofertar, Jung recorre ao termo numinoso, normalmente vinculado às experiências religiosas, ou do sagrado, caracterizando algo que não se consegue nominar, que transcende, despertando um estado de êxtase. Proporciona um efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário, em que a vivência se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, que proporciona uma vivência transformadora à consciência, que determina um novo estado, de difícil descrição e envolta de mistério (JUNG, 1939/2012a).

A dinâmica psíquica, segundo a Psicologia Analítica, não é composta apenas por libido sexual, conforme a teoria freudiana, mas a libido para Jung é sinônimo de energia psíquica, reúne todo apetite de vida, vontade. Essa energia psíquica obedece a um princípio de constância, alternando entre progressão e regressão, buscando compensar os diversos opostos em que a psique se constitui. Através de um sistema autorregulador, a psique pode fomentar a enantiodromia, forçando a tendência a viver o oposto, já que o desenvolvimento perpassa por estar “entre”, no caminho do meio, e não polarizado (SILVEIRA, 1981).

O desenvolvimento de personalidade, na perspectiva junguiana, é o processo de individuação, que acontece durante toda a jornada da vida. Ele define como:

A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um *processo de diferenciação* que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural; [...]. A individualidade já é dada física e fisiologicamente e daí decorre sua manifestação psicológica correspondente (JUNG, 1921/2013b, v. VI. p. 467).

Esse processo significa um alargamento da esfera da consciência e da vida psicológica consciente, coincidindo com o desenvolvimento da consciência que sai de um estado primitivo de identidade (JUNG, 1921/2013b, v. VI). Esse estado pode ser chamado de “participação mística”, quando “o sujeito não consegue distinguir-se claramente do objeto, mas com ele está ligado por uma relação direta que poderíamos chamar de identidade parcial, [...], se baseia numa unicidade apriorística de objeto e sujeito” (JUNG, 1921/2013b, v. VI. p. 475). Esse termo, quando relacionado às sociedades civilizadas, refere-se não a uma relação entre objeto/sujeito, mas sim entre dois sujeitos, muito comum na fase mãe/bebê, mas que pode vir a se repetir em outras relações, onde as transferências inconscientes assumem influência mágica sobre o outro. Ampliar a consciência, e fazê-la dialogar com o inconsciente, estreita o eixo ego-self, núcleos centrais da consciência e inconsciente, respectivamente, e possibilita a realização de uma individualidade que se descola da massificação. É dar-se conta de que se é mais do que a consciência sabe e controla, permitir a realização do si-mesmo, incluindo tanto os poderes quanto as limitações, num trabalho árduo e longo, que exige perceber as personas, integrar a sombra, dissolver os complexos, confrontar os arquétipos contra sexuais e permanecer o diálogo contínuo entre ego e o self; aspectos desenvolvidos a seguir (JUNG, 2012b, v. XVIII/2; 1921/2013b, v. VI.; 1936/2014d, v. IX/1; 1928/2015a, v. VII/2).

A fase “preliminar será o desvestimento das falsas roupagens da *persona*” (SILVEIRA, 1981 p. 81). A *persona* é um dos arquétipos centrais vividos por todos os sujeitos. Ao longo da vida, a consciência desenvolve a noção de eu, de quem se é, o que se gosta de fazer, no que é habilidoso, a percepção de suas qualidades e defeitos. Essa construção sobre si é necessária e adaptativa socialmente.

“A *persona* é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e, por outro lado, a ocultar a verdadeira natureza

do indivíduo” (JUNG, 1928/2015b, v. VII/2. p. 82). O trabalho de perceber as personas construídas ao longo da vida é aumentar o autoconhecimento sobre si mesmo, descobrir quais foram as escolhas realizadas, e o quanto se alterna ou não entre as tantas personas que se é possível ter. Não é incomum as pessoas se cristalizarem em uma persona - a profissional, a de mãe ou filho - e elas passarem a se reconhecer apenas sob essa ótica, diminuindo toda a sua potencialidade.

O arquétipo da sombra convive com as pessoas durante toda a vida. A polaridade da luz é a sombra, que remete aos polos consciência-inconsciente, respectivamente. O desenvolvimento de consciência sobre si acarreta paralelamente o desenvolvimento de inconsciência. “A sombra coincide com o inconsciente ‘pessoal’ [...]. A figura da sombra personifica tudo o que o sujeito não reconhece em si e sempre o importuna, direta ou indiretamente, como por exemplo traços inferiores de caráter e outras tendências incompatíveis” (JUNG, 1939/2014c, v. IX/1 p. 284). Sempre haverá aspectos ocultos na psique, e levando em conta que todo arquétipo tem como característica inerente a bipolaridade, na sombra convivem bons e maus conteúdos desconhecidos. Residem aí todas as potencialidades ainda não acessadas bem como o que há de mais sujo e temeroso sobre si, que normalmente, como mecanismo de defesa, é projetado em outras pessoas, ou situações.

Segundo Jung (1921/2013b, v. VI. p. 478), a projeção “significa transferir para um objeto um processo subjetivo. [...] Pela projeção o sujeito se livra de conteúdos penosos e incompatíveis, mas também de valores positivos que, por qualquer motivo, como, por exemplo, a autossubestima, são inacessíveis a ele”. Quanto menor o diálogo ego-self, quanto maior a distância entre consciência e inconsciente, maior é a sombra, e como consequência, maiores as projeções. Estas acabam sendo grandes influenciadoras nas formações das relações, pois se projeta nos outros aspectos inconscientes de si, o que acarreta numa atração desmedida (JUNG, 1910/2013d, v. XVII). A integração da sombra possibilita o sujeito além de projetar, introjetar os conteúdos que são seus, contribuindo para seu autoconhecimento e ampliação da visão sobre si, tanto em aspectos positivos, quanto negativos.

À medida que o sujeito vai tendo experiências arquetípicas, de alta tonalidade afetiva na vida, vai originando seus complexos, que se caracterizam como núcleos de ideias ou imagens emocionalmente carregadas. Quanto mais inconscientes, mais autônomos, e agem à revelia, quando ativados seja por um comportamento, imagem ou ideia que o retome. Tanto que Jung afirmou que não são as pessoas que têm os

complexos, mas os complexos que as têm. Isto porque eles determinam escolhas, comportamentos (JUNG, 1928/2013a, v. VIII/2). “Um passo dos mais importantes para o conhecimento de si próprio, bem como para o tratamento das neuroses, será trazer à consciência os complexos inconscientes” (SILVEIRA, 1981, p. 30). Ao dissolver os complexos, e entender a origem da tonalidade afetiva que o forma, eles não deixam de existir. Passam a ser menos aprisionadores, e é possível alcançar os potenciais criativos do arquétipo.

Outros dois arquétipos de suma importância a todos os sujeitos são os contra sexuais, a anima e o animus. Esse é um conceito tão complexo que foi ampliado pelo próprio Jung e, posteriormente, pelos pós-junguianos. Inicialmente, Jung define: “anima, sendo feminina, é a figura que compensa a consciência masculina. Na mulher, a figura compensadora é de caráter masculino e pode ser designada pelo nome de animus” (1928/2015b, v. VII/2. p. 96). Posteriormente, essa noção foi revista, denominando inclusive arquétipo andrógono, desconsiderando gênero e sexualidade. Tanto a anima quanto o animus estão presentes nos homens e mulheres, designando a qualidade elementar feminina inconsciente e a qualidade elementar masculina inconsciente, respectivamente. Por isso, refere-se a uma base essencial comum a todos para a construção da estrutura psíquica (HILLMAN, 1973/1974 apud SANFORD, 1987).

Conforme explicado acima, a grande potencialidade para o desenvolvimento de personalidade é tornar consciente o inconsciente, aproximando o eixo ego-self. Do trabalho de unir conteúdos conscientes e inconscientes emergem novas situações ou estados de consciência. Essa união dos opostos foi designada por Jung de “função transcendente”, e é essencial para a condução da personalidade em direção à totalidade (JUNG, 1939/2014c, v. IX/1), porque possibilita organicamente a passagem de uma atitude para outra, justamente por ser transcendente (JUNG, 1928/2013a, v. VIII/2). “Tornar-se-á um conteúdo novo que dominará toda a atitude, acabará com a divisão e obrigará a força de opostos a entrar num canal comum. E assim acaba a suspensão da vida, ela pode continuar fluindo com novas forças e novos objetivos” (JUNG, 1921/2013b, v. VI. p. 493).

O confronto dos arquétipos contra sexuais permite o contato com a característica elementar que está inconsciente e que falta ao sujeito para ele caminhar para a inteireza. O meio mais comum de suprir a falta inalcançada e desconhecida no sujeito é buscar o que o completa no outro, em suas relações. Essa projeção é

responsável por formação de grande número de relações. Mas também tende a conflitos e frustrações, pois se espera que o outro seja exatamente o que lhe falta. O processo de individuação inclui confrontar esse “outro em mim”. A busca pela alma é o grande princípio da vida, que também pode ser entendida como alma, instância psíquica aberta a movimentações, transformações, que segue o objetivo de encontrar o self, o si-mesmo, de tornar-se realmente quem se é (HILLMAN, 1973/1974 apud SANFORD, 1987).

O reconhecimento da própria sombra, a dissolução de complexos, liquidação de projeções, assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos, em suma o confronto entre consciente e inconsciente, produz um alargamento do mundo interior do qual resulta que o centro da nova personalidade, construída durante todo esse longo labor, não mais coincida com o ego. O centro da personalidade estabelece-se agora no self, e a força energética que este irradia englobará todo o sistema psíquico. A consequência será a totalização do ser, sua esferificação (*abrundung*) (SILVEIRA, 1981, p. 91-92).

Por fim, convém apresentar que, no final da vida, dos 60 aos 86 anos, Jung se interessou profundamente pela Alquimia e a correlacionou com os processos psíquicos e sua teoria. Para Jung, a alquimia, produto da química e da filosofia, é uma metáfora do processo terapêutico, bem como da dinâmica psíquica; visão que já era compartilhada pelos místicos, aqueles atentos às experiências religiosas internas. Estes entendiam “que o verdadeiro laboratório alquímico era o próprio homem. O *homem natural* era comparável aos metais vis. A meta seria transformá-lo no novo *homem*, que corresponderia ao ouro, o metal puro por excelência” (SILVEIRA, 1981, p. 126). Os procedimentos alquímicos representam transformação, a realização da totalidade, da integração de todos os opostos. Na percepção junguiana, assim como os processos psíquicos, o sujeito envolto em suas questões, ou acompanhado por uma terapeuta, funciona como um alquimista que trabalha no seu vaso alquímico. O inconsciente corresponde à prima matéria, precisa passar pela *opus*, um processo que requer inúmeras fases de transformação para se chegar à pedra filosofal – individuação. “‘O grande trabalho’ descrito pelos alquimistas correspondia exatamente ao processo de individuação que ele desvendara na profundidade do inconsciente. *Opus* alquímico e processo de individuação eram ‘fenômenos gêmeos’” (SILVEIRA, 1981, p. 127).

### 3 RITO NA CONTEMPORANEIDADE

O homem, ao longo da existência, criou inúmeros rituais, alguns mais elaborados que outros, os quais o ajuda a passar pelas mudanças necessárias e iniciar novos ciclos. Em cada sociedade e época, os rituais tomam configurações específicas, com práticas únicas, que se assemelham pela reverberação interior de uma vivência de renascimento para quem vive o ritual, possibilitando-lhe transformação psíquica.

O antropólogo francês Arnold Van Gennep (1873-1957) foi quem denominou primeiramente alguns ritos como “rito de passagem”, observando que estes apresentam como característica similar materializar a modificação de situação social (VAN GENNEP, 2013). “O reconhecimento da passagem implica a ideia de que o trânsito de uma situação a outra é coisa importante, ato grave que deve ser cercado de cuidados especiais” (JUNQUEIRA, 1985, p. 176 apud MANSK, 2009, p. 57).

Os efeitos proporcionados pelos rituais chamaram atenção de muitos pesquisadores, destacando-se Carl Gustav Jung, que buscava evidências para sua teoria sobre a psique humana ser constituída por uma base arquetípica e encontrou nos rituais uma experiência de atualização mítica, que seriam a manifestação de conteúdos arquetípicos.

De acordo com Jung (1936/2014d, v. IX/1, p. 51-52), os arquétipos indicam “a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”. Para ele, ninguém nasce como *tabula rasa*, porque há um fator apriorístico em todas as atividades humanas. Por isso, há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida.

Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas formas sem conteúdo, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação (JUNG, 1936/2014d, v. IX/1, p. 57).

A psique humana para Jung (1936-1939/2014a, v. IX/1) possui uma condição prévia tremendamente complicada e rigorosamente determinada para cada indivíduo que, no entanto, não pode ser vista de forma direta. De forma coletiva, os arquétipos se manifestam através dos mitos, contos de fadas; de forma individual, se conectam com o inconsciente pessoal do sujeito e produzem os complexos, os sonhos,

produção de fantasia psicótica. Para Jung, os mitos são conteúdos importantes do psicólogo/pesquisador entrar em contato porque apresentam “revelações originárias da alma pré-consciente, pronunciamentos involuntários acerca do acontecimento anímico inconsciente” (JUNG, 1936-1939/2014a, v. IX/1, p. 155).

Os mitos descrevem uma vivência universal, um drama atemporal, se caracterizando como o acervo da alma humana. Através de uma linguagem simbólica, cada mito possui um tema central que remete aos arquétipos, à psique objetiva, ao inconsciente. "Através do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida" (BRANDAO, 2015, p. 41). Essa conexão com o estado de origem é transformadora porque possibilita ao homem acessar a força que deuses e heróis possuem, saber o segredo da origem das coisas. Isso torna o mundo circular, reatualizável, recupera o tempo sagrado do mito e permite libertar o homem da linearidade da vida comum - profana, da irreversibilidade. Essa possibilidade dá o poder de o homem recomeçar sua vida, recriar seu mundo, viver um tempo da eternidade (BRANDAO, 2015).

Os símbolos, para a perspectiva da Psicologia Analítica, são a melhor expressão do que é desconhecido, conecta os conteúdos do inconsciente com a consciência. Sua expressão individual pode ser através de sonhos e fantasias, e sua expressão coletiva pode ser através dos mitos e contos de fadas. A relação entre símbolo e rituais é tão clara para Jung (1988, p 46, apud PITHON, 2010) que o mesmo apresenta que “sob a forma abstrata, os símbolos são ideias religiosas; sob forma de ação, são ritos ou cerimônias”.

Através dos rituais, é possível externalizar a experiência interior de cada um (CAMPBELL, 1990) e isso acontece através do mito em ação (BRANDAO, 2015). “As imagens dos mitos são reflexos das potencialidades espirituais de cada um de nós. Ao contemplá-los evocamos os seus poderes em nossas próprias vidas” (CAMPBELL, 1990, p 217). Os mitos descrevem aquilo que o ser humano pode conhecer e experimentar interiormente, as experiências de vida. Portanto, tratam-se de vivências universais e arquetípicas. Revelam os elementos primordiais e estruturais da psique, as tendências inatas e hereditárias, as predisposições para vivenciar qualquer experiência. Eles contam o que os seres humanos tem em comum, histórias da busca pela verdade, pelo sentido, pela significação. Qualquer pessoa sente a necessidade de compreender sua própria história, de enfrentar a morte, e o mito ajuda nas

passagens que exigem mortes e nascimentos, em dar sentido à vida, em tocar o eterno, compreendendo o misterioso (CAMPBELL, 1990).

De acordo com Hillman (1992), estamos cercados por inúmeros mitos. O mito reside onde há realidade, o que inclui temas que são considerados comuns, garantidos. Os mitos estão sempre acontecendo, porque a imaginação é uma constante, sobretudo, nas famílias. Ele destaca que as exaustivas dificuldades gerais que consomem a vida familiar revelam a grande emoção que tais vivências possibilitam, o que sugerem ter grande valor para as pessoas. Essas relações referem-se aos mitos familiares por serem vividos inconsciente e coletivamente como verdades, recheados de emoção e com consequências a longo prazo. A família seria, de acordo com Hillman (1992), mais que significados convencionais, trata-se de um contexto em que se está, a todo momento, atualizando mitos.

Ritualizar possibilita ao homem comum se aproximar do mundo mítico, ser contemporâneo dos deuses. Sair do seu tempo histórico, constituído pela soma de eventos pessoais e interpessoais para se reunir aos deuses, no tempo primordial e sagrado, o qual nenhum acontecimento é único e vivido pela primeira vez. A mitologia expressa uma canção do universo, uma música que todos dançam mesmo quando não se reconhece a melodia (ELIADE, 1975). Essa força permeia os rituais que exigem assumir um novo papel, uma nova responsabilidade e ao mesmo tempo, deixar para trás o que é velho, algo bastante visível em certos estágios da vida, como na transição da infância para a adolescência, e na condição de solteiro para a de casado (CAMPBELL, 1990).

Jung corrobora essa ideia de rito de passagem ao afirmar:

[...] ao estudarmos a psicologia dos primitivos descobrimos que todos os fatos importantes da vida estão ligados a cerimônias elaboradas, cujo propósito central é libertar o homem do estágio precedente da existência e ajudá-lo a transferir sua energia psíquica para a fase seguinte (JUNG, 2013c, v. XVIII/1, p. 176-177).

Além desta função, ele ainda pontua outros significados que os ritos de passagem teriam como de “afastar eventuais danos psíquicos que ameaçam esses momentos” e “preparar o iniciando e proporcionar-lhe os ensinamentos necessários à vida” (JUNG, 1939-1950/2013e, v. XVI/1, p.112). A partir do contato com os símbolos que tais rituais proporcionam, o significado dessas vivências ritualísticas pode implicar em desenvolvimento de personalidade, o que na concepção de Jung se refere ao

processo de individuação. Algumas práticas ritualísticas incluem a mudança de nome, como necessidade de “provarem que não têm mais a mesma personalidade” (JUNG, 2013c, v. XVIII/1, p. 176).

Assim como um rapto, uma morte, o casamento consiste na mudança de meio e de estado. Por não envolver apenas dois indivíduos, mas minimamente duas famílias, engloba à vivência da iniciação a de separação, o que causa uma perturbação social, uma ruptura de equilíbrio. “...As núpcias são aí ocasiões de parada da produção, de gasto das economias, de sobressaltos da sensibilidade habitualmente apática” (VAN GENNEP, 2013, p. 123). Esse despertar de reflexão é o que possibilita um novo olhar sobre si mesmo, sobre a família de origem e essa nova família que está sendo criada.

De forma visível, percebe-se que ao longo do tempo, os rituais sofreram muitas mudanças em sua forma, e, na nossa sociedade ocidental atual, perderam consideravelmente seu valor socialmente compartilhado. E isso se deve a alguns motivos, inclusive características próprias da nossa sociedade, que valoriza mais vivências rápidas, sem muito comprometimento físico e social, conectadas às redes sociais, sem referências para se guiarem. Nota-se também que um grande número de pessoas questiona os efeitos dos rituais, e muitas vezes, não os consideram imprescindíveis para ajudar nas mudanças necessárias para seguir em direção às novas fases. Além do descrédito quanto aos efeitos dos rituais, percebe-se também que muitos rituais são encarados desconsiderando o seu real propósito, valorizando apenas a situação estética e social em detrimento da possível transformação psíquica decorrente da vivência ritualística.

Segundo Mansk (2009), mesmo com todas as mudanças da sociedade e na sua forma de se organizar e relacionar, há uma necessidade humana que não se altera: todo ser humano enfrenta, em alguma fase marcante de sua vida, o novo, o desconhecido e isso lhe causa angústia quanto à mudança. Mesmo no mundo pós-moderno, as pessoas ou grupos continuam a buscar respostas às crises existenciais e onde há possíveis respostas, há vontade de acessá-las. Essa ideia é corroborada quando verificamos o significado etimológico do rito, pois fica claro que o humano utiliza os rituais para lidar com as “desordens” da vida ou, em outras palavras, com as tensões existenciais. O rito restaura, ajuda a pôr ordem no caos (MANSK, 2009).

Fourez (1984, apud MANSK, 2009) acrescenta que as respostas a tais questionamentos não são encontradas apenas pela via da linguagem racional.

Através dos ritos se ultrapassam os discursos racionais e moralizantes. Eles tocam nas tensões mais profundas da existência e evocam o transcendente sob uma forma ou outra. “Os ritos não falam só do que se faz ou do que se tem: diante dos momentos críticos da vida eles se referem ao que chegaremos a ser” (FOUREZ, 1984, p. 16, apud MANSK, 2009, p. 83).

Mansk (2009) apresenta contribuições importantes de Kertzer (apud MITCHELL, 1995) sobre a função/existência dos ritos na sociedade contemporânea. Numa sociedade onde a família ‘nuclear’ tradicional estável não é a regra, lares desfeitos e monoparentais são cada vez mais comuns, os ritos funcionam como instrumentos muito importantes para manter a solidariedade entre grupos de parentes, através da convocação da família. Dessa forma, os eventos ritualísticos que reúnem as pessoas se tornam um marco referencial de pertença a uma família, muitas vezes criando laços mais fortes do que os laços de sangue, mesmo naquelas sociedades que supostamente não têm mais ritos (MITCHELL, 1995 apud MANSK, 2009).

Os ritos de passagem atendem a uma necessidade básica, universal e psicológica do ser humano, como indivíduo e membro de uma comunidade (ULLMANN, 1991, apud MANSK, 2009). O rito é fundamental ao ser humano, está na própria essência humana. Dentre tantas explicações do que é o ser humano, Tamayo-Acosta (1998, p. 69, apud MANSK, 2009, p. 83) define como um ser ritual:

O ser humano sempre se comportou ritualmente, a tal ponto que não é exagero afirmar que o rito é um elemento constitutivo da existência humana. O ser humano, social como é, precisa de manifestações externas para se relacionar com o mundo e com os seus semelhantes.

Diante da desvalorização dos ritos pela sociedade, e de uma falsa ideia de que na pós-modernidade não se tem mais ritos, Mitchell (1995, apud MANSK, 2009) cita Kertzer, que defende que essa opinião é fundamentada para aqueles que têm uma definição restrita de rito, como algo ligado à tradição, repetitivo, formal, não-autoconsciente, coletivo.

Os dados etnográficos e psicológicos de Mitchell comprovam a atual proliferação de rituais e o surgimento de novos rituais como resultado de uma nova compreensão das condições e pressões sociais; o que reforça que “o rito está vivo e forte onde quer que as pessoas busquem respostas críticas e originais “a

configurações sociais radicalmente mudadas” (MITCHELL, 1995, p. 164 apud MANSK, 2009, p. 79).

Através do estudo dos ritos de passagem, Van Gennep (1978, apud MANSK, 2009) apresenta que os principais momentos de transição da vida acontecem em torno de: gravidez, parto, nascimento, infância, adolescência, vida adulta, casamento e morte. Dentre os ritos valorizados e praticados atualmente, podemos citar o rito de batismo, o rito de aniversário de 15 anos das meninas, o rito de iniciação na inserção das faculdades, o rito de conclusão de graduação, com a formatura, o rito de funeral e o rito de casamento. Partindo da concepção junguiana de que “o efeito do rito genuíno não é mágico, mas psicológico” (JUNG, 2002, p. 378, apud PITHON, 2010, p. 17) e que a vivência ritualística pode proporcionar um renascimento psicológico e consequente ampliação da personalidade (JUNG, 1986 apud PITHON, 2010), o presente estudo buscou entender como tais transformações ocorrem na vivência do ritual, especificamente do casamento contemporâneo.

## 4 ATUALIZAÇÃO DO ARQUÉTIPO DO CASAMENTO

Conforme definição explanada em capítulo anterior, arquétipo é “um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada *a priori* da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas [...]” (JUNG, 1936-1939/2014b, v. IX/1, p. 87). Essa herança não se difunde pela simples tradição, linguagem e migração, ela ressurge “espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa” (JUNG, 1936-1939/2014b, v. IX/1, p. 86). A experiência de casamento faz parte de uma dessas situações típicas da vida, que foi herdada como uma forma, vivenciadas de formas variadas, a depender da cultura, sociedade e indivíduo.

O casamento é uma vivência que transcende épocas e culturas. Assim como todo ritual, configura-se de forma bastante diversa a depender da sociedade, agregando outros sentidos e funções, no entanto, “ainda persistem de algum modo os antigos padrões de aproximação e escolha em sua inteireza ou em novos estilos” (AZEVEDO, 1987, p. 54 apud MANSK, 2009, p. 64). Azevedo (1987, p. 48 apud MANSK, 2009, p. 64) acrescenta que “nenhum outro passo de crescimento e da realização humanos é cercado e ativado mais que o casamento, por ações rituais e cerimoniais significativas, solenes, envolventes”, sendo tal fato observado em todas as culturas e sociedades.

Ao longo dos anos, as configurações do casamento sofreram muitas alterações, sendo atualizadas quanto ao seu papel, efeitos sociais, envolvimento dos familiares, exigências pré-matrimoniais, entre outras. O estudo de Zordan, Falcke e Wagner (2009 apud MARINHO-DIAS, 2017, p. 23) aponta que casar na contemporaneidade continua sendo desejado pelos jovens, embora não esteja entre seus principais projetos de vida. As mudanças na composição do casamento são acompanhadas dos efeitos psicológicos que esse rito de passagem proporciona aos envolvidos. Pode-se destacar a transição de função de sobrevivência econômica para símbolo de liberdade individual como uma das transformações significativas do rito de casamento (LEITE, 2003, apud FONSECA; DUARTE; 2014).

Corroborando as ideias acima, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – comprovam a presença ainda viva desse rito na atual sociedade, revelando que, em dez anos, o número de casamentos registrados no Brasil

permanece expressivo, apesar de uma baixa em termos de valores relativos (em valores absolutos, 768.923 em 2007 e 785.557 em 2017, segundo tabelas 1 e 2). Além disso, analisando a relação entre casamento e a idade dos cônjuges, pode-se observar que as pessoas estão optando por se casar mais tarde: percebe-se uma baixa de número de homens e de mulheres que casam entre 25 e 29 anos (14,02% e 0,77%, respectivamente) e um aumento do número de homens e de mulheres que casam com mais de 30 anos (19,10% - entre 30 e 34 anos e 35,55% - entre 35 e 39 anos para os homens, e 30,92% - entre 30 e 34 anos e 45,51% - entre 35 e 39 anos, para as mulheres).

TABELA 1 - CASAMENTOS ENTRE SOLTEIROS, POR GRUPOS DE IDADE DO HOMEM, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE DA MULHER, 2007

Grupos de idade da mulher	Casamentos entre solteiros, por grupos de idade do homem													
	Total de registros	Menos de 15 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 anos ou mais	Idade ignorada
<b>Total</b>	<b>768 923</b>	<b>17</b>	<b>32 333</b>	<b>220 966</b>	<b>258 565</b>	<b>136 776</b>	<b>61 851</b>	<b>28 298</b>	<b>12 622</b>	<b>6 213</b>	<b>3 688</b>	<b>2 433</b>	<b>4 551</b>	<b>610</b>
Menos de 15 anos	596	4	179	277	90	29	10	4	1	1	1	-	-	-
15 a 19 anos	138 267	7	20 411	75 544	32 156	7 573	1 844	501	140	39	25	11	15	1
20 a 24 anos	255 306	4	9 233	104 419	102 459	29 136	7 292	1 915	548	154	68	22	54	2
<b>25 a 29 anos</b>	<b>207 501</b>	-	1 919	32 180	<b>94 975</b>	<b>55 488</b>	<b>16 571</b>	4 473	1 203	372	144	81	93	2
<b>30 a 34 anos</b>	<b>91 804</b>	2	398	6 507	<b>22 531</b>	<b>32 723</b>	<b>19 692</b>	6 835	1 997	600	248	105	164	2
<b>35 a 39 anos</b>	<b>38 834</b>	-	126	1 516	<b>4 857</b>	<b>8 875</b>	<b>11 465</b>	7 626	2 668	943	350	168	240	-
40 a 44 anos	17 544	-	37	376	1 102	2 166	3 633	4 739	3 169	1 282	454	269	317	-
45 a 49 anos	8 162	-	12	75	274	557	955	1 552	1 919	1 424	684	294	416	-
50 a 54 anos	4 531	-	8	28	68	140	277	447	685	931	921	516	509	1
55 a 59 anos	2 440	-	4	15	21	36	69	142	191	314	553	527	568	-
60 a 64 anos	1 330	-	2	8	11	15	27	29	59	96	162	287	634	-
65 anos ou mais	1 983	-	4	15	16	32	14	33	41	57	78	153	1 539	1
Idade ignorada	625	-	-	6	5	6	2	2	1	-	-	-	2	601

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil 2007.

Acessado dia 05.02.2019, no site <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/91110-estatisticas-do-registro-civil.html?=&t=downloads>,

TABELA 2 - CASAMENTOS ENTRE SOLTEIROS, POR GRUPOS DE IDADE DO HOMEM, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE DA MULHER, 2017

Grupos de idade do cônjuge feminino	Casamentos entre solteiros, por grupos de idade do cônjuge masculino													
	Total de registros	Menos de 15 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 34 anos	35 a 39 anos	40 a 44 anos	45 a 49 anos	50 a 54 anos	55 a 59 anos	60 a 64 anos	65 anos ou mais	Idade ignorada
<b>Total</b>	<b>785 557</b>	7	24 721	172 312	222 296	169 083	95 969	47 576	25 628	14 002	6 815	3 398	3 582	168
Menos de 15 anos	197	3	102	66	16	5	4	-	1	-	-	-	-	-
15 a 19 anos	93 932	4	16 337	52 836	18 022	4 814	1 369	375	116	41	10	4	2	2
20 a 24 anos	212 064	-	6 640	87 480	80 929	26 679	7 535	1 967	560	175	51	24	20	4
25 a 29 anos	205 889	-	1 191	23 541	88 696	64 341	20 622	5 236	1 583	474	130	34	37	4
30 a 34 anos	132 913	-	317	5 947	25 814	52 312	33 470	10 422	3 097	1 029	317	116	63	9
35 a 39 anos	71 274	-	102	1 801	6 728	15 618	23 461	15 072	5 735	1 887	534	196	140	-
40 a 44 anos	33 908	-	20	450	1 520	3 879	6 802	9 751	7 188	2 873	936	295	192	2
45 a 49 anos	18 153	-	9	128	384	1 080	1 979	3 405	4 914	3 903	1 513	497	339	2
50 a 54 anos	9 416	-	1	40	125	273	556	1 003	1 761	2 535	1 862	780	479	1
55 a 59 anos	4 104	-	-	8	30	51	125	235	495	788	1 017	789	566	-
60 a 64 anos	1 837	-	1	4	14	13	27	66	117	209	319	480	587	-
65 anos ou mais	1 698	-	1	7	9	14	16	40	60	86	126	183	1 156	-
Idade ignorada	172	-	-	4	9	4	3	4	1	2	-	-	1	144

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil 2007.

Acessado dia 05.02.2019, no site <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?=&t=downloads>,

Segundo Mansk (2009), no Brasil, em 1889, com a separação entre igreja e estado e a instituição de um estado laico, foi estabelecida por lei a obrigatoriedade do casamento civil antes do religioso. A constituição de 1934, no entanto, passa a validar a realização de casamento religioso com efeito civil, já que para efeitos legais, a exigência da lei é a mesma no tocante à documentação necessária para a habilitação do casal, tanto em relação ao casamento civil, quanto ao religioso com efeito civil (BRASIL, Código Civil, 2002, art. 1516). O que se vê ao longo dos anos, é a prática de uma cerimônia única e em grande maioria, de caráter religioso, mesmo os cônjuges não se considerando religiosos praticantes. Azevedo (1987, p. 49 apud MASK, 2009, p. 64) explica que a “preferência pela cerimônia religiosa está justamente no aspecto ritual solene, formal, em ambiente igualmente impressionante”.

Atualmente, no Brasil, existem, além do casamento civil e religioso, outras formas das pessoas constituírem família, como a união estável e até mesmo compartilhando da mesma moradia e responsabilidades, sem nenhum registro explícito, mas compartilhando um contrato subjetivo, informal e amoroso. O casamento “estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges” (BRASIL, Código Civil, 2002, art. 1511). Neste contrato

estável e formal, os cônjuges objetivam satisfação e amparo recíprocos, tendo por consequência a constituição de família (FIUZA, 2008). Além do efeito na situação dos bens do casal, antes, durante e após o casamento, a depender do regime adotado, o contrato de casamento impacta na herança, obrigação de apoio e responsabilidades perante filhos (BRASIL, Código Civil, 2002).

O casamento do ponto de vista religioso ou matrimonial é reconhecido pela comunidade religiosa, e elevado ao estatuto de sacramento da Igreja Católica.

A união estável, por sua vez, é configurada na convivência pública contínua e duradoura de pessoas que não são legalmente casadas (ALCÂNTARA; CERQUEIRA; SILVA, 2016), de caráter fatídico e informal, com elemento caracterizador a finalidade de constituição de família (GAGLIANO, 2016).

Tanto a união estável quanto o casamento, e outras formas de arranjos familiares, “não são fim em si mesmos, mas, tão somente, o *locus* de realização e busca da felicidade dos seus integrantes” (GAGLIANO, 2016, p. 119). Além disso, as duas primeiras formas de oficialização citadas anteriormente têm caráter contratual das relações conjugais, que evidenciam os direitos e as obrigações dos cônjuges e são reconhecidos juridicamente, firmando-se como formas distintas de família, conforme expresso na Constituição Federal (§3º do art. 226), tanto que a união estável pode ser convertida para casamento.

Apesar de atualmente a discussão entre semelhanças e diferenças entre união estável e casamento ser forte no campo jurídico, com discordâncias entre autores que seguem pontos de vistas distintos, não aprofundadas neste trabalho pois foge à proposta específica, será considerado aqui que, diferentemente da união estável, o casamento prevê por lei um rito de celebração e se caracteriza por uma entidade formal e geradora de estado civil, que assegura uma prova mais clara e simples do estado de casado, e uma vivência solene (GAGLIANO, 2016). Além disso, é exclusivo do contrato de casamento “a possibilidade de os cônjuges adotarem o nome um do outro; os privilégios sucessórios; a amplitude da regulamentação dos regimes matrimoniais; o dever de fidelidade, cujo desrespeito ainda é punido como adultério; dentro outras” (FIUZA, 2008, p. 932-933).

Apesar destas serem diferenças importantes quanto ao direito civil, observa-se que, muitas vezes, não são discutidas nem compreendidas pelos cônjuges, e a escolha é feita em algumas situações pela praticidade que a união estável oferece. Vale pontuar que, apesar de possuir diferenças conceituais e práticas, a exclusividade

da experiência de rito do casamento é apenas formal, já que nada impede que formas distintas de oficialização, que não o casamento civil, sejam vividas como um momento de grande significação, como qualquer outro rito.

Como rito de passagem do ciclo da vida, na maioria dos casos, o casamento coincide com a inserção no mundo adulto, e suas conseqüentes responsabilidades: sair da casa dos pais ou construir um novo lar dentro de um lar antigo, para aqueles que permanecem com a família de origem, assumir o seu sustento financeiro, constituir uma família. Além disso, os padrões contemporâneos de construção e dissolução da conjugalidade e de reconstituição da família ganham contornos cada vez mais heterogêneos, com limites mais ambíguos. Dessa forma, a reflexão sobre como é vivido o casamento na sociedade atual coaduna-se com o diálogo acerca da contemporaneidade, da família, do indivíduo e da mudança social, sobressaindo os temas da conjugalidade ou do casal (ALCÂNTARA; CERQUEIRA; SILVA, 2016).

Conjugalidade e família se entrelaçam antes, durante e depois da formalização da relação de duas pessoas. Ao se estudar os efeitos que a formalização de um casamento através de um rito proporciona aos indivíduos, não se pode desconsiderar a inegável importância da família de origem na construção da subjetividade do indivíduo, em sua “bagagem” emocional e prática presentes nas vivências que teve ao longo da vida. Tais fatores têm influência direta no comportamento do cônjuge em relação ao seu par, antes e depois do casamento (ALCÂNTARA; CERQUEIRA; SILVA, 2016). Como também não se pode deixar de pensar na construção de uma família a partir de duas famílias.

O significado do casamento para a vida do casal vai sendo formado ao longo de suas vivências e mudanças sentidas a partir desta relação. Em estudo comparativo entre antes e depois do casamento, Fonseca e Duarte (2014) apresentam que, para seu grupo de entrevistados, os significados do casamento, na fase de namoro, eram sinônimos de um projeto que, mais cedo ou mais tarde, teria lugar; que representava uma afirmação do parceiro e da relação e também significava dificuldade. Depois de oficializado, para a grande parte dos entrevistados, não se registram alterações nos seus significados, mas houve quem sinalizasse que o casamento implica dificuldades, que não é uma linear continuidade do namoro e quem o ressignificasse no sentido positivo.

Esse estudo (FONSECA; DUARTE, 2014) ainda contribui para entender que, mesmo se relacionando antes de oficializar a relação, só após o casamento o casal

se descobre diferente do que previamente expectava em alguns aspectos: diferenças que passam por uma maior flexibilização, uma maior necessidade de espaço individual, uma maior ou menor competência na gestão doméstica, e ainda uma maior facilidade na desvinculação das figuras parentais que o casamento proporciona. A escolha livre e voluntária de unir-se oficialmente a outra pessoa convida o casal a se reconhecer, forçando, conseqüentemente, um redescobrir individual em vários aspectos.

Mansk (2009) enfatiza o impacto que o casamento tem, não só para os indivíduos envolvidos, mas também para os grupos de suas relações. Utilizando a análise do estudo de Van Gennep, percebe a função social do rito de passagem como meio através do qual as novas configurações sociais e identitárias se legitimam. O rito, entre outros aspectos, tem a função de confirmar a mudança, de legitimar a formação de uma nova família e de estabelecer relações entre novos grupos. Portanto, segundo Mansk (2009), Van Gennep mostrou que o rito de passagem estabelece redes de relacionamentos e ajuda as pessoas a assumirem a sua nova identidade individual e social.

Pensando na configuração do casamento atual, é imprescindível falar sobre desejo e amor, temas que norteiam a conjugalidade contemporânea (ALCÂNTARA; CERQUEIRA; SILVA, 2016). As trocas afetivas, sexuais e reciprocidade de poder entre membros adultos da família enfatizam o papel central do afeto como determinante nas escolhas dos indivíduos por casar e por divorciar-se a ponto de que todos reconhecem essa forma de união como desejável. É possível se comparar a família constituída por casal sem filhos com a imagem da “relação pura” descrita por Giddens (1995 apud ALCÂNTARA; CERQUEIRA; SILVA, 2016), em que permanecer casado ou se separar depende da decisão tomada em face da avaliação da intensidade de gratificação do relacionamento. Essa decisão está vinculada à visão idealizada a respeito da conjugalidade na qual prevalece a expectativa de realização de completude e bem-estar, eleita como critério prioritário na constatação da validade do relacionamento a dois (ALCÂNTARA; CERQUEIRA; SILVA, 2016).

Bauman (2004 apud ALCÂNTARA; CERQUEIRA; SILVA, 2016) aponta para uma relação entre os laços humanos marcados pela fragilidade na modernidade líquida, o que ele denomina como amor líquido. Ao contrário do que se possa imaginar, o casamento não acaba por não ser importante, e sim por ser tão importante que os cônjuges não aceitam o fato de ele não corresponder às suas expectativas.

A formação do casal atual está tão marcada pelos sentimentos e expectativas do casal que Fornasier (2016) apresenta diferenças entre enamoramento/paixão e amor. O primeiro retrata aquele sentimento espontâneo, estático, que ocorre muitas vezes de modo súbito, já o segundo se manifesta como um ato da vontade, sustentado pelo juízo. Pode-se afirmar que o compromisso, firmado em rituais de casamento, perpassa pela ordem do sentimento, do desejo, mas para fazê-lo cumprir também se utiliza a razão, o planejamento de uma vida a dois, a análise do que é viver em relação. Não opera apenas o sentimento - *pathos*, mas também o *logos* – razão. Essa vivência de transformação de paixão para amor tanto pode impulsionar o casal a se comprometer, submetendo-se ao rito, quanto o próprio rito pode incitar a mobilização para o amor. É justamente o trabalho do amor que une *pathos* e *logos* para movimentar energia que cumpra uma transformação (BOTTURI, 2013, apud FORNASIER, 2016), assim como o rito fortalece os envolvidos para uma nova fase de vida. No entanto, culturalmente, a sociedade influenciada pelo Romantismo, e pelos ideais de amor que exaltam a via afetiva de modo absoluto, destituído de razão, rejeita esse movimento de transformação. Transformar a paixão em amor requer liberdade de escolher, querer amar, sair da espontaneidade para o relacionar-se de forma produtiva. Parece que, frequentemente, o desejo da cultura contemporânea é “que a lagarta não se transforme em borboleta, ou, sobretudo, que a lagarta assuma a aparência da borboleta sem, no entanto, perder suas características próprias” (FORNASIER, 2016, p. 95).

Essa ideia é corroborada por Feres-Carneiro (1988, p. 1):

[...] todo fascínio e toda dificuldade de ser casal, reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois?

O casamento contemporâneo representa expressão individual de escolha do parceiro, de construção de uma nova família, a partir de valores, costumes e princípios próprios do casal que ditarão características específicas da relação. Trata-se de uma relação em que duas pessoas, duas individualidades, duas formas de pensar e ver

distintos, estão a todo momento, sendo convidadas a entrarem em acordo, a chegar à concordância (FERES-CARNEIRO, 1988).

Neste aspecto, é válido pontuar temas modernos que convivem paralelamente e que fomentam a complexidade que configura o casamento atual. O casal convive concomitante com estimulação para um gozo maior da sexualidade (onipresente na mídia e nas artes) e com valores monogâmicos de uma relação a dois; exaltação de um estilo de vida altamente individualista, que preza a realização individual acima de tudo, e que é incompatível com o espírito de familismo que deve acompanhar a vida de um casal; e o apelo ao novo e à descartabilidade, batendo de frente com a noção de comprometimento inerente à opção de quem quer se casar (JABLONSKI, 2001).

Não se torna uma tarefa simples desenvolver uma nova identidade que se baseie na relação, visto as condições culturais atuais enfatizarem os direitos individuais e as satisfações de suas necessidades pessoais. Enquanto casal, há um desequilíbrio de conquistas, visto que, ao passo que os indivíduos conseguem provar e sentir os afetos de forma mais livre, há uma tendência a diminuir a construção de compromissos que assumam um objetivo comum do casal (CIGOLI; SCABINI, 2007).

Tratam-se de dois sujeitos, que já estavam em seu processo individual de desenvolvimento, e que agora também estão engajados num processo a dois, que pode ser inédito para ambos e disparar processos subjetivos intensos e relevantes para que se reconheçam individualmente como sujeitos únicos, ou inseridos na díade do casal, e nas múltiplas relações sociais e familiares. Esse ineditismo na vida do casal frequentemente ainda vem acompanhado das expectativas e significados atribuídos ao casamento, criando uma condição potencialmente mobilizadora do ponto de vista de estruturação subjetiva. Segundo Jablonski (2001, p. 17):

Parece estar em andamento uma tendência a observar que o sucesso de uma união não é alguma coisa “dada”, que cai do céu, e sim, algo que resulta da valorização de um compromisso a longo prazo e que pede uma ação conjunta do casal, no sentido de se comprometer a manter a relação, apesar das dificuldades e percalços existentes.

Os estudos de Fonseca e Duarte (2014) corroboram a necessidade de comprometimento do casal em resolução de conflitos após o casamento, já que há um aumento de conflitos nos primeiros anos de casamento, comparado à fase de namoro, e que é diminuído com o tempo. Quanto às razões desses conflitos, as

características pessoais e o grupo de pares são fatores presentes antes do casamento e que permanecem relevantes após o casamento, juntamente com a vida profissional e sexual.

O que faz desse rito complexo e ao mesmo tempo rico para o desenvolvimento de personalidade singular é que, de acordo com Behrens e Sanders (1994, apud FONSECA; DUARTE, 2014), o momento de construção de uma identidade conjugal é, ao mesmo tempo, muitas vezes, tumultuoso e com dificuldade acrescida, mas também é um período de fluxo onde os padrões de interação podem estar mais permeáveis à influência e à mudança, o que pode impulsionar o processo de individuação dos envolvidos.

Assim, o papel de construir uma relação única requer de cada cônjuge envolvido uma resignificação de sua própria singularidade, que é exigida a se reconfigurar através da relação íntima com outra pessoa, temas que serão abordados nos próximos capítulos.

## 5 NÚPCIAS COM A MORTE

Como esse trabalho tem como objetivo analisar o significado do ritual de casamento na perspectiva junguiana, vale ressaltar que Jung pouco falou diretamente sobre o tema ao longo de sua obra, criando apenas um texto específico sobre casamento: “O casamento como relacionamento psíquico” (1910/2013d, v. XVII). A análise aqui proposta visa apreender as metáforas que na Psicologia Analítica remetem ao processo de casamento e, dessa forma, analisar de forma simbólica o desenvolvimento do significado do casamento na perspectiva analítica.

A temática do casamento incita a discussão do que é necessário morrer para algo novo nascer. Na busca do entendimento psicológico da morte, levando em conta a visão filosófica de encará-la do ponto de vista da vida e não apenas como o fim da vida ou estado final, o casamento surge como uma das imagens simbólicas de morte que dão lugar à transformação. “Sem uma morte para o mundo da ordem antiga, não há lugar para renovação porque [...] é ilusório esperar que o crescimento seja apenas um processo aditivo que não exige nem sacrifício nem morte” (HILLMAN, 1964/2011, p. 80).

Nesse contexto, Hillman (1964/2011) sugere que é necessário vivenciar ao longo da vida diversas mortes simbólicas, que alimentam o sujeito para se abrir a novos estágios e que o convidam a transformações psíquicas. Essas mortes falam de vida, porque ambas chegam juntas ao mundo, e complementam-se reciprocamente, sendo compreensíveis apenas quando colocadas uma em relação à outra. Diferente de definição médica e legal, para a Psicologia Analítica, entra-se na morte continuamente, e não apenas no momento que se morre literalmente. Cada evento da vida de um indivíduo contribui para sua morte, construindo-a ao passo que se vive. Por isso, a vida adquire valor através da morte.

No livro, *Amor e Psiquê: Uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina*, Erich Neumann (1995) apresenta o mito de Psiquê e Eros e o quanto ambos se desenvolveram a partir do seu casamento. Alguns trechos do livro ajudam a esclarecer o tema das núpcias com a morte que o ritual de casamento proporciona. Cabe refletir sobre alguns pontos desse mito.

O casamento de Psiquê foi profetizado que aconteceria com um monstro, cruel e feroz. Por conta disso, a mortal se prepara para as núpcias com o sentimento

de que sua vida iria acabar com aquela transição. Caminhou para o casamento do mesmo jeito que se caminha para a morte, enxugando as lágrimas no véu do vestido, “acompanhada pelo cortejo fúnebre de suas exéquias” (NEUMANN, 1995, p. 14). Além disso, foi exigido que ela desse atenção e se lembrasse da nova função de mulher em detrimento da função de irmã e filha. Essa parte do mito pode representar algumas mortes que o casamento convida aos cônjuges a viverem para aceitar a nova condição social e necessidades individuais e conjugais que estão por vir. Em determinadas realidades sociais, o ritual de casamento incita uma separação da família pregressa, de uma condição predominantemente de filho, que constituía um dos elementos principais de uma família nuclear. Aceitar passar pelo rito de passagem do casamento é se colocar disponível, principalmente psiquicamente, a passar de uma condição para outra que só acontece ao deixar morrer algumas especificidades do momento anterior e se preparar para adquirir outros papéis.

A conjugalidade, segundo Vargas (2004, apud MARINHO-DIAS, 2017), só se constitui através de um relacionamento entre dois seres humanos que se sintam mutuamente atraídos e motivados a compartilhar as suas vidas, em diferentes graus. Não é simplesmente a interação das características individuais dos parceiros. É um espaço próprio, que contém a soma de todos os conteúdos psíquicos, incluindo a identidade do ego e do outro, no consciente e no inconsciente (BYINGTON, 2003 apud MARINHO-DIAS, 2017). Dessa forma, para nascer a conjugalidade, presume-se que a individualidade pura ceda espaço para maiores encontros que conjuguem os objetivos comuns do casal.

Vale ressaltar que não se fala aqui em se perder a individualidade. Até porque, se isso acontecer, pode significar que existiu uma completa identificação e que o casal está em estado simbiótico, o que se contrapõe ao processo individual dos cônjuges. O relacionamento conjugal abre espaço para que se desenvolva um equilíbrio entre conjugalidade e individualidade, onde conviverão juntos aspectos que tendem a aproximar o casal, bem como aspectos que tendem a separá-los (SANFORD, 1986 apud MARINHO-DIAS, 2017). Por isso, vê-se o nascimento de uma nova função que é encontrar o equilíbrio entre interesses individuais e do casal.

Tanto em Psiquê e Eros, quanto no mito de Core/Perséfone e Hades, encontra-se a presença de um masculino como elemento separador da filha com a família. O casamento, segundo Neumann (1995), é o arquétipo central dos mistérios femininos. Esse autor chama atenção para um dos elementos do ritual de casamento:

a defloração, o desvirginar, a noite de núpcias, não de forma literal, mas considerando o simbolismo. “Esse ato representa, para o feminino, um fim e um começo, um deixar-de-ser e um entrar-na-vida-real, ligados de maneira deveras misteriosa” (NEUMANN, 1995, p. 54). Remonta ao símbolo da flor, Core, que é raptada para o Hades, submundo, e depois retorna para a luz, transformada, conseguindo, como casada, transitar pelos mundos, consciência e inconsciente.

O fato de, na sociedade contemporânea, o desvirginar, com poucas exceções, não acontecer mais associado ao casamento, em nada modifica a existência da situação como arquétipo e como a figura central da realidade anímica feminina. O mito revela a representação inconsciente de situações decisivas da vida da sociedade, abordando as temáticas em sua forma genuína, através de suas manifestações sem interferência da consciência (NEUMANN, 1995).

O mito de Psiquê contribui para a reflexão sobre os efeitos pós rito de casamento. Em estado de inconsciência, presa ao castelo, sem outras relações, sem conhecer seu marido, e em prazer desmedido, são as irmãs, que representam uma resistência de natureza feminina, que convocam Psiquê a sair desse estado. A sua transformação psíquica se inicia quando ela dá à luz (com o cadeeiro) e amplia sua consciência sobre sua relação. Entra em contato com o masculino completo, não é nem um monstro devorador, como achou antes de conhecê-lo, nem um esposo divino. Põe abaixo as idealizações e passa a relacionar-se com um parceiro real (NEUMANN, 1995).

Ao conhecer, ter consciência da sua condição e com quem se relaciona, ela se transforma, ganha maturidade, e perde a condição infantil prazerosa. Trata-se de uma segunda defloração, que não é mais física, e sim interna, mobilizada pelo anseio de lutar contra a resistência da inconsciência, pela necessidade de sua alma tornar consciente o que é inconsciente, transformar-se. Nesse momento do mito, Psiquê, consciente, assume condição de igualdade com Eros, seu marido, e pode relacionar-se com ele de outra forma. No entanto, o desenvolvimento dela não acontece sem incitar Eros ao seu próprio desenvolvimento. Ela rompe a “participação mística” com seu parceiro e lança ambos ao destino da separação que possibilita a consciência. “O amor como expressão da totalidade do feminino não acontece nas trevas, como um processo simplesmente inconsciente; um encontro legítimo com o outro envolve consciência, a despeito da separação e do sofrimento” (NEUMANN, 1995, p. 60). E além de promover um rompimento na relação desmedida deles, com esse movimento,

Psiquê possibilita que Eros também rompa a “participação mística” que tinha com a própria mãe, numa relação em que não eram permitidas verdades, pois a mãe, Vênus/Afrodite, não autorizava o filho a se tornar homem.

Nesta parte do mito, fica evidente o quanto o movimento de um influencia o outro da relação. Mesmo o mito detalhando mais o processo de Psiquê, o seu movimento alcança Eros, e o transforma conseqüentemente. Quando Psiquê estabelece a liberdade da consciência amorosa feminina na independência do encontro, condena o amor às escuras, no anonimato, que dominava pelo prazer; assim como um Eros que teme o domínio da mãe e que a trai em segredo. É exigido dele também engajamento no seu processo que, de filho/amante, passa para um amante/humano e, através do sofrimento, encontra o caminho para lutar a favor de seu amor e unir-se com Psiquê (NEUMANN, 1995).

O processo de individuação não é regado apenas por alegrias, mas requer sofrimento, renúncias, mortes para que existam nascimentos. Psiquê, ao machucar Eros com o candeeiro, que simbolicamente carrega a luz, também se machuca ao perder o seu amor. O mito deixa claro que, para eles estarem juntos, de uma forma aberta, que permita realizar partes das suas necessidades individuais, eles precisarão desfazer o vínculo original e inconsciente que os atava, sofrer, transformar-se psiquicamente, deixar o prazer desmedido, para que nasça uma nova relação. “Ela dirige sua ação com toda a dor para a individuação, na qual a personalidade se experimenta na relação de um parceiro com o outro, ou seja, não somente a personalidade unida a um parceiro” (NEUMANN, 1995, p. 70).

Essa reflexão sobre o mito é importantíssima para entender o significado psicológico que o rito de casamento convida os cônjuges a viverem. Através da solenidade, da oportunidade de reviver a simbologia de transição que os deuses viveram, do contato com o sagrado que a atualização do mito produz através do rito, há uma convocação psíquica à transformação. Para viver uma nova relação, faz-se necessário matar as formas infantis de alcançar prazer, individuais, desfazer vínculos originais inconscientes sejam eles com a família pregressa, ou com o próprio parceiro; para haver uma promoção para individuação a partir de ilhas de consciência que a construção e manutenção dessa nova relação incita. Por meio do outro, se permitir entender de forma mais lúcida suas motivações de estar amadurecendo em prol e a partir de uma relação.

O processo de Psiquê que associa conhecimento, crescimento de consciência e desenvolvimento psíquico vem se sobrepôr à atração de opostos que Afrodite representa, deusa da atração mútua entre os opostos, terra e mar, masculino e feminino. Com o percurso trabalhado neste mito, o encontro do feminino com o masculino se processa com base na individuação, aspecto melhor trabalhado no próximo capítulo. Aparece, com isso, uma nova forma de conceber o amor individual, contrário ao preceito mitológico coletivo do êxtase sensual e do princípio do prazer, personificado por Afrodite (NEUMANN, 1995).

Analisando as tarefas que Psiquê tem que realizar por ordem de Afrodite, percebe-se que, mesmo tendo que realizá-las sozinha, sempre recebe ajuda, seja do instintual ou espiritual, que trazem representações de Eros, através da fertilização, do esplendor brilhante e da força motriz. Eros, com isso, demonstra que foi se revelando aos poucos para Psiquê, durante o próprio desenvolvimento da amada. “Sua manifestação depende dela; ele se transforma através de Psiquê e se transforma com ela” (NEUMANN, 1995, p. 86). Novamente, é possível uma relação desses atores mitológicos com os cônjuges num casamento, em que um se transforma a partir do desenvolvimento do outro, a partir da aceitação de uma nova condição, que exige se perceber de uma outra forma. Luz e consciência nascem ao passo que correlações individuais são fortalecidas, em lugar de prazeres anônimos ou individuais.

“Se reconhecermos o desenvolvimento de Psiquê como um fato arquetípico, então podemos constelar Psiquê-Eros como arquetipo do relacionamento homem-mulher” (NEUMANN, 1995, p. 87). Antes, no misterioso paraíso inconsciente, predomina uma fase inconsciente, de indiferenciação, até as ações de Psiquê que provocam uma nova situação psíquica, em que predomina a separação dos pais originais e o surgimento do princípio dos opostos. A luz da consciência irrompe, bem como sua força analítica, e mobiliza as transformações e um processo de individuação, a ponto de unir, após todo esse processo, a um Eros divino, uma Psiquê, agora divina.

A última tarefa, a 4ª, representa que, dessa vez, sozinha ela tem que descer ao mundo de Hades, e na correspondência de uma vivência ritualista de iniciação, a proibição da piedade ilícita corresponde à insistência da estabilidade do ego, característica de toda iniciação. Há a necessidade de exigir um ego forte, focado no objetivo, que não seja distraído, necessário ao processo de conscientização. Além disso, requer a negação do convite de Perséfone, pois a aceitação incita uma

comunhão, neste caso, com a morte. A tarefa de encontrar a deusa do submundo é percorrer o caminho dos heróis (NEUMANN, 1995).

Em todas as tarefas havia um desespero de Psiquê que imaginava que a sua única solução seria morrer.

Afinal, as núpcias com a morte que lhe estavam destinadas de forma surpreendente não se consumaram, mas, ao contrário, foram substituídas pela vida no paraíso escuro com Eros. Contudo, a consumação nas núpcias de morte pertence às necessidades arquetípicas de seu relacionamento com Eros, como havia previsto o oráculo de Apolo. Enquanto esse fato permaneceu inconsciente e só se tornou visível a sua sempre renovada tendência a cometer suicídio, sua ida a Perséfone significa que ela terá de enfrentar conscientemente a morte de frente. Mas agora, no fim do seu desenvolvimento, ela enfrenta essa situação de morte como uma pessoa transformada, não mais uma menina inexperiente, mas uma mulher que ama, que sabe e já é experiente (NEUMANN, 1995, p. 92).

Dessa forma, percebe-se que, através do casamento, o confronto com a morte não era uma escolha. De alguma maneira, o psiquismo de Psiquê sabia disso, e a fazia imaginar que viveria a morte literal em diversas situações. No entanto, com essa análise mais profunda do mito e de suas tarefas, podemos concluir que Psiquê durante todo esse caminho, foi vivendo mortes simbólicas, morte da inconsciência, do prazer desmedido, do vínculo inseparável com o amor, da imaturidade psíquica, até chegar ao mais profundo conhecimento de si, em confronto com Perséfone e, mesmo assim, conseguir retornar à superfície, à consciência.

O processo de autoconhecimento está enraizado em mortes simbólicas que expressam a morte do ego, de um velho mundo, de um velho ponto de vista, de velhas atitudes. Com a morte é dada o “‘visto de saída’ da dimensão limitada do tempo e espaço para o universo ilimitado e imensurável do espírito e da eternidade” (JOHNSON, 2009, p. 236).

Interessante que, ao final da quarta e última tarefa, Psiquê fracassa (abre a caixa). É importante perceber que ela precisa fracassar para abrir espaço para que Eros tome a primeira atitude inteiramente máscula, e esse masculino pode ser o salvador, o herói. Em uma análise mais profunda, ela novamente realiza, de livre e espontânea vontade, as núpcias de morte, morre por ele, para que ele seja o salvador, e possa renascer como divina, que se sacrifica e se entrega para seu amor. Ele, por sua vez, deixa de ser um amante divino, para se transformar em homem redentor.

Psiquê, através do aperfeiçoamento da sua feminilidade e do seu amor, provoca a perfeita masculinidade de Eros (NEUMANN, 1995).

As experiências de mortes são exigências para uma vida mais completa, pois, dessa forma, o psiquismo entra em contato com uma realidade absoluta. “Quanto mais imanente for a experiência da morte, tanto maior será a possibilidade de transformação”, pois a força criativa mata ao produzir o novo (HILLMAN, 1964/2011, p. 82). Essa transformação possibilita que o sujeito desenvolva suas próprias questões, se individualize, brote do fluxo coletivo; o que requer muita coragem, pois antes é necessário enfrentar o desconhecido, sofrer as perdas das mortes, para em seguida se transformar a caminho de sua individuação.

No mito, após o casamento, com o percurso de consciência que ambos tomam, separando-se e reunindo-se modificados, fica claro o quão necessário é matar as projeções que os uniram, para que fosse possibilitado que cada um se individualizasse através da relação. “Quando duas pessoas são levadas uma à outra, há sempre uma queda, um chamado ou impulso para união com o desconhecido, que tanto pode ser celestial quanto demoníaco e que se torna conhecido e íntimo através dessa união” (HILLMAN, 1984, p. 117). As projeções comuns, que fazem parte de qualquer relação, e que influenciaram a escolha e decisão de união, não suportam o confronto com a morte, que exige um nascimento individualizado, e que as necessidades projetadas sejam introvertidas para que, individualmente, abram espaço para cada cônjuge realizar descobertas singulares e autoconhecimento, que os direcionem às suas individualidades.

Essa percepção e dissolução das projeções e conseqüente introjeção, analisando o que levou à atração, convida ao confronto com a própria sombra, um processo extremamente difícil, que permite aos envolvidos iniciar o trabalho de deixar de ser atraído por uma magia e sedução inconscientes, provenientes de uma possível falta ou excedente psíquicos do próprio sujeito (HILLMAN, 1984).

Em um só mito foi vivenciado uma série de padrões psíquicos: núpcias com a morte, vida no paraíso do inconsciente, luta com o dragão, caminho de sofrimento das ações, ida ao inferno e conquista de uma preciosidade, fracasso como uma segunda morte, salvação, ressurreição, renascimento como divindade e nascimento do filho. O arquétipo do casamento é expresso simbolicamente em cada fase, ilustrando o que é possível acontecer com duas pessoas, a partir de um casamento. Para algo novo nascer, é necessário que o original, a partir da luz, e do fogo, passe por uma

transformação, matando para nascer (NEUMANN, 1995). Impulsionado pelo rito, há terreno para essa união ser palco de transformações semelhantes à iniciação que aconteceu a Psiquê e Eros.

Psiquê eternamente unida a Eros representa o self feminino unido com a divindade masculina. O arquétipo relativo a essa união, junto com seu fruto, a filha Volúpia, é, para Neumann (1995), uma das formas mais elevadas que o símbolo da *coniunctio* atingiu no Ocidente. Tema que o capítulo seguinte se propõe a aprofundar.

## 6 INDIVIDUAÇÃO A PARTIR DO CASAMENTO

Para complementar a análise do significado do casamento a partir da Psicologia Analítica, é oportuno um aprofundamento na alquimia. Uma das seis fases alquímicas é a *coniunctio*, que se distingue em duas fases – *coniunctio* inferior e superior, apesar da experiência real sempre contemplar a mistura desses dois. A primeira corresponde àquelas uniões de elementos que ainda não se encontram discriminados ou separados, e que antecedem necessariamente a uma morte ou fase alquímica, *mortificatio*. A segunda é o alvo da *opus*, de qualquer trabalho em que dois elementos combinados atingem a suprema realização (EDINGER, 2008).

A *coniunctio* inferior acontece quando o ego está identificado com conteúdos do inconsciente, sejam eles parte da sombra, da anima/animus, do si-mesmo. Como uniu partes que não são separadas individualmente, obriga a passar em seguida pelo processo de morte, etapa da *mortificatio*, para promover transformação. A *coniunctio* superior tem como resultado a Pedra Filosofal, que é a união final dos opostos, a representação de algo material e, ao mesmo tempo, espiritual (EDINGER, 2008).

O casamento é uma imagem simbólica dessa fase. Pode representar, pela forma inferior, meio de necessidade de, a partir da união, haver a *mortificatio*, para transformar individualmente cada elemento, porém na relação, na união. E pela forma superior, um caminho de produzir a pedra filosofal, e com ela, promover a função transcendente, a produção de um terceiro. Esse terceiro pode ser o nascimento literalizado pela via de um filho, como também pode ser o nascimento de um terceiro simbólico, um produto energético a ser usado por esse casal, pelas diversas vias possíveis: sexualidade; conquistas e objetivos do casal, como constituir uma casa, desenvolver uma rotina própria, planejar e executar sonhos do casal; conflitos, discussões, entre outros.

Pode-se dizer, com isso, que o ritual de casamento é a imagem da *coniunctio*, vivida simbolicamente, através dos anéis, da união de famílias e de sobrenomes, da consumação sexual que, mesmo não sendo para a maioria das pessoas, atualmente, a primeira relação, mantém um mistério em torno da noite de núpcias. Sobre a sexualidade, faz-se necessário pontuar a relevância da mesma na relação conjugal, por ser a característica presente na relação a dois que a distingue de todas as demais. É o ato que une fisicamente as duas pessoas da relação, e simbolicamente, reafirma,

a cada encontro, o sentido amplo da *coniunctio*. Por conta disso, a partir desse estudo, sugere-se que a sexualidade seja uma das formas de reeditar e atualizar o ritual do arquétipo do casamento, na vida cotidiana.

Rabinovich (2013) amplia a visão de sexualidade numa leitura que revê a poética da sexualidade como caminho para o encontro com o sagrado. Os temas encontro, união entre diferentes, plenitude e transformação permanente, que são caracterizações da poética da sexualidade, denotam a própria capacidade de criatividade humana. A união do masculino com o feminino proporcionaria a transcendência, o contato com o sagrado, ou seja, algo que ultrapassa a cada um dos pares e responde pela possibilidade de transformação, de emergir uma novidade, da criatividade, invenção. A sexualidade, como via do casal de ultrapassar o momento presente, é um instante de transcendência dentro de uma imanência (RABINOVICH 2013), sendo, portanto, uma das formas de se reeditar e atualizar o ritual do arquétipo do casamento, na vida cotidiana.

Segundo Hillman, (1984), um bom casamento tende a ser pensado como a união de opostos, em que cada membro se encaixa perfeitamente nas partes falhas do outro. No entanto, esse modelo de união estabelece a anulação de crescimentos individuais, visto que cada cônjuge não se sente impelido ao desenvolvimento, já que tem o outro para preencher suas lacunas. Este autor (1984, p. 118) acrescenta:

No casamento, duas metades não fazem um inteiro. Assim, muito dificilmente poderá existir um 'bom' casamento, se antes não existir um 'ruim', isto é, uma união onde o processo individual em direção à totalidade frequentemente produza necessidades contrárias à imagem costumeira de um 'bom' casamento.

Mesmo diante dessa dificuldade, o casamento pode ser um meio para o encontro de individualidades, se o foco dos cônjuges, tanto homem quanto mulher, estiver no encontro de suas qualidades femininas interiores – alma, e não exatamente na atenção ao outro ou nos problemas conjugais costumeiros (HILLMAN, 1984).

Jung se refere ao processo de individuação como uma longa escada na qual todos os seres humanos estão subindo, vivenciando, cada um a seu modo e tempo. Enquanto a meta é a totalidade e uma relação de trabalho saudável com o self, o verdadeiro valor da individuação situa-se naquilo que acontece durante o processo. “A meta só importa enquanto ideia; o essencial, porém, é o *opus* (a obra) que conduz

à meta: ele dá sentido à vida enquanto esta dura” (JUNG, 1946/2012c, v. XVI/2, p. 85). Isto é a finalidade da vida.

A individuação é o caminho de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva: um caminho de diferenciação psicológica que tem como finalidade o desenvolvimento de personalidade singular, o tornar-se um ser único. Pelas palavras deste autor, a individuação “significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social” (JUNG, 1928/2015a, VII/2, p. 63).

Para o trabalho das individualidades, faz-se imprescindível retomar os arquétipos anima e o animus. Dentro de cada um de nós, há um parceiro invisível, a anima e o animus, presentes em todos os relacionamentos humanos e em toda busca da plenitude individual por parte da pessoa. “O ego identifica-se com a qualidade masculina ou feminina no corpo, e, por conseguinte, a anima ou o animus se transformam numa função do inconsciente” (SANFORD, 1987, p. 21). No entanto, essa perspectiva de ver o homem com características andrógenas foi expressa muito antes de Jung, encontrada presente em muitos mitos e na própria ideia de homem original, no livro Gênesis. Adão era tanto “macho” quanto “fêmea” dado que a mulher foi criada pela costela de Adão. Os fatos psicológicos mostram que “dentro de todo homem, existe o reflexo de uma mulher, e dentro de cada mulher, há o reflexo de um homem” (STORM, 1962, p. 14 apud SANFORD, 1987, p. 9).

Jung acreditava que, embora existam expectativas sociais e culturais determinadas para cada homem e mulher, há padrões psicológicos arquetípicos subjacentes em ambos. Além disso, o fato de homens e mulheres conseguirem realizar muitas, a dizer, quase todas, funções iguais na vida, reforça o argumento de que cada pessoa é uma combinação de polaridades masculinas e femininas. Por isso, Sanford (1987) convida a pensar em macho e fêmea como imagem, energia psíquica que, igual a outras formas de energia, corre entre dois polos.

As imagens projetadas inconscientemente têm um efeito magnético que atrai ou repulsa a pessoa que carrega a projeção, como um ímã que atrai ou repele outro metal. Quanto mais inconsciente se está sobre suas próprias sombras, e de si, mais tomado se é, o que impacta diretamente nas escolhas e permanências dos relacionamentos, porque quando parte da psique é percebida em outra pessoa, esta

que recebeu a imagem psíquica projetada ganha um poder sobre a pessoa que projetou (SANFORD, 1987).

Esse fenômeno psíquico tem grandes implicações nos relacionamentos.

Essas imagens psíquicas projetadas constituem os Parceiros Invisíveis em todo relacionamento homem-mulher, e influenciam grandemente o relacionamento, porque, sempre que ocorre uma projeção, a pessoa que carrega a imagem projetada ou é muitíssimo supervaloriza ou muitíssimo subvalorizada. Em ambos os casos, a realidade humana do indivíduo que carrega uma projeção, para nós, fica obscurecida pela imagem projetada. É o que particularmente acontece com a anima e o animus, já que tais arquétipos são muito numinosos. Isto significa que eles se acham cheios de energia psíquica, tendendo, por isso, a atingir-nos emocionalmente (SANFORD, 1987, p. 21-22).

Muitos casais casam ainda na condição de apaixonamento. O apaixonamento tende a acontecer por alguém que não se conhece, e tampouco conhece o parceiro. A atração teria sido pela projeção inconsciente do que falta em mim, que “é num certo sentido, apaixonarmo-nos por nós mesmos, apaixonar-se cada um por si mesmo, e não pela outra pessoa” (SANFORD, 1987, p.29).

No livro *We: A chave da psicologia do amor romântico: uma interpretação junguiana do mito de Tristão e Isolda*, Robert A. Johnson analisa, através do mito, a jornada heroica que homens e mulheres enfrentam para se conhecer em um nível mais profundo, integrando os diferentes aspectos internos, o que só é possível ao deixar de projetar no parceiro, o que possibilita relacionamentos com pessoas reais e não idealizadas (JOHNSON, 2009).

Este mito exemplifica uma relação de um casal sustentada pelo amor romântico e por todos os efeitos que o mesmo provoca. A “transcendência, plenitude, êxtase e sentido para a vida” (JOHNSON, 2009, p. 19) que o casal apaixonado sente lhes permite a sensação sobre-humana, algo que o inconsciente passa a cobrar sentir continuamente através dessa relação.

Precisar estar com o outro o tempo todo, a vida só valer a pena e fazer sentido com a presença desse outro, faz os envolvidos se sentirem psicologicamente inteiros. “Nas aspirações do amor romântico existe uma profunda verdade psicológica que ecoa em nossa alma, que nos desperta para o que somos de melhor, para o que somos quando nos plenificamos” (JOHNSON, 2009, p. 92). Busca-se algo maior que o ego, almeja-se o que está acima das coisas pequenas e relativas à vida pessoal,

algo extraordinário e sem limites. Algo que é sentido também em experiências religiosas, o que atualmente está “fora de moda” (JOHNSON, 2009).

Por um lado, queremos estabilidade e um relacionamento afetivo com um ser humano comum; por outro, inconscientemente, exigimos alguém que seja a encarnação da alma, que desvele a divindade e o Reino da Luz, que nos transporte a um estado de adoração religiosa e que torne a nossa vida um permanente êxtase. E eis aqui que encontramos, disfarçado, mas vivo dentro de nós, o ideal religioso, a fantasia dos cátaros (JOHNSON, 2009, p. 128).

Os efeitos que o apaixonamento provoca nos envolvidos pode ser atualizado em vivências ritualísticas, como a do casamento, que literaliza através da ritualização o simbolismo da união de duas pessoas e evoca o sagrado e o divino. O que o casamento simboliza pode ser resumido por Johnson (2009, p. 51-52):

No simbolismo mítico, o self frequentemente é representado por um par masculino-feminino: um rei e uma rainha, um irmão e uma irmã divinos, um deus e uma deusa. Por este símbolo de casal real, a Psique nos diz que o self é uno, apesar de o sentirmos formado por opostos complementares. Isto nos mostra que precisamos fazer um “casamento”, uma união sagrada, entre as duas grandes polaridades da nossa natureza humana.

A maior força do universo psíquico é a busca por complementação, o que exige o equilíbrio entre os opostos complementares. Todos têm o impulso de querer se sentir seres completos, de ver o significado real da vida, de se conhecer totalmente. A sensação de estar acima do plano comum da existência, de se viver uma emoção intensa ilude o sujeito de que, nessa relação, com esse parceiro, esses sentimentos serão contínuos. Quando, na verdade, o apaixonamento e o ritual de casamento revelam o simbolismo do efeito da união de polaridades, da integração, um processo divino que deve ser levado à plenitude dentro do microcosmo da própria alma de cada indivíduo (JOHNSON, 2009).

Assim como o apaixonamento dá lugar a um amor e à diminuição desse sentimento de glória, o ritual dá lugar a uma rotina em que tais sentimentos descritos acima não predominam. Pelo contrário, após a beleza e encanto de um casamento, o que segue é a rotina, o compartilhamento do dia-a-dia, com contas e problemas. A vida ordinária se apresenta com bem menos transcendência do que uma paixão, ou um ritual. A união de duas pessoas não garante a continuidade do sentimento de

êxtase e sentido que a vida tinha ganhado. Muitas vezes é pela desilusão, ou mesmo dor, que se percebe que nenhum parceiro, nem mesmos novos, sustenta toda projeção necessária para este casamento simbólico.

O apaixonar-se e a vivência do casamento são, portanto, meios de se despertar a um novo estágio de consciência. No ritual, a presença do sagrado, da musicalidade permite o acesso à expressão de amor, de sentimentos, além da lógica e razão com que se está em contato a maior parte do tempo. Dessa forma, essa vivência permite que os sujeitos se entreguem ao inconsciente e alcancem uma nova ilha de consciência para esse momento de sua vida. O caminho deverá continuar a ser seguido, posteriormente, na vivência da rotina, exigindo-se a dissolução dessas projeções ao parceiro, e identificando onde em si está este complemento que tanto se buscou fora (JOHNSON, 2009). É necessário desistir de tentar viver esse encontro “[...] fora de nós, com pessoas mortais, num mundo temporal - e passar a viver a verdade dessa fantasia como um evento interior, um fato interior, vivenciado no reino atemporal dela, a quem agora damos existência” (JOHNSON, 2009, p. 129).

Na concepção de Jung (1910/2013d, v. XVII), o relacionamento psíquico dos esposos é essencialmente coletivo e só pode ser considerado relacionamento pessoal em sentido psicológico quando se tornar conhecida a natureza da motivação inconsciente que os levou a estarem juntos e quando estiver suprimida em larga escala a identidade inicial. Pontua ainda que, raras vezes, ou até mesmo nunca, um matrimônio se desenvolve tranquilo e sem crises, até atingir o relacionamento individual, pois não é possível tornar-se consciente sem passar por sofrimentos. O processo de individuação, que é impulsionado na relação, possibilita tomar consciência da individualidade, de diferenciar-se, extraíndo a identificação com qualquer objeto ou sujeito. Enquanto o sujeito estiver inconsciente, a identidade de sua individualidade estará projetada em objetos e/ou pessoas e não haverá um indivíduo psicológico, mas apenas uma psicologia coletiva na consciência.

Um relacionamento só é possível quando um consegue se diferenciar do outro. No entanto, Jung (1910/2013d, v. XVII) ressalta que, no momento em que se propõe a casar, o casal possui ainda um conhecimento incompleto, tanto de si quanto do outro. Ainda há muitos aspectos inconscientes sobre o outro e, conseqüentemente, sobre si mesmo. Para o casal, em contrapartida, há a impressão de que estão muito conscientes, visto que é comum as pessoas exagerarem sua percepção de consciência atual. Porém, na medida em que vivenciam e ampliam o

autoconhecimento e consciência, dão-se conta que apenas estavam em um degrau inferior da uma longa escada, que não chega ao fim.

Observa-se que alguns rituais são vividos sem muita significação. As pessoas proferem palavras, casam segundo normas, mas internamente não elaboram o que estão vivendo, o compromisso. Os casamentos que tendem a ser duradouros, e saudáveis, são aqueles em que os cônjuges deixam de se relacionar com suas projeções e desejos inconscientes, para se permitir um compromisso com a pessoa comum, real e imperfeita, que escolheu (JOHNSON, 2009).

Quando um homem tenta viver sua alma dentro do casamento finito, sua alma “infla” e distorce a visão que ele tem tanto da esposa quanto do próprio casamento. Sua alma continua tentando impelir o relacionamento em direção ao infinito, transformando-o numa alegoria de amor, morte e paraíso perdido, convertendo esse casamento humano num enorme, arrasador, drama arquetípico. Esse drama, de qualquer modo, está acontecendo dentro do homem - todo o tempo - ao nível da fantasia. Se ele pudesse aprender a mantê-lo lá, vê-lo como um símbolo e vivenciado como tal, então ele poderia viver de forma justa com sua alma. Poderia segui-la, no mundo inteiro, em direção ao infinito, permanecendo, porém, dentro dos limites do finito do seu relacionamento com sua mulher (JOHNSON, 2009, p. 252).

Vê-se, porém, que há uma expectativa natural das pessoas em viverem experiências transformadoras, que clarifiquem o significado da vida e as façam se sentirem plenas. Há uma busca da alma, do mundo divino, mas há um desconhecimento de como viver “com os deuses” no plano simbólico e interior. De forma inconsciente, o apaixonamento proporciona esse deslumbramento, que poderia ser vivido como uma experiência íntima, na vida comum, se conseguisse coexistir o mundo interior e exterior. Dessa maneira, não seria necessário materializar o mundo divino, a experiência sagrada, em uma pessoa ou em algo fora (JOHNSON, 2009).

No entanto, essa forma de se relacionar não resiste aos desafios impostos pelo desgaste cotidiano da relação diária, que são potencializados numa vivência de casados, dividindo a mesma casa e as responsabilidades como família. Soma-se ainda a vivência do rito de casamento, que promove uma força impulsionadora para viver uma nova fase, e a mudança que o relacionamento é convidado a passar com o casamento, como mobilizadores para passar a ver o parceiro mais como ela ou ele de fato é, e não mais em termos de projeções. Não é à toa que os primeiros anos de casamento são popularmente conhecidos como os mais difíceis, e empiricamente

quando há mais conflitos (FONSECA; DUARTE, 2014), porque pode ser decepcionante e frustrante dar-se conta da pessoa comum que é o parceiro, e não mais a pessoa idealizada, dona de projeções de minha própria psique.

A convivência, o novo passo da relação, evidencia o quanto cada parceiro é imperfeito e real. “Quanto mais reais se vão tornando um para o outro como pessoas, menos possibilidades há de as imagens mágicas e fascinantes provenientes do inconsciente permanecerem projetadas sobre eles” (SANFORD, 1987, p. 28). Esse momento é fundamental na relação e, ainda mais, na individuação dos envolvidos na relação. Abre espaço para ganhos na relação, onde passa a ser possível o amor real, enxergando o parceiro como ela ou ele é realmente, conhecendo o outro, não mais como detentor das imagens que não reconheço em mim mesmo. Só dessa forma é possível um relacionamento maduro, em que as expectativas sob o outro sejam reais, e que cada parceiro assuma a responsabilidade individual pela sua própria felicidade ou infelicidade (SANFORD, 1987).

Além dos ganhos para a relação, vale frisar os possíveis ganhos individuais, porque quando se percebe que está se projetando, abre-se uma possibilidade para integrar os conteúdos projetados com a consciência, encontrar o parceiro invisível que reside em cada um e passar a se enxergar mais complexo do que realmente é. É o caminho para se chegar ao conhecimento da própria alma. Algo que dificilmente aconteceria sem a projeção, já que a anima e o animus estão vitalmente despertos na psique e nunca serão tão bem conhecidos que não precisarão ser projetados. Portanto, é possível que o relacionamento se transforme num veículo para o desenvolvimento da consciência (SANFORD, 1987). Ao passo que as projeções são dissolvidas, abre-se possibilidade de se conhecer o outro-em-mim que reside dentro da inconsciência. E que é detentor da totalidade que falta para se caminhar em busca da individuação.

Segundo Jung (1910/2013d, v. XVII), o processo de conscientização é indispensável ao relacionamento no sentido psicológico. Como a pessoa não está consciente de si, procura geralmente projetar no outro cônjuge os motivos de seus descontentamentos. Origina-se uma atmosfera crítica, que é a condição indispensável para a tomada de consciência singular.

O desenvolvimento da personalidade pode acontecer através do “casamento como relacionamento psíquico”, no qual o processo de autoconhecimento acontece na relação do casal, mesmo que inicialmente existam projeções, conflitos,

descobrimientos sobre si no outro. O que o relacionamento psíquico no matrimônio encerra de essencial é a possibilidade de individuação. Neste caso, a projeção inicial pode servir para ajudar o casal a passar de um relacionamento coletivo para um relacionamento pessoal. Isto equivaleria à consciência completa do relacionamento no matrimônio (JUNG, 1910/2013d, v. XVII).

Guggenbühl-Craig (1980) também apresenta que a construção do casamento é marcada, acima de tudo, pelos confrontos que existem entre os cônjuges. Para este autor, o casamento seria um dos caminhos possíveis por viabilizar um encontro dialético entre os cônjuges, que podem conhecer a si próprios e superar os embates existentes, ingressando, assim, no processo de individuação.

Qualquer relacionamento é formado por fatores que unem as pessoas, e as motivam a estarem juntos, quanto também por fatores que tendem a separá-las, que estão associados às questões da individualidade de cada parceiro. A união de duas pessoas exige constantemente o movimento e desafio para conseguir estar junto, ao passo que existe o desenvolvimento de cada personalidade individual que afirma e reconhece as diferenças individuais.

A necessidade do desenvolvimento individual não invalida o relacionamento. Somente seres separados podem relacionar-se. Sem haver desenvolvimento individual por parte das duas pessoas, não pode ocorrer um verdadeiro relacionamento. Ao invés disso, um estado de identificação mútua desenvolve algo que embota o desenvolvimento psicológico de ambos os parceiros. Não obstante, quando o princípio da individualidade se afirma num relacionamento, é importante que as duas pessoas envolvidas sejam capazes de discutir suas diferenças e de aceitá-las (SANFORD, 1987, p. 42).

Cada relacionamento tem uma área de interseção de aspectos em que o casal se encontra e também possui áreas individuais em que não se encontram, já que sempre há diferenças. Os aspectos em comum do casal tendem a ser muito menores do que as diferenças (HEISLER, 1970 apud SANFORD, 1987).

Segundo Guggenbühl-Craig (1980), o casamento pode ser encarado como uma via em que, a partir de um outro, seja possível felicidade, satisfação, paz e plenitude – bem-estar; ou como uma salvação - caminho possível para o autoconhecimento e individuação, que envolve uma doação dura e dolorosa de confronto com suas próprias feridas. “No casamento duas pessoas extravasam, indo cada uma de encontro à área de inconsciência da outra. Isto propicia a ambas uma

oportunidade de perceber qualidades ou hábitos pessoais que elas só veem quando seus parceiros na vida diária lhes mostram” (SANFORD, 1987, p. 109). Na nossa sociedade, ver o casamento como via de bem-estar é muito mais esperado. Inclusive, socialmente existe a ideia de que aquilo que meu parceiro não sabe, não o fere, normalmente se referindo a traições ou dissabores do relacionamento. É valorizada a falta de coragem de não colocar às claras coisas ocultas. Mas é importante frisar que, para além das expectativas de felicidade plena, o que vai proporcionar força interior para enfrentar as dificuldades diárias de qualquer convívio e o manejo da responsabilidade assumida é a oportunidade que o casamento proporciona de identificar que as atrações, fascínios ou repulsas sentidas pelo parceiro provêm, em parte, de conteúdos psíquicos projetados que residem internamente. Essa percepção contribui para a integração com a sombra, com o desconhecido e, por conseguinte, com a confrontação com os arquétipos contra sexuais – a anima e o animus – fases essenciais para o autoconhecimento e o impulsionamento da individuação (SANFORD, 1987).

É válido sinalizar a importância da evolução da definição de anima e animus, não para algo designado a gênero e, tampouco, à sexualidade. Hillman (1973/1974 apud SANFORD, 1987) amplia o conceito apresentado por Jung, referindo-se a “anima” como uma qualidade elementar feminina existente igualmente em homens e mulheres, e ao “animus”, pela lógica junguiana dos opostos, similarmente como uma qualidade elementar masculina. Ambos, como arquétipos, estão presentes no inconsciente de qualquer pessoa.

“A sexualidade, com todas as suas variantes, pode ser entendida como uma fantasia de individuação, uma fantasia cujos símbolos são tão vivos e efetivos que que podem até mesmo influenciar nossa psicologia” (GUGGENBUHL-CRAIG, 1980, p. 94). Quando a anima ou o animus excitam nossos pensamentos sexuais e ativam nossas escolhas de parceiros, é sinal de que a força existente por trás deles será o guia do inconsciente no relacionamento com o inconsciente. Essa fantasia pode ser uma representação simbólica do que se necessita para atingir uma inteireza, a outra metade que está faltando para o sujeito, o outro lado da sua personalidade, que precisa se relacionar para ser completo. Essa ideia não explica todas as fantasias sexuais, mas é uma das formas de revelar que os opostos interiores se acham tão afastados entre si, o sujeito encontra-se tão unilateralizado e desequilibrado em seu

desenvolvimento, que as fantasias sexuais complementam simbolicamente a consciência do ego (SANFORD, 1987).

O conceito de anima e animus elucidado por Jung proporcionou a noção de polaridade interna em todas as pessoas. Não há uma unidade homogênea de vida psíquica, existe uma inevitável oposição dentro da totalidade que forma o ser. Internamente há sempre opostos (masculino – feminino; yin – yang; luz – treva; ativo – receptivo) procurando unir-se para forjar uma indescritível unidade de personalidade.

Realizar essa união dos opostos dentro de nós pode muito bem ser a tarefa da vida, tarefa que exige o máximo de perseverança e de atenção assídua. Geralmente, os homens precisam das mulheres para isso, e as mulheres precisam dos homens. E, contudo, em última análise, a união dos opostos não ocorre *entre* um homem que põe em ação o masculino e uma mulher que põe em ação o feminino, porém, *dentro* do ser de cada homem e de cada mulher em que os opostos finalmente se conjugam (SANFORD, 1987, p. 148).

Johnson (2009) retoma um símbolo importante para esta discussão: o casamento real, de um rei com uma rainha, que simboliza a evolução do self, a possibilidade de que, a partir desse casamento, nasça uma criança, que representa uma grande energia psicológica, uma esperança, uma nova possibilidade, uma nova consciência que nasce na psique humana. Essa criança não precisa ser literal, e revela quanto o ritual do casamento vivifica o potencial de se realizar sínteses de valores masculinos e femininos.

A união entre masculino e feminino não tem como acontecer se, inconscientemente, projeta-se uma metade de si num parceiro. O desejo que a alma tem de unir-se à consciência e forjar uma personalidade indivisível e criativa é o que há de mais forte no indivíduo. Jung denominou essa necessidade de instinto religioso, representada pela imagem da *Coniunctio*, composta por símbolos que incluem alianças, núpcias, que expressam a união dos opostos para a qual nos impele a energia vital existente dentro de cada sujeito (SANFORD, 1987). Dessa forma, fica claro o quanto o ritual de casamento, ao acionar tais simbologias, fomenta o encontro não apenas físico entre duas pessoas, mas acima de tudo, abre caminho para união de um par divino, dentro de cada um, num grande ato nupcial. Cada envolvido é convidado a mobilizar uma energia transformadora interna para assumir novas

personas; identificar projeções, integrar sombras, confrontar os arquétipos contra sexuais, proporcionando diálogo entre ego-self.

Dessa forma, fica possível identificar com quem se está se relacionando: um parceiro divino ou um parceiro humano. O primeiro refere-se às funções psíquicas inconscientes que cada um possui – a anima e o animus, e os casos de amor que eles evocam são problemas para os deuses, porque se referem a algo fantasioso, irreal. Já o parceiro humano é real e, quando conseguimos distingui-los, pode parecer à primeira vista um amor ordinário, mundano. Porém, essas relações só irão proporcionar um sentimento de satisfação e realização quando se consegue perceber a existência dos dois tipos de parceiros, elevando o humano à expectativa real que pode oferecer, bem como reconhecendo as projeções que o parceiro divino recebe para melhor desenvolvimento interior e acréscimo de cor à personalidade. Cada sujeito deve encontrar seu próprio caminho através do labirinto de relacionamentos, emoções, anseios e complicações (SANFORD, 1987).

O casamento aparece, portanto, como uma oportunidade em que duas pessoas podem, através da relação, se redescobrir, se entender. Como ser social, qualquer sujeito pressupõe um relacionamento coletivo para sua existência; é na relação que o processo de individuação irá ser impulsionado, com ampliação de consciência e maior entendimento sobre si. Em contrapartida, esse processo não irá levar esse sujeito ao isolamento, mas irá proporcionar um relacionamento coletivo mais intenso e abrangente (JUNG, 1921/2013b, v. VI).

## 7 METODOLOGIA

### 7.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Este estudo tem como estratégia metodológica ser um trabalho exploratório que analisa qualitativamente entrevistas narrativas com casais que passaram pelo rito de passagem do casamento. O interesse pelo universo dos significados, que são permeados de valores, crenças e relações humanas, exige um caminho de investigação qualitativo (MINAYO, 2013) e exploratório, dado que foi observado que o número de trabalhos que buscam entender o significado do casamento no processo de desenvolvimento de personalidade singular é escasso.

Diante deste cenário, para alcançar o objetivo deste trabalho, fez-se necessário realizar uma investigação profunda, não estruturada, por meio de entrevistas de narrativas de vida com os cônjuges que viveram o rito do casamento como instrumento de fonte de informação quanto às subjetividades individuais, compreendendo as perspectivas, experiências e como cada entrevistado interpreta sua vivência (MINAYO, 2004, citada por MINAYO, ASSIS, SOUZA, 2005). Através da narrativa, as pessoas revivem o que aconteceu e encontram possíveis explicações sobre o que está falando, pois durante a narrativa não há o esforço apenas de listar acontecimentos, mas também uma tentativa de ligá-los tanto no tempo, quanto no sentido (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Frente ao objetivo desse trabalho, vê-se como fundamental o discurso quando espontâneo e menos dirigido. A entrevista narrativa propõe um recurso diferente do esquema pergunta-resposta, possibilitando, através de uma pergunta disparadora, que a perspectiva do entrevistado se revele “melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 95-96). O manejo desta metodologia exige habilidade para conservar a narração andando em torno dos tópicos de interesse do pesquisador/entrevistador, sem os perigos de restringir as respostas, típico do esquema pergunta-resposta (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

## 7.2 LOCAL E PARTICIPANTES

A amostra foi selecionada a partir da acessibilidade da entrevistadora, através de sua rede de contato, o que se assemelha à técnica conhecida como “bola de neve” utilizada para identificar entrevistados em potencial. Segundo Rea e Parker (2000), uns poucos indicados sugerem outras pessoas, e assim sucessivamente, até que se atinja o número de pessoas suficientes para a pesquisa. Para realização desta pesquisa, foram entrevistados 04 casais, totalizando a análise de 08 sujeitos, escolhidos de forma intencional.

Os critérios de inclusão para seleção da amostra para este trabalho foram: a) casais que tenham como estado civil casado, o que garante a experiência da transição de condição de solteiro para casado; b) que possuam entre 25 e 40 anos de idade, com renda do casal superior a cinco salários mínimos e que ao menos um dos cônjuges tenha ensino superior completo, o que permite a análise de sujeitos que tenham condição socioeconômica estável para realizarem o que desejavam de acordo com suas crenças e expectativas; c) residentes em Salvador, Bahia, pela viabilidade de contato presencial com os entrevistados; d) 02 casais que já moravam juntos antes do casamento e 02 casais que só tenham ido morar juntos após o casamento, possibilitando a investigação da influência da coabitação; e) casais que tenham vivido o rito de casamento há no mínimo 01 (um) ano e no máximo 02 anos, buscando reduzir a influência que outros fatores possam ter na individualização dos sujeitos e percepção sobre o casamento; f) casais em seu primeiro casamento e que ainda não tenham filhos, já que a influência de uma outra experiência de casamento e das funções paterna e materna são significativas na subjetividade de uma pessoa, e exigiria uma análise à parte; g) casais heterossexuais, visto que a oficialização da relação homoafetiva perpassa por outros fatores, que esse estudo não alcança; h) ambos os cônjuges concordarem em serem entrevistados.

Seriam excluídos: os participantes identificados com transtornos mentais e/ou sob efeito do uso de substâncias psicotrópicas durante a entrevista; aqueles que não se sentirem à vontade de terminar a entrevista; o casal cujo um dos cônjuges desista, visto a importância de análise do cruzamento das respostas dos cônjuges.

### 7.3. INSTRUMENTOS

Inicialmente, foi aplicado aos entrevistados um questionário sócio-demográfico objetivando situar o perfil dos entrevistados. Em seguida, individualmente, foi feita a seguinte pergunta disparadora: “*Houve um momento em que você passou da condição de solteiro para a de casado. Como você era antes e depois desse momento?*”. O participante foi estimulado a falar, sendo utilizado um roteiro semiestruturado, que assegurou que fossem abordados temas relativos ao significado do ritual e do casamento para o sujeito, às motivações que levaram o entrevistado a formalizar a relação, à representação da vivência do rito de casamento contemporâneo e o que mudou quanto à percepção sobre si mesmo, quanto ao seu parceiro e relação após o rito, conforme apêndice 2.

### 7.4. PROCEDIMENTOS

A pesquisadora convidou os participantes e decidiu, juntamente com os mesmos, quando e onde foram realizadas as entrevistas de forma a possibilitar o máximo de conveniência aos mesmos. No entanto, diante de uma pesquisa que busca informações sobre a experiência de um sujeito, foi informada a possibilidade, tanto durante, quanto após a entrevista, dos mesmos se sentirem desconfortáveis e emocionalmente mexidos visto estar evocando memórias, expectativas e frustrações íntimas. Diante disso, o sujeito poderia a qualquer momento pedir para parar a entrevista, bem como solicitar que seus dados não fossem analisados no estudo. Além disso, a pesquisadora enquanto profissional da área da Psicologia Clínica ficou atenta à necessidade de encaminhamento para acompanhamento psicológico, o que não foi necessário.

Como benefício em participar do estudo, percebeu-se que foi uma oportunidade de reflexão sobre a experiência vivida e, principalmente, sobre as mudanças em si, o que foi um gatilho para aprofundar o autoconhecimento sobre si, a relação conjugal e a realidade familiar. Além disso, os resultados finais serão disponibilizados àqueles que contribuíram ao estudo.

No que diz respeito aos procedimentos éticos, a pesquisadora se comprometeu a seguir as orientações e determinações éticas que constam na

Resolução 466/2012 e 511/2016, do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF, bem como com os princípios que considera imperativo à preservação da dignidade humana, adotando cuidados necessários e imprescindíveis para a proteção dos que participaram da pesquisa. Garantiu-se o sigilo quanto à identidade dos participantes no que diz respeito aos nomes e quaisquer outros dados que permitissem seu reconhecimento. O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica do Salvador – Ucsal e recebeu o número CAAE: 03160818.0.0000.5628.

Aprovado, a pesquisadora buscou em sua rede de contatos casais que estivessem dentro dos critérios listados acima, e convidou-os a participar do estudo. Antes da coleta de dados, o participante assinou o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que descreve todas as informações acima, declarando estar ciente do objetivo, método, riscos, benefícios e direitos ao participar dessa pesquisa (vide em apêndice 1). A entrevista teve cerca de duas horas de duração, foram gravadas e posteriormente transcritas pela pesquisadora. Assegurou-se que nenhuma outra pessoa tivesse acesso aos arquivos.

## 7.5 ANÁLISE DE DADOS

Por basear-se na concepção de que a linguagem não é simplesmente um meio neutro de reflexão ou descrição do mundo, a interpretação dos dados deste estudo aconteceu através da análise de discurso. Originalmente essa metodologia designava a área da linguística apenas; no entanto, as diversas áreas das ciências humanas foram desenvolvendo métodos específicos de análise, que se baseiam na linguagem (IÑIGUEZ, 2004).

Essa metodologia de interpretação leva em consideração que as pessoas se compreendem, e entendem o mundo ao seu redor “em termos de construções, e não de uma maneira mais ou menos ‘direta’, ou imediata” (GILL, 2002, p. 248). A linguagem é construída e construtiva, e diferente da análise de conteúdo, e de outros tipos de interpretação, não é tratada como o veículo para descobrir algo desconhecido, mas precisamente é o objeto de interesse (GILL, 2002).

Partindo do objetivo geral desse estudo em entender como os sujeitos entrevistados compreendem e percebem os efeitos da vivência do rito de casamento,

acreditando que sim, a experiência os transformaram, a análise de discurso demonstra ser o caminho adequado para não chegar à conclusão rasa, de que sim ou que não, mas investigar o que o discurso dos casais tocam, remetem, querem dizer sobre essa vivência particular, permitindo entendê-la englobando sua complexidade atual.

Segundo Gill, (2002), a linguagem não se dá no vácuo social, pelo contrário, é sempre uma prática em si mesma, de um ponto de vista, com um conteúdo a ser dirigido. A resposta de um acontecimento pode ter diferentes significados a depender de quem perguntou, quando, onde, assumindo funções e atividades implícitas, e o caminho para essa compreensão será levar em consideração a entonação, a fala sobreposta, as respirações durante a fala, dar atenção ao que normalmente não se “escuta”, como mudanças de assuntos, pausas, interrupções, uso de expressões como “sabe”, “né?” bem como buscar “ouvir o não dito” (GILL, 2002).

Essa escolha metodológica também se sustenta no fato da pesquisadora ser psicóloga junguiana, e buscar analisar esta pesquisa na perspectiva da Psicologia Analítica, que valoriza os símbolos como meios de expressões do inconsciente. Dessa forma, abrirá espaço para que além da fala verbal, que é extremamente carregada de significações, sejam incluídos na análise as mensagens não-verbais que muito tem a contribuir nesse trabalho.

“Devemos perguntar a qualquer passagem dada: ‘Por que eu estou lendo isso dessa maneira?’, ‘Que características do texto produzem essa leitura?’, ‘Como ele está organizado para se tornar persuasivo?’ e assim por diante” (GILL, 2002, p. 253). A forma de análise dos dados será uma verdadeira edição do discurso, que permite “tornar o familiar estranho”, e alcançar o que está além da fala. Com isso, será possível identificar as categorias nas falas, aquilo que se demonstrou ser uma instância do relevante fenômeno, que levarão à difícil tarefa de identificar padrões e funções do discurso.

Diante do exposto, esse trabalho toma como referência as seguintes definições de análise de discurso:

Uma análise de discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso. [...] Em uma análise final, a análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado (GILL, 2002, p. 266).

Um discurso é um conjunto de práticas linguísticas que mantêm e promovem certas relações sociais. A análise consiste em estudar como essas práticas atuam no presente, mantendo e promovendo essas relações: é trazer à luz o poder da linguagem como uma prática constituinte e reguladora (IÑIGUEZ; ANTAKI, 1994 apud IÑIGUEZ, 2004).

## 8 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa buscou, de forma qualitativa e utilizando a análise de discurso, compreender o significado do ritual de casamento contemporâneo no desenvolvimento da personalidade singular, visando entender as motivações para a oficialização da relação. Dessa forma, foi questionado ao entrevistado(a): *qual o momento em que ele(a) passou da condição de solteiro(a) para a de casado(a), e como ele(a) se percebia antes e depois dessa mudança na relação*. As entrevistas buscaram investigar o significado do casamento, as motivações que levaram o entrevistado a formalizar a relação, o que representou a vivência do rito de casamento contemporâneo e em que aspecto essa vivência impactou psicologicamente as jornadas individuais dos cônjuges. Estas categorias temáticas nortearão a apresentação dos resultados e da discussão e, embora subdivididos para fins da exposição dos mesmos, os temas se entrecruzam, conforme será possível observar no transcorrer desta exposição.

Para alcançar esses objetivos, foram entrevistados quatro casais que atenderam aos critérios de inclusão desse estudo, apresentados no tópico 7 Metodologia. Desses, dois casais já conviviam antes dessa formalização e 2 casais só passaram a morar juntos após o casamento. Na tabela 3, discrimina-se o tempo de relação desde que se conheceram e assumiram um compromisso de namoro; o tempo de quando os casais 3 e 4 passaram a morar juntos e dividir a mesma casa; e o tempo de formalização através do casamento. Na tabela 4, discrimina-se os dados sócio-demográfico dos entrevistados. Conforme proposto no planejamento do estudo, trata-se de casais que estão em seus primeiros casamentos, não tem filhos, são heterossexuais, possuem minimamente graduação completa e vivem em Salvador, Bahia. A idade da amostra variou nas mulheres de 29 a 34 anos e nos homens de 28 a 38 anos. Quanto à etnia, nota-se uma semelhança quanto a como os parceiros se identificam, mas a amostra geral apresentou-se heterogênea. A heterogeneidade também foi característica em relação à renda média do casal, pois a amostra contemplou casais que possuem de 1 a 7 até acima de 10 salários mínimos, e quanto aos bairros de residência de Salvador, que englobam públicos de todas as classes.

TABELA 3 - TEMPO DE RELAÇÃO, SALVADOR, 2019.

	<b>Tempo de relação (desde o namoro)</b>	<b>Tempo que moram juntos antes de casar</b>	<b>Tempo de casados</b>
Casal 1	14 anos	-	2 anos
Casal 2	14 anos	-	2 anos e 8 meses
Casal 3	5 anos	2 anos e 4 meses	1 ano e 10 meses
Casal 4	7 anos	2 anos e 8 meses	2 anos e 4 meses

TABELA 4 - DADOS SÓCIODEMOGRÁFICO, SALVADOR, 2019.

	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Etnia</b>	<b>Profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Renda</b>	<b>Bairro</b>
Casal 1	Mulher 1	29	Parda	Analista de RH	Pós-graduação	7 a 10	Piatã
	Homem 1	30	Pardo	Supervisor de finanças	Graduação		
Casal 2	Mulher 2	34	Parda	Estudante	Graduação	1 a 7	Boa vista do lobato
	Homem 2	37	Pardo	Contador	Pós-graduação		
Casal 3	Mulher 3	30	Branca	Analista financeira	Pós-graduação	Acima de 10	Pituba
	Homem 3	28	Branco	Supervisor de farmácia	Pós-graduação		
Casal 4	Mulher 4	31	Negra	Jornalista	Pós-graduação	7 a 10	Stiep
	Homem 4	38	Negro	Publicitário	Pós-graduação		

A seguir, serão apresentados os resultados e a discussão decorrentes da análise das entrevistas, organizados nos seguintes tópicos: o significado do ritual do casamento; motivações para formalizar a relação; a vivência do rito de casamento contemporâneo; e impactos psicológicos da vivência do ritual de casamento.

## 8.1 O SIGNIFICADO DO RITUAL DE CASAMENTO

Um dos objetivos desta pesquisa foi entender o significado do casamento para os entrevistados. Em análise às suas respostas, vê-se a presença da influência da crença religiosa na compreensão do casamento e do que era imprescindível para a realização desse ritual. A cerimônia religiosa e, especificamente, as doutrinas católicas acerca da união de duas pessoas permearam o discurso de três dos quatro casais, sejam eles praticantes ou não da religião.

Ambos os cônjuges 1 responderam que casar representava se tornar um, que a vida se tornou uma só e que se tratava de um contrato vitalício, de uma escolha para sempre. Era imprescindível a cerimônia religiosa porque Deus está no centro de tudo, no meio deles, como a terceira pessoa do casamento. O casal 2, apesar de não manter uma prática atual, cresceu em meio às práticas da Igreja Católica, e trouxe através do discurso religioso o que é o certo para eles: matrimônio, fidelidade, ter filhos, viverem juntos por toda a vida. Também viam como imprescindível a cerimônia religiosa por significar um sacramento, um dos tantos que existem na Religião Católica, e que ao longo das suas vidas foram realizando. Para o homem 2, fazer uma promessa para uma pessoa, diante de Deus, familiares e amigos representava que, a partir daquele momento, havia um compromisso, que era algo sério. A mulher 4 apresentou um discurso permeado pela Religião Católica - ser um sacramento importante, determinar o que é certo e confessou não ter comungado no período em que morou junto, antes de casar, por considerar algo que não é o estimulado pela Igreja.

Eu tenho uma formação religiosa católica. Então para mim o sacramento matrimônio era muito importante. Inclusive durante o período em que eu morei junto, eu não comungava, não tomava comunhão. Eu vim comungar de novo no nosso casamento, eu pedi ao padre, essa liberação.

[...]

Porque eu considero um sacramento importante. Uma questão religiosa, ou seja, você está dando início a uma família de fato, queria consagrar esse momento (Mulher 4).

Este dado das entrevistas revela o caráter solene que reveste o ritual de casamento. Guggenbuhl-Craig (1980) já havia pontuado que o ritual de casamento é um dos poucos momentos da vida que ainda é rodeado por cerimônias religiosas,

assim como o nascimento e a morte. Ainda que sejam mais potencializados quando ocorrem na igreja e fundamentados por alguma crença religiosa, vê-se que até as cerimônias civis aderiram a atos solenes. O contato com o religioso possibilita ao homem atualizar um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, primordial. Através da linguagem dos ritos, acessa um tempo circular, reversível, carregado de força dos contemporâneos deuses (ELIADE, 1975). A experiência do sagrado não se resume a uma vivência pessoal, individualizada, mas reúne as vivências da eternidade, carregadas de numinosidade.

Importante ressaltar que, em dois dos quatro casais, a influência religiosa é acentuada pelo exemplo familiar, em alcançar o que os pais ou os sogros viveram, através de uma união religiosa. De forma mais ampla, percebe-se que em todas as narrativas, o significado de casamento está associado à influência do que os pais viveram, tanto de forma negativa, desejando viver uma relação que difere da que os pais viveram, como descreve o relato da mulher 3: "*não, não, os dois são solteiros, e aí, eu inculquei que eu ia casar, porque eu não ia seguir a sequência da família*" e do homem 1 "*Uma coisa que eu sempre tive para mim, era que eu não queria viver o que meus pais viveram. (Que era o que?) separação. Se eu escolhesse, ia ser para vida toda, ia ser tipo, acabou*"; quanto de forma positiva, com o intuito de querer viver algo parecido com o que eles vivem ou viveram:

(Teve algum outro tipo de influência?) eu acho que pais e religião. As duas coisas. Pelos pais no sentido de modelo, porque graças a Deus, eu vejo meus pais felizes na união deles. Obviamente que como toda relação, todo casal tem seus problemas, mas um modelo, no sentido de eu olho para meus pais e eu digo eu quero isso para mim. Né, então. E a religião mesmo, pelos ensinamentos do que é (Mulher 1).

Porque eu sempre tive na minha cabeça que se eu fosse conviver com alguma mulher eu não iria simplesmente morar junto. (Você tinha isso na sua cabeça?) eu tinha na cabeça que eu iria casar na igreja, e tal, ritual. Acho mais que pela convivência dos meus pais, que eu tenho como um exemplo de casal, então foram pessoas que conviveram durante 31 anos, até meu pai falecer, e se davam muito bem. Nunca tinha visto nenhum tipo de briga, discussão, eram pessoas bem unidas. Não sei se a igreja motivava muito isso, porque meus pais eram pessoas muito religiosas (Qual era a religião?) Católica. Mas eram católicos praticantes. Então eu tinha isso na minha cabeça. Por um bom período eu também fui criado na igreja, fiz primeira comunhão, crismei, vivenciei esse processo (Homem 2).

Para a Psicologia Junguiana, o inconsciente coletivo conecta psicologicamente as pessoas através dos arquétipos, conteúdos de caráter mitológico ou impessoal, não manejáveis pela intenção arbitrária, herdados de forma instintiva ou inata, que exercem forte influência sobre o processo psíquico (JUNG, 2012b, v. XVIII/2). Segundo Guggenbuhl-Craig (1980), esse processo é ainda mais intenso considerando os gigantes do psiquismo, a mãe e o pai, que se fazem presentes no inconsciente dos filhos, estando sempre silenciosamente em suas psiques. Além disso, no processo de individuação, este mesmo autor pontua que o sujeito se ocupa sempre com seu próximo, seja por este(s) participar(em) ativamente de seu caminho, ou por se engajar em lutas interiores com os problemas coletivos. Dessa forma, um ritual de casamento que venha possibilitar uma experiência de crescimento e transformação aos envolvidos raramente é uma questão privada, o que evidencia o quanto a influência dos modelos parentais tende a estar presente no ritual de casamento.

O significado de casamento na visão dos entrevistados também se associa a uma nova fase de vida, à construção de uma nova família e esta percepção repercute na vivência psicológica individual, identificando aspectos em si e no cônjuge que tiveram que morrer para outros nascerem. O casal 1 enfatiza que a partir do casamento a vida de antes acabou, pois não tinham como viver da mesma forma, o casamento lhes deu um novo sentido de viver. As decisões passam a ser feitas pensando nas duas pessoas. O homem 1 enfatiza que é o momento em que deixa de ser filho, possibilita o descanso aos pais, para viver uma nova vida, uma vida em que ele e a esposa são um. A mulher 2 relata que, após casada, sentiu não estar mais vivendo sozinha, que há uma outra pessoa que cuida dela e ela cuida desta pessoa. No discurso dos casais fica muito presente a ideia de que, a partir do casamento, há uma união de vida, uma construção de algo novo, único, que os individualiza da família dos pais, e que dá a sensação de não estarem sozinhos, de que estão em companhia, em parceria para compartilhar a vida.

Essa nova fase é permeada pelo sentido de responsabilidade, o que também sugere um impulsionamento para um amadurecimento, uma nova forma de se entender. O casal 1 relata que o casamento define o peso de uma escolha, o que se quer da vida, e que é acompanhado por assumir responsabilidades, de cuidar de uma outra pessoa, de cuidar de uma casa. Algo que antes era responsabilidade dos pais passa a ser incorporado por eles. O casal 2 enfatiza as responsabilidades de se gerir uma casa, o que envolve as despesas. Nota-se que a vivência do casamento carrega

uma responsabilidade que se associa ao engajamento com mudanças individuais e relacionais.

Esses dados traduzem alguns conceitos de rito e individuação apresentados nos capítulos 3, 4, 5 e 6 deste trabalho. Segundo Campbell (1990), a força oriunda da atualização dos mitos, presentes nos rituais, impulsiona deixar para trás o que é velho e assumir um novo papel, uma nova responsabilidade. Para Jung (2013c, v. XVIII/1), as cerimônias elaboradas objetivam ajudar o homem a transferir sua energia psíquica para a fase seguinte, libertando-o do estágio precedente.

Considerando que, para a Psicologia Junguiana, a individuação é o processo natural, o objetivo inevitável, a meta para “tornar-se inteiro”, Guggenbuhl-Craig (1980) reflete sobre a ideia de “tornar-se total”, enfatizando que o caminho da individuação só é possível através de sacrifícios, de renúncias de partes de personalidades. Para este autor, a confrontação inescapável que define o casamento só pode encontrar solução através de mortes. Nota-se, nas entrevistas, a presença da morte da condição essencial de filho, da renúncia à vida vivida anteriormente para se viver uma nova vida, assumindo novos papéis que exigem maior responsabilidade.

Os dois casais que conciliaram o casamento com a mudança de residência, passando a morar juntos somente após o casamento, enfatizaram essas mudanças individuais e consequentes amadurecimentos por conta dessa experiência. Gennep (2013), em seus estudos, associa as cerimônias aos ritos de separação, que fazem ligação a essa passagem material dos noivos de mudança de domicílio.

Nota-se que a vinculação do casamento a uma nova fase da vida, ao sentido de maior responsabilidade, foi presente de forma mais eminente nos dois casais que só passaram a coabitar após o casamento e que possuem um tempo de relação longo, de aproximadamente 12 anos. São pessoas jovens que viveram algumas das principais fases de transição da adolescência e adultez neste relacionamento e morando na casa de seus pais. Pode-se citar as fases da adolescência, da iniciação à sexualidade, da faculdade, da entrada no mundo do trabalho. Somente quando se tornaram dois, casando, é que passaram para uma terceira casa, de ambos, considerando a dos pais e a dos sogros como primeira e segunda, respectivamente. Algo que Berenstein (2002) vai ampliar e pensar essa casa de ambos, não como a terceira casa, mas como a primeira do ponto de vista vincular, em que é possível gerar aspectos específicos da relação nunca antes vividos. Por isso, sugere-se que o nível de vivências e trocas desses entrevistados oriundas de uma relação a dois eram

limitadas comparadas a outros casais com mais relações que, ao longo das vivências de coabitação, foram se reorganizando e amadurecendo quanto às relações sociais, individuais e ambientais. Para os dois primeiros casais, a vivência do casamento e a consequente coabitação assumem uma função de grande mudança de condição individual que fomenta uma maior abertura para o desenvolvimento, quando comparado àqueles que vivem esse processo de forma mais processual.

## 8.2 MOTIVAÇÕES PARA FORMALIZAR A RELAÇÃO

De forma intencional, essa pesquisa escolheu dois casais que coabitavam antes de passarem pelo ritual de casamento visando comparar o significado de casamento e as razões que motivaram essas pessoas a formalizarem uma relação, mesmo já compartilhando a vida. Esses casais, o 3 e o 4, relatam que o momento em que se sentiram casados foi quando passaram a morar juntos. Quando questionados sobre esta experiência de passar a morar juntos, o homem 4 destaca que não foi um período fácil, pois houve um grande impacto em sua vida. A sua esposa, a mulher 4, relata que foi um período de dividir responsabilidades, vida e tempo. A partir deste momento, compartilhava a vida com outra pessoa.

Esses relatos das experiências de coabitar se assemelham aos discursos dos casais 1 e 2, descritos anteriormente, quanto às suas vivências após o casamento, o que possibilita considerar que os efeitos psicológicos individuais que o casamento proporciona podem ser sentidos também por aqueles que decidem morar juntos, sem necessariamente viverem o ritual de casamento. Viabiliza refletir que a decisão de morar junto, e a consequente mudança pessoal, relacional e social que acarreta, possam caracterizar esse momento como um ritual, eminentemente privado, entre família e amigos, celebrando a mudança de uma fase para outra. Dentre muitas definições de ritual, Fulghum (1995) descreve-o podendo ser público, privado ou secreto, ressaltando que geralmente esses níveis se misturam, e que os rituais secretos de passagem tendem a anteceder os rituais de passagem privado e público, algo que o homem 3 relatou em sua entrevista (casou porque percebeu que já se sentia casado). O reconhecimento consciente dessas mudanças é que as torna um ritual de passagem. Dessa forma, é possível que um ritual vivido de forma privada possa representar algo que esteja sendo feito pela primeira vez, mas que, na verdade,

é arquetípico, reatualize os mitos e repercuta significativamente nos sujeitos envolvidos.

No entanto, nota-se que as mulheres que já coabitavam desejavam e vivenciaram diferenças nestas experiências, por ambas sentirem a necessidade de formalizar a relação para casamento mesmo já morando juntos e exigirem esse ritual público e formal. Especificamente, a mulher 4 relata que a experiência de casado se diferencia da vivência de morar juntos por adicionar um maior peso às mudanças e às responsabilidades. Só estando casada teria o sentimento de estar numa família sua.

Hum.. não era, para mim, era realizar uma família minha, ter minha casa, meu marido, meus filhos, caso eu possa ter.

[...]

Então, nesse momento assim, na hora que o assunto surgiu, até o momento que eu vim morar aqui. Agora quando a gente oficializou, digamos assim, a união, é como se isso trouxesse um peso maior. Não é que antes eu não me sentisse casada, mas é que muda. (Risos). A responsabilidade parece que aumenta e antes, qualquer discussão que a gente tinha, eu falava, vou embora. Risos. Agora, não mais (Mulher 4).

A mulher 3, por sua vez, apesar de dizer que já se sentia casada antes da formalização, só passou a chamar o parceiro de marido depois de casada. O seu marido, o homem 3, apesar de não fazer questão da formalização, pontua que após o ritual de casamento agora podia declarar que tinha uma família. As entrevistas revelam que a experiência de morar junto proporciona grandes desenvolvimentos na percepção de si mesmo e na relação, mas existe uma força no ritual público e formal que proporciona sensações novas, antes não sentidas pelos envolvidos.

Considerando ainda as outras duas mulheres do estudo, que não coabitavam com seus parceiros, observa-se uma unanimidade das mulheres em desejarem a formalização da relação. A realização do rito se justifica por esse desejo de casar, formalizar, e apenas a mulher 3 não contempla o interesse da realização da festa nessa ritualização. Nas demais, e de forma coincidente, havia uma prática religiosa que embasava esse desejo, acompanhado pela forte vontade de celebração. A mulher 2 relatou que as coisas deviam ser comemoradas, “pois é isso que se leva da vida”.

Outro aspecto que explica a vontade de realização do rito é a intenção de eternizar uma vivência de alegria, que pode ser lembrada através das recordações dos dizeres do dia, do álbum e vídeo de casamentos, de um dia para se celebrar, comemorar. O que converge com a definição de rito para Cortázar (2012) de tornar

um dia diferente do outro, uma referência. O homem 2, de uma família sem costumes de celebração de aniversários de datas festivas religiosas, relatou que a morte do seu pai o fez valorizar momentos de celebração.

Quando eu lembro, eu me emociono. Quando as vezes eu assisto o vídeo, ah, eu tô chateado com alguma besteira, penso alguma besteira, porra.. mas as vezes você volta, mas o propósito foi esse, aí a gente vai relevando essas coisas. Porque o dia a dia, as chateações, as insatisfações, é do ser humano. Mas você tem que pensar no propósito maior. Então, da para ir relevando (Homem 2).

Algo presente também na relação do casal 1, que resgata para o dia a dia o que foi dito no dia do casamento. Interessante pontuar, que para o homem 3, o ritual não tinha nenhum significado. Odiava cerimônias de casamento e não considerava necessário na sua relação. Pensando durante a entrevista sobre o que viveu, percebeu que foi um momento que serviu para declarar o que já sentia, mostrar que a partir daquele momento não era mais o mesmo, não era mais solteiro, que era diferente. Nota-se que, antes de viver o ritual público, o mesmo já havia vivido o ritual de forma secreta (FULGHUM, 1995).

Foi uma satisfação muito grande, ver aquele tanto de gente, vindo celebrar comigo. Muito grande. Você se sente amado. Veio muita gente de fora, inclusive. A gente viu muita gente se esforçando para tá aqui. Foi bem, engraçado, eu nunca tinha pensado sobre isso, mas eu fiquei muito satisfeito com isso. Com a quantidade de gente que se esforçou para tá vindo nesse momento, que para eles não significava nada, significava para mim. E, (silêncio) engraçado. É.. muita coisa deu errada, mas tudo saiu perfeito. A gente fez uma coisa que foi totalmente a nossa cara.

[...] O dia...(silêncio) assim.. eu vou me restringir somente à cerimônia, porque a cerimônia ela, eu acho que ela representa a formalização para mim. É.. declarar para todo mundo que estava naquela sala, todo sentimento que eu tinha, foi para mim uma forma de, de. esclarecer pra quem quer que tivesse alguma dúvida, de que eu era uma pessoa diferente. Não a partir daquele momento, mas eu era uma pessoa diferente. Ah.. (no que você estava diferente?) eu não era mais solteiro, eu não era mais eu, eu não pensava mais como um, eu tinha uma família agora, eu e minha esposa agora, nós éramos uma família. Ah.. e não é que estar casado mude, mude as minhas atitudes. Mas o estar casado muda a forma como eu penso. Eu sempre penso como dois agora. É sempre o meu e o dela.

[...] ...Então, a formalização para mim, ela traz essa coisa, de que toooooo mundo que está aqui entenda, que eu não sou mais eu, é a gente. Foi, a cerimônia em si é muito emocionante porque a gente não é educado para falar de sentimento (Homem 3).

Para ele, tratou-se de uma formalização, uma oportunidade para declarar às testemunhas presentes que ele não era mais o mesmo, não era mais solteiro, não era mais um só, e sim “a gente”. Percebeu a cerimônia de casamento como um espaço validado pela sociedade, em que ele poderia mostrar a todos presentes a seriedade do que sentia. Apesar de ter se descrito como alguém que já se sentia casado mesmo antes de casar, e por se sentir casado é que decidiu casar, relatou que, após o casamento, ele pôde declarar que tinha uma família. Para ele foi importante ter um momento dedicado somente aos dois, e sentir todo o amor que o ritual proporciona.

Analisando o que essa vivência do rito de casamento contemporâneo representou, o homem 3 ressalta a sensação, após o casamento, de formação de sua família e de uma seriedade de um sentimento e relação que já tinha.

A formalização para mim não traz compromisso, compromisso para mim já existia, a formalização não traz uma responsabilidade, porque isso tudo já existia. A formalização, aquele mudar a aliança de dedo, e aquele declarar, foi só uma forma pra mim de passar, não para ela, ela já sabia a mensagem, mas passar a mensagem pra todo mundo ali, acho que talvez pra provar para ela que eu falava sério. Que não era brincadeira, eu não tô falando isso só para você, tem um bocado de testemunha que é verdade, é verdade esse bilhete (Homem 3).

No entanto, para ele, as grandes mudanças pessoais e adaptações quanto à convivência foram vividas quando passaram a morar juntos. Vale ressaltar que este casal passou a morar junto com apenas 08 meses de relação, sendo que, ao longo desse tempo, ele já estava morando na casa que ela morava com os familiares. Então é um casal que foi amadurecendo a relação já na coabitação, o que pode ter antecipado muitas vivências ordinariamente presentes após o casamento. Para ele, o casamento assumiu mais um papel social, de declaração aos outros do que eles já viviam e sentiam. Percebe-se que, após o ritual, deu-se nome, tornou-se concreto e sério um sentimento e vivência que já estavam presentes.

Essa ênfase ao ritual público e formal, e a conseqüente externalização e socialização desse ritual, corrobora a ideia que define o ser humano como social e que, portanto, precisa de manifestações externas para se relacionar com o mundo e com os seus semelhantes (TAMAYO-ACOSTA, 1998, p. 69, apud MANSK, 2009, p. 83). Além disso, o ritual público assume a função de confirmar a mudança, legitimar a formação de uma nova família e estabelecer relações entre novos grupos (MANSK,

2009). Os ritos de passagem se fundamentam na ideia base da materialidade da modificação de uma situação social (GENNEP, 2013).

Quando questionados sobre as razões que motivaram os casais que já moravam juntos a oficializar a relação com um ritual de casamento, ficou perceptível a complexidade e a polissemia do que representa a vivência deste ritual na contemporaneidade. A mulher 3 tinha como meta de vida casar antes dos 30 anos e desejava formalizar para se sentir de fato casada. Essa formalização não perpassava por uma necessidade de festa, realizada pelo desejo de seu marido. O papel era o que lhe importava, tanto que não converteu a união estável que já tinha, pensamento que o homem 4 corroborava. O entendimento de casamento dele não perpassava pela festa, inclusive não era a favor de realizar uma festa de casamento pelos custos financeiros. Interessante que, nestes dois casais, os cônjuges discordavam do outro e consideravam a festa como algo imprescindível. O homem 3 retrata um desejo de celebração, de comemoração, sem nenhuma influência religiosa, com o intuito de declarar às testemunhas o que sentia: que não era mais o mesmo, que agora ele e a parceira eram um só, diferentes; de demonstrar uma seriedade quanto ao seu sentimento e relação. A mulher 4 via o casamento como um sonho, algo que queria consagrar, permeado pelas crenças religiosas católicas de viver o sacramento, o matrimônio. Tratava-se do meio para se iniciar uma família. "*Para mim era importante. Era um rito de passagem mesmo, de solteiro para o casado, mesmo já morando junto*". Relatou que só sentiria que a casa que ela morava era dela também depois que casasse. Já para os casais 1 e 2, que não coabitavam antes de casar, as razões que motivaram para a realização do casamento se fundamentam de forma eminente na crença religiosa católica, sendo necessário ritualizar o casamento através de uma cerimônia religiosa.

Dessa forma, através da leitura da Psicologia Analítica, vê-se que a vivência arquetípica poderá ser interpretada e experimentada a partir da personalidade e complexos de cada indivíduo, sendo possível, inclusive que, dentro de um mesmo casal, a vivência seja interpretada de formas distintas.

### 8.3 A VIVÊNCIA DO RITO DE CASAMENTO CONTEMPORÂNEO

Analisando de forma mais específica o que representou a vivência do ritual de casamento contemporâneo, observam-se descrições intensas que demonstram tratar-

se de uma experiência grandiosa. Adjetivos como ser um momento único, emocionante, muito forte, foram reproduzidos em todas as entrevistas. Ser uma experiência difícil de descrever, muito maior do que se havia imaginado e ter proporcionado uma sensação nunca antes sentida revelam a força deste ritual. As descrições do ritual incluem experiências sentidas desde a preparação para o ritual. O homem 4 descreveu ter sentido uma alegria extrema desde que despertou. A mulher 2 sinalizou que, durante a manhã em que estava se arrumando, sentiu o seu corpo diferente, reagindo de outra forma:

Eu não sei se a temperatura do meu corpo tava diferente, porque a unha não secava de jeito nenhum ... Mas eu tava muito emocionada, não conseguia articular direito assim. Era um dia, um dia muito especial, um dia muito bonito. Desde quando o dia amanheceu pra mim, o sol estava diferente. Sei lá. Tinha alguma coisa diferente no ar. Não sei (Mulher 2).

Os relatos incluem algumas declarações que corroboram o aspecto numinoso do ritual:

E eu fiz assim, teve esse momento de, de, como eu posso dizer, esvaziamento total e de êxtase na igreja, e depois, foi de extravasar mesmo, de colocar tudo para fora. Sabe, de aproveitar muito o meu dia.

[...] Eu penso, penso muito no momento, na igreja, para mim foi perfeito. É um momento meio louco assim, porque parece que você não está ali assim, eu não sei explicar, se você me perguntar, você lembra de quando você entrou na igreja, de tudo, as pessoas te olhando, tudo mais parece que você não vê nada, parece que você não vê nada, sabe? é uma coisa muito louca assim, eu me senti tipo andando em nuvens assim, eu só conseguia olhar para frente, eu não conseguia ver nada, eu via muitas pessoas me olhando, sorrindo, eu estava sorrindo, mas assim, foi um êxtase total, total, total. E depois, as palavras do padre, tudo o que aconteceu, para mim foi totalmente lindo tudo.

[...] Gente, assim, é uma sensação de alegria intensa, de realização, sabe, de, de é uma coisa que você sente, como se seu coração tivesse preenchido, sabe. Como se, eu falei do esvaziamento, como se de corpo, assim, se esvaziasse, e só tivesse sentimento dentro de você, eu acho que por isso, que eu fiquei com essa sensação louca, porque era como se eu tivesse transcendido assim, sabe eu só sentia coisa no meu coração. Tanto que as pessoas falavam, eu só conseguia sorrir, porque eu transbordava alegria, eu tava muito feliz, eu tava muito completa, com o coração cheio, então eu não conseguia pensar, aí meu Deus eu vou casar, e agora? porque tem gente que viaja, pensa em milhares, eu não pensava em nada, só conseguia sentir, tudo era para aqui, só conseguia sentir. As outras partes do corpo para mim estavam em outro lugar (Mulher 1).

A mulher 1 relata que sentiu como se tivesse transcendido, andando nas nuvens, como se não estivesse ali, não estivesse vendo, um êxtase total, um sentimento de esvaziamento. Esses relatos sobre a importância do dia do casamento para todos os entrevistados convergem com as ideias apresentadas por Cortázar (2012) quanto às emoções vivenciadas através de uma festa, de um ritual celebrado: sentimentos inesperados, profundos, que remontam a outras gerações. A celebração torna este dia distinto dos demais vividos, um dia especial, preparado e esperado com expectativa. Um dia em que pessoas estão dedicadas àquilo que dá sentido aos envolvidos, e que dá lugar para a contemplação, o agradecimento, a adoração, a união com a eternidade (CORTÁZAR, 2012).

Este autor correlaciona a família à festa, pois o encontro com o outro exige dedicação, compartilhamento possível em pequenos rituais de convivência. Em dias festivos, no entanto, alarga-se esse encontro e o compromisso de realização de um rito oportuniza dar sentido ao tempo, realizar-se.

Além disso, essas descrições do dia do casamento denotam o significado psicológico do rito: colocar o mito em ação, disponibilizando as forças e energias originárias que possibilitam uma transcendência, um contato com o mundo sagrado, e consequente transformação (BRANDÃO, 2015). Essa vivência mitológica é dificilmente descrita pela via da linguagem racional, porque externaliza a experiência interior de cada um (CAMPBELL, 1990). Trata-se, portanto, de uma vivência que Jung (1939/2012a) denominou numinosa, que transcende, despertando um estado de êxtase e que proporciona uma vivência transformadora à consciência, determinando um novo estado.

Os casais 3 e 4 trouxeram em suas falas a importância também da preparação do casamento. Vivenciadas de formas distintas, enquanto para o casal 3, apesar de estressante, foi um momento de expressar a identidade do casal em cada detalhe, para o casal 4 foi um período de grande tensão, quase levando à separação. Nota-se, portanto, que a repercussão da vivência do ritual não se limita ao dia. Segundo Cortázar (2012), as emoções da festa incluem o seu desejo, a sua espera, o seu preparo e preparar-se para ela. Preparar a festa é escolher o lugar, a data, o momento e esperá-lo é fonte das emoções que criam laços entre as pessoas. Estar em festa proporciona um aprendizado, pois é necessário criá-la, manifestando o amor nos detalhes, para que um haja um encontro com o outro. Os ritos, segundo Saint-Exupéry

(apud CORTÁZAR, 2012), são necessários, pois preparam o coração para a mudança. Tornam um dia diferente do outro, uma referência.

O homem 1 descreve o ritual de casamento como se a vida de antes tivesse acabado, para começar uma nova vida, como se tivesse deixado de ser filho para se responsabilizar, ser um. Ele caracteriza o dia como mágico, aquele que mais se sentiu amado, que mais chorou na vida, de felicidade, de emoção, onde só sentia felicidade. Disse não ter espaço para energia negativa.

Para mim foi o melhor dia da minha vida. É o dia que você se sente assim amado, de verdade. É só, não tem uma energia negativa. Não, só tinha felicidade, foi o momento que eu mais vivi feliz na minha vida. Foi o momento do casamento. O dia que eu mais chorei na vida, de felicidade, de emoção.

[...]

Eu não sei se existe, seria coisa mágica. (Homem 1).

Do ponto de vista da sua esposa, ela descreve o marido no momento da cerimônia da seguinte forma:

Eu acho que ele foi tocado tanto quanto eu, naquele momento. Tanto que ele chorou muito, e para mim isso significou muita coisa, para mim ele tava colocando muita coisa para fora, não era só choro de emoção, pela espiritualidade, pelas coisas que eu acredito, para mim ele tava colocando muita coisa para fora também, para que ele pudesse se preencher de outras, e eu sinto que ele se permitiu se preencher de outras naquele momento. E eu acho que é por isso que tem acontecido tantas coisas, porque eu acho que vem sendo resultado do que aconteceu naquele momento (Mulher 1).

Considera que o choro de seu marido durante a cerimônia representava um esvaziamento, para que pudesse ser preenchido por outras coisas a partir daquele momento. Esse relato revela na prática muito do que foi apresentado no capítulo 5 - Núpcias com a morte, em que se expõe o pensamento do pós-junguiano Hillman (1964/2011) da necessidade de se vivenciar ao longo da vida diversas mortes simbólicas, que alimentam a abertura de novos estágios e a transformações psíquicas. As mortes de antigas ordens abrem espaço para renovação, o que exige sacrifício. Além disso, vê-se a atualização do mito de Psiquê e Eros em que, para viver uma nova relação, faz-se necessário esvaziar, matar alguns aspectos – sejam as formas infantis de alcançar prazer, individualistas, ou mesmo desfazer vínculos originais inconscientes com a família pregressa, ou com o próprio parceiro - para

proporcionar ensinamentos necessários a essa nova etapa da vida (JUNG, 1939-1950/2013e, v. XVI/1).

A mulher 2 descreve que sentiu uma energia diferente, que se trata de um dia inexplicável, onde chorou muito.

É inexplicável. (muito emocionada) antes as pessoas falavam, algumas amigas minhas falavam, ah o dia do casamento é um dia muito especial, não sei o que. Não gente, é um dia normal. É, você casou, você vai ver. Ah tá bom. Mas só na hora que eu cheguei na porta da igreja, que quando abre aquela porta, parece que, sei lá, que tudo está, tem um, uma energia diferente, sabe, uma coisa assim, cê vê as pessoas que você gosta, que fizeram sacrifícios para estar ali com você naquele momento (Mulher 2).

Seu marido, o homem 2, reforça a vivência de uma emoção nunca antes vivida, e que a emoção lhe tomou, chorando muito. Um momento em que remontou muito ao pai, que havia perdido há cinco anos, mas que se fez lembrado e estava muito presente em toda a cerimônia.

A força do ritual evoca mortes e renascimentos simbólicos que podem ser associados a eventos literais, como uma morte real, e que comumente carregam maior intensidade transformadora. Reviver as dores da morte literal do pai/sogro pode ter sido o meio de acessar e se preparar para outras mortes simbólicas que estariam por vir, encontrando forma de lidar com o “‘visto de saída’ da dimensão limitada do tempo e espaço para o universo ilimitado e imensurável do espírito e da eternidade” (JOHNSON, 2009, p. 236).

O homem 4 assume que a experiência sanou toda a ansiedade e estresse do planejamento e que nunca havia sentido uma sensação como aquela, de alegria extrema: *"ah o dia foi, eu nunca tive uma sensação daquela. Eu nunca passei, uma sensação de alegria extrema, da hora do acordar até.. e aí assim, (era o que você imaginava?) foi mais"* (Homem 4).

E sua esposa, a mulher 4, apesar de ter vivido o dia de forma bem estressada, se chateando com aspectos da organização, algo que nenhum dos outros entrevistados apontou, descreve ter vivido emoções fortes em outros momentos da vida, mas que cada um é uma vivência diferente e que o casamento é muito forte.

É emocionante. É um dia único assim sabe? (Você já tinha vivido um dia parecido?) não. Eu já tinha vivido emoções muito fortes também. No dia da minha formatura, minha festa de debutantes. Mas são

festas, são coisas diferentes. Você está, é outro momento da sua vida também. É muito forte, é muito emocionante. Agora, eu fiquei bem estressada (Mulher 4).

Importante apresentar que, para Fulghum (1995), o processo de negociação é o verdadeiro casamento, e que, para Cortázar (2012), a preparação da festa se faz com grande expectativa e para que haja um encontro com o outro é necessário criar, preparar. Vê-se, pelos relatos acima, que o ato de negociar, chegar a um acordo, planejar o ritual já é um processo de ajustes entre as pessoas da relação e uma preparação para as mudanças necessárias que a convivência exige.

A mulher 2 expressa sua experiência como um verdadeiro rito de passagem:

Era como se eu tivesse passando de, não falo imaturidade, porque, maturidade você adquire com as coisas que acontece na sua vida, pelo menos eu acho, que para mim foi assim, mas era como se eu tivesse me preparando para viver uma outra realidade. Que de fato é uma outra realidade (Mulher 2).

Acrescenta que estava durante todo o dia se preparando para viver uma nova realidade. Disse que durante o dia pensou muito na sua separação com seus pais, inclusive pontuou que sentiu que seu bicho de estimação, um gato, estava percebendo que era seu último dia naquele quarto, dormindo na casa dos pais.

Conforme pensamento de Genep (2013), o rito presente nos casamentos, nas mortes, característico de todos os ritos de iniciação, consiste na mudança de meio e de estado do sujeito. Casar é separar-se de um grupo familiar para agregar outro, deixar morrer partes suas para passar para outro nível de amadurecimento.

Os discursos acima descritos sobre o dia do ritual caracterizam uma experiência além do concreto, do visível, do formal. A vivência do rito perpassa por algo intransponível, não dimensionável, com repercussões difíceis de caracterizar. Há uma reunião de emoções, não só dos cônjuges e familiares, mobilizadas pela validação da sociedade, que traduzem a força do arquétipo e que mobiliza o sujeito para outro estágio, descrito ora por amadurecimento, ora por uma construção de algo que é dele próprio e que exige de si mais responsabilidade e comprometimento.

#### 8.4 IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA VIVÊNCIA DO RITUAL DE CASAMENTO

Para os dois casais que já moravam juntos antes de oficializar a relação, a percepção de mudanças na relação foi sentida a partir de quando passaram a morar juntos, não observando mudanças significativas na relação após o casamento. No entanto, observam mudanças na percepção sobre si mesmos oriundas da vivência do rito de casamento, bem como mudanças em como a sociedade os viam. A mulher 4 percebe o casamento como um marco, deixando de ser menina para ser adulta, momento em que traça outros objetivos, porque agora tem uma família. Avalia que deixou para trás comportamentos mais infantis, algo que, para ela, foi perceptível também aos outros que passaram a enxergá-la de forma mais madura, mais séria. Seguindo a mesma linha de raciocínio, segundo a mesma, seu marido após o casamento buscou sair das “amarras familiares”, conduzindo sua vida mais por ele mesmo. Para seu esposo, após o casamento, houve mudança de comportamento da própria família, que passou a respeitar mais o espaço do casal, denotando uma validação social maior da relação, após o ritual.

Esse dado valida o pensamento de Genep (2013) que reconhece que os vínculos com os ambientes anteriores, o que inclui parentesco e costumes, são tão poderosos que é necessário cautela para rompê-los. Por outra via, como há interesse da coletividade na realização de comunhões, os ritos funcionam nesse aspecto como meios de transição que evitam enfraquecimentos de alguma família imersa nessa mudança e permitem a preparação dessa nova composição.

Essa percepção de marco de desenvolvimento individual também representa um exemplo da explanação teórica do casamento ser meio de individuação dos cônjuges, desenvolvido pelo autor junguiano Guggenbuhl-Craig (1980). Segundo ele, o casamento é um encontro que não envolve apenas duas pessoas que se amam, e querem ser felizes e construir uma vida juntos. Antes disso, são duas pessoas tentando se individuar, “descobrir” suas almas. É a busca por expressão individual através de um desempenho de papéis arquetípicos.

O casamento não é confortável e harmonioso; antes é um lugar de individuação onde uma pessoa entra em atrito consigo mesma e com um parceiro, choca-se com ele no amor e na rejeição e desta forma aprende a conhecer a si próprio, o mundo, bem e mal, as alturas e as profundezas (GUGGENBUHL-CRAIG, 1980, p. 72).

Observa-se a recorrência do reconhecimento social quanto à maturidade dos cônjuges após o casamento. O homem 1 relatou que, profissionalmente, passou a ser visto de forma mais madura, inclusive subsidiando sua promoção a cargo de supervisão, e percebe também que ele e sua esposa passaram a ser vistos como um só pela família. Sua esposa, a mulher 1, percebe que seus pais passaram para seu esposo a responsabilidade de cuidar dela. A mulher 2 afirma que sente que seus pais pensam que estão a incomodando porque o casamento é uma prioridade e evita certos compromissos com ela. O homem 3 também percebeu que os outros o viam como uma dupla, por não fazerem nada sozinhos – neste caso, desde que passaram a morar juntos. Para a mulher 4, a família do esposo passou a respeitar mais o seu lar, a privacidade, e ela mesma após o casamento. Além disso, sentia cobrança da sociedade para que ela casasse, especificamente das pessoas do seu interior - Feira de Santana, como se faltasse algo, mesmo morando juntos. Algo que não sentia das pessoas de Salvador, que achavam que ela estava “jogando dinheiro fora” ao formalizar a relação. Dessa forma, é possível sugerir que tanto a auto percepção diferenciada pode influenciar a percepção social sobre o casal, vendo-os de forma mais madura, quanto a expectativa social de um amadurecimento pode abrir espaço para o desenvolvimento dos cônjuges.

Apesar de não ser o único caminho possível para a longa e árdua jornada da união de opostos de si mesmo, o tornar-se inteiro, nota-se que o ritual de casamento é uma experiência carregada de expectativa social. Existem outras vias possíveis para as pessoas se individuarem, mas é esperado, num determinado momento da vida, que duas pessoas se unam para constituírem família, e sigam seus planos de vida juntos. Essa expectativa é notável nas entrevistas referente à influência dos pais para a realização do casamento e em como eles mudaram a forma de se relacionar com seus filhos, após o ritual, vendo-os como uma família se construindo, que precisa de espaço e de respeito. Mesmo considerando o crescente número de divórcios, e as múltiplas configurações de família coexistentes atualmente, há uma expectativa arquetípica que essa relação escolhida e unida pelo casamento não se dissolva. Essa característica de, a princípio, ser para sempre, “até que a morte nos separe”, caracteriza este meio pela suposta ausência de saídas, e conseqüente maior implicação dos envolvidos, o que garante o confronto com as próprias feridas e o se redescobrir, um processo doloroso, mas que abre caminho para satisfação existencial que engloba o processo de edificar a relação de casado (GUGGENBUHL-CRAIG,

1980). Isso pode ser evidenciado pela fala da mulher 4 que, mesmo já morando junto antes, reforça que, após o rito, não tinha mais o impulso de querer ir embora quando brigavam, como tinha antes de casar. Passou a querer resolver as questões estando na relação.

A diferença de atitude, expectativa da sociedade entre as cidades de Feira de Santana e Salvador pode ser entendida pela primeira manter, com mais homogeneidade, a cultura tradicional que valoriza as definições de relações pelo o que socialmente é validado, neste caso, a oficialização. Por se tratar de uma cidade de interior, menor, sugere-se que há uma maior participação da família nos eventos familiares, o que tende a aumentar o impacto da vivência que será compartilhada e socializada.

O processo de individuação contempla a conscientização da sombra pessoal, coletiva e arquetípica, entrar em contato com o “mal” em si mesmo, um lado escuro, destrutivo e acessar aquilo que não estava iluminado, consciente. Outra etapa essencial da jornada complexa de individuar-se é a confrontação com os arquétipos contrassexuais – a anima e o animus - e integrar aspectos opostos deles mesmos, mas que estavam inconscientes.

A luta com o lado contrassexual e a consciência de sua misteriosa ligação com ele proporcionam a oportunidade de experimentar e entender as polaridades da alma e do mundo, do homem e da mulher, ser humano e Deus, bom e mau, consciente e inconsciente, racional e irracional. O chamado *coniunctio oppositorum*, a união ou convergência dos opostos, é um dos muitos modelos e símbolos para a meta da individuação (GUGGENBUHL-CRAIG, 1980, p. 92-93).

O casamento, assim como a individuação, é geralmente vivenciado em projeções. Ao passo que no convívio, na relação diária, no desejo de fazer dar certo esta união, o apaixonamento abre espaço para o amor, as projeções vão se dissolvendo, e é viável um encontro com os símbolos vivos do inconsciente de cada um, antes projetados sobre o outro. O casamento possibilita também vivenciar o aspecto individualizante da sexualidade, já que, nesta instituição, é autorizado vivenciar todas as fantasias e símbolos que a sexualidade oferta – apesar de muitas vezes, não se abrir espaço para todas as fantasias por um julgamento e crenças limitantes. Quando duas pessoas se tornam uma, física e psicologicamente, representa o símbolo vivo do *mysterium coniunctionis*, a meta do caminho de individuação. A vivência da sexualidade é emaranhada de mistério e intimidade, que

também são características da alma e do processo de individuação. Tanto a sexualidade quanto a individuação podem ser descritas por características semelhantes: experiências sinistras, ininteligíveis, numinosas, divinas. Além disso, a sexualidade carrega um peso misterioso, que pende para o demoníaco, por um aspecto que pode ser compreensível pelo seu cunho individuacional (GUGGENBUHL-CRAIG, 1980).

Ela não é simplesmente uma atividade biológica inofensiva, mas antes um símbolo de algo relacionado ao significado de nossas vidas, à nossa luta e ânsia pelo divino. O confronto com as figuras parentais é experimentado no drama do incesto. O confronto com a sombra conduz aos componentes sadomasoquistas destrutivos do erótico. O encontro com nossa própria alma, com a anima e o animus, com o feminino e o masculino, pode assumir uma forma sexual. O amor por nós mesmos e pelos outros é experimentado corporalmente na sexualidade, quer nas fantasias, quer nas atividades. Em nenhuma parte, a união de todos os opostos, a “união mística”, o “*mysterium coniunctionis*”, é mais impressivamente expressa que na linguagem do erotismo (GUGGENBUHL-CRAIG, 1980, p. 110).

Vê-se, portanto, que o casamento abre terreno para um olhar único sobre os símbolos presentes em cada um dos envolvidos, sendo um espaço autorizado a privadamente revelar fantasias e a confrontar esse outro em si, após o árduo trabalho de dissolução das projeções. Quando esse espaço é vedado, seja por falta de acolhimento dessa sombra do outro, seja por crenças rígidas que determinam o que é certo e errado, nota-se um desenrolar de um casamento murcho, seco que, de alguma forma, desvirtua-se do caminho da individuação, algo evidenciado no discurso do homem 4. Suas fantasias foram tratadas como traição e, após o casamento, por conta de um sentimento de culpa, reagiu de forma muito permissiva, cedendo muito de si mesmo, para sustentar a relação.

Quanto às percepções sobre mudanças individuais e do seu parceiro, o homem 1 reforça que se percebem, tanto ele quanto sua parceira, mais maduros após o casamento, pensando mais antes de agir, e ela mais racional e menos emocional. Sua esposa, a mulher 1, quando questionada como se via após o casamento relata: “*eu acho que a responsabilidade mesmo. Agora não sou mais menina, sou uma mulher, daqui a pouco vou ser uma mãe, né, então assim, existe essa pressão biológica mesmo*”, corroborando com a percepção de que ambos amadureceram. Descreve que percebe que passou de menina para mulher (algo também relatado pela

mulher 4) e, em pouco tempo, assumirá uma outra função que exige ainda mais maturidade, a de mãe. Vê-se, após o casamento, como aquela quem cuida, quem assumiu mais responsabilidade e mais maturidade. Vê seu parceiro cuidando dela, envolvendo-se mais na sua vida, tomando decisões juntos, dando-lhe mais segurança.

O homem 2 ressalta que passou a se ver de forma diferente do que ele acreditava ser.

Eu achava que uma coisa que não tinha que eu passei a ter foi paciência. Eu achava que eu nunca teria paciência ou compressão sobre certos assuntos, e eu me vi muito paciente. Com relação a isso. E renúncia. Eu nunca fui muito, eu pensava muito no outro, às vezes não passar por cima de um desejo meu, ou de uma coisa que queria para poder dar ao outro. E hoje eu faço muito isso, eu me vejo deixando de fazer certas coisas para mim para agradar não, para dar a minha esposa. Sim, eu deixo de fazer coisas para mim para dar um conforto maior a ela. A questão da renúncia, ou fazer coisas que jamais eu abriria mão de fazer, para ela não fazer, ou para deixar ela numa situação mais confortável. Então, é, são coisas que eu achava que eu não tinha capacidade, com o casamento eu acabei mudando (Homem 2).

Faz renúncias pela esposa que não pensava ser capaz de fazer e passou a entender melhor a relação a dois, os problemas de casal, algo que se aproxima muito da narrativa de sua esposa. *"Mas eu, eu acho que eu passei a ter mais paciência, a parar para compreender mais o outro. Não só em relação a ele, mas em relação às pessoas mesmo. Por isso que eu falo que eu me considero uma pessoa melhor"*. Passou a ver o esposo como o mais compreensível do mundo, ratificando que fez a escolha certa.

As falas desses dois casais são permeadas de renúncias e da percepção de que para serem casados, foi necessária a morte de um papel proporcionando-os se verem de forma distinta. Nesse ponto, faz-se pertinente tanto trazer a visão de Guggenbuhl-Craig (1980) de que o casamento é a inescapável e contínua confrontação com a morte, como o da autora junguiana Éstes (2018) de que, arquetipicamente, casamento simboliza a procura de um novo *status*, e que ritualiza o arquétipo vida-morte-vida. Os arquétipos da morte e da vida, em vez de serem considerados como opostos, devem ser considerados como o lado esquerdo e o direito de um único pensamento. Para esta autora, não existem relacionamentos de amor sem a participação da morte.

Nós fingimos que podemos amar sem que morram nossas ilusões acerca do amor, fingimos que podemos prosseguir sem que morram nossas expectativas superficiais, fingimos que podemos ir em frente e que nossas emoções preferidas nunca morrerão. No amor, porém, em termos psíquicos, tudo é dissecado, tudo (ÉSTES, 2018, p. 163-164).

Aceitar a natureza da vida-morte-vida é o primeiro passo para um fortalecimento da relação, e conseqüente renascimento. Como já dito, não é um processo fácil, mas em contato com a morte simbólica, haverá enchentes, secas, recém-nascidos, natimortos e ainda o renascimento de algo novo (ÉSTES, 2018).

A união do casamento entre duas pessoas tende a gerar um terceiro, um filho, que também pode ser considerado um símbolo do casamento entre o ego e a alma interna, que origina um terceiro, um filho espiritual, um novo eu transformado da união desses dois mundos. A cor branca, marco presente no casamento através do vestido de noiva, para a alquimia, representa tanto o novo, o puro, quanto a cor dos mortos, daquilo que perdeu vitalidade. “Quando surge o branco, tudo fica, temporariamente, *tabula rasa*, sem nenhuma inscrição. O branco é uma promessa de que existe nutrição suficiente para que tudo comece de novo” (ÉSTES, 2018, p. 122).

Dessa forma, entende-se que o ritual de casamento proporciona às pessoas colocarem suas vidas em perspectiva. Por ser um rito de iniciação, viabiliza os sujeitos a se preparem para passar para um novo modo de ser e de se conhecer, e isso só se faz possível pela experiência de morte, renúncia, contato com a sombra, que cria outra vida (ÉSTES, 2018).

Os casais 3 e 4 narram suas mudanças individuais através do marco de morar juntos, e não do ritual de casamento, apesar de ter havido a percepção de que, após o casamento, os outros passaram a vê-los de forma distinta. Sobre suas mudanças individuais, o homem 3 enfatiza que se surpreendeu com sua mudança em se doar tanto a outra pessoa de forma espontânea, com o único intuito de deixá-la feliz, já que sempre se colocou em primeiro lugar. Quanto a como passou a ver sua companheira de casa, percebeu-a mais imperativa, mais inquieta. A mulher 3 relata que eles tiveram que se cuidar individualmente, inclusive ambos fazendo psicoterapia, devido às diferenças marcantes que tinham quanto à organização e controle. E que isso impulsionou que ambos olhassem seus defeitos e se desenvolvessem em prol da convivência. Esse autocuidado também foi vivenciado pelo casal 4 que, após o casamento, sentiu necessidade de buscar ajustar a relação com terapia de casal e

individual, por motivos presentes na relação desde antes do casamento: descontrole financeiro do casal, quase separação do casal por uma suposta traição dele, e adoecimento psíquico de ambos. A mulher 4 percebe que a vivência do casamento causou uma mudança quanto à vontade de ter filhos. Nunca quis ter filhos e, após o casamento, passou a cogitar. Além disso, percebeu a relação com maior responsabilidade após o casamento, e se sentiu com mais segurança, paciência e amadurecimento, querendo resolver as questões na relação, e não mais na intenção de se separar.

Nota-se a presença de ajuda psicoterápica nos casais que já coabitavam antes de casar, o que pode sugerir que a moradia compartilhada proporcionou uma maior percepção das suas diferenças e possíveis conflitos relacionais, entendendo que um maior autoconhecimento ajudaria a entender o que é necessário individualmente de mudança e auto percepção para a manutenção de um bem-estar relacional. Essa experiência corrobora a ideia apresentada acima de que os casais que não viveram juntos antes do ritual aglomeram, nesta experiência, a potencialidade de se conhecerem, sendo entendível o porquê deles relatarem maiores mudanças individuais e relacionais após o casamento, pois não viveram situações que explorassem, na dimensão de uma coabitação, suas individualidades.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu olhar o rito de casamento numa perspectiva junguiana, buscando entender sobre os significados, motivações para realizá-lo e os impactos psicológicos dessa vivência na contemporaneidade. A revisão de literatura que embasou a pesquisa abarcou uma análise simbólica do significado do rito de casamento, usando como recurso metafórico a mitologia e a alquimia, o que possibilita o diálogo com a Psicologia Analítica e seus autores.

A escolha da pesquisa qualitativa por meio de entrevistas narrativas deu-se pela habilidade da pesquisadora em escuta e condução de entrevistas clínicas, visto possuir prática como Psicóloga Clínica Junguiana. Trabalhar as entrevistas pela análise de discurso abriu campo para aprofundar a fala dos casais, bem como realizar as associações com a teoria e impressões da pesquisadora/psicóloga diante dos sujeitos.

O primeiro objetivo específico deste trabalho foi compreender o significado do ritual de casamento na contemporaneidade. Teoricamente, antropólogos e psicólogos, em especial os junguianos, reafirmam que, ainda hoje, os rituais capacitam os envolvidos a se libertarem do estágio anterior e transitarem sua energia psíquica para um novo papel importante ao ativar a experiência interior de cada um e elevá-lo à condição de sagrado. Possui um significado estruturante frente ao desconhecido, a uma mudança. Além disso, dá às pessoas envolvidas um sentimento de pertença de família.

As entrevistas deste trabalho revelaram que o ritual de casamento ainda hoje é muito influenciado por crenças religiosas e pelo que representa religiosamente: um sacramento. A vivência - positiva ou negativa - dos pais também exerce grande influência na significação dessa experiência nos envolvidos. De forma geral, o ritual de casamento se apresentou como um marco de uma nova fase, permeada pelo sentido de responsabilidade, na construção de uma nova família, que exige gestão de si mesmo e de uma casa.

O segundo objetivo desta pesquisa foi entender as motivações que levaram os entrevistados a formalizar a relação. A amostra possibilitou que fossem investigados casais que já coabitavam antes de casar e que, mesmo assim, desejaram e realizaram um ritual de casamento. Estes sujeitos relataram terem se

sentido casados desde que passaram a morar juntos, inclusive ressaltaram que as mudanças de percepções individuais passaram a acontecer a partir desse momento, já que a possibilidade de reconhecer suas diferenças e estar em conflitos convida a ajustes individuais e relacionais. Esse dado possibilita inferir que a experiência de compartilhar uma casa pode funcionar como um ritual privado, que celebra uma mudança de uma fase para outra e que assume os efeitos possíveis de um ritual.

No entanto, nota-se que, mesmo reconhecendo os impactos do marco da mudança de casa nas percepções individuais e relacionais, houve o desejo (encabeçado pelas mulheres) de realização de um ritual formal e social de casamento. O ritual de casamento é percebido pelos sujeitos que já coabitavam como possuidor de uma grande força, como um espaço validado pela sociedade de declarar o que já era sentido pelo outro, mas que, a partir daquele momento, sentiam-se diferentes, passaram a ser “outros”. Esta experiência proporcionou sensações novas, nunca antes sentidas, mesmo por eles, que já viviam juntos e já vinham compartilhando mudanças individuais e relacionais. Eterniza uma vivência de alegria, um dia de celebração que pode ser lembrado através de recordações, e dá a sensação de só a partir do casamento estar numa outra família, através da união da relação.

Para os outros dois casais que não viveram a experiência de coabitação, a vivência do casamento e a consequente coabitação assumem uma função de grande mudança de condição individual que fomenta maior abertura para desenvolvimento psíquico, quando comparado àqueles que viveram esse processo de forma mais processual.

A análise mitológica quanto ao significado de casamento na perspectiva junguiana se deteve a um mito – Psiquê e Eros, acrescidas de pequenas pontuações do mito de Core/Perséfone – Hades. Reconhece-se que outros mitos poderiam ter sido trazidos e, com toda certeza, haveria maior aprofundamento, o que pode ser material para outros estudos. Os mitos trabalhados foram os escolhidos por suas histórias representavam fielmente o arquétipo do casamento, e atender ao objetivo de entender os impactos psicológicos nas jornadas individuais dos cônjuges. Através do olhar junguiano, pode-se apreender que o papel de casado convida a morrer e a nascer psicologicamente nos sujeitos envolvidos.

O entendimento junguiano sobre casamento o associa diretamente à morte. Não à morte real, mas à simbólica. O rito de casamento atualiza uma necessidade vital de realizar mortes simbólicas ao longo da vida, que dá lugar à transformação. E

toda mudança significativa, para novos estágios, exige sacrifícios e mortes. Portanto, essas mortes falam ao mesmo tempo de vida. A partir do mito, a partir do casamento, Psiquê expressou tal necessidade, realizando as núpcias com a morte e, nesse processo, representou a saída da inconsciência para seguir um caminho de tarefas com a iminência de várias mortes que, aos poucos, foram lhe dando consciência de quem ela era, através da relação com seu amor, marido, Eros. Precisou viver um deixar-de-ser para um entrar-na-vida-real, abandonar a predominância da condição de filha, de irmã, a inconsciência, o prazer desmedido, o vínculo inseparável com o amor, a imaturidade psíquica para conseguir chegar a um novo estágio.

Ao realizar o seu movimento de ampliação de consciência, Psiquê dissolve as projeções que tem pelo outro, seu marido, e passa a enxergá-lo pela maneira real como é. Como consequência, introjeta o que antes projetava, num processo árduo e sacrificante, e encontra o outro-em-si, tornando-se inclusive divina. Esse final só acontece porque seu movimento incita que seu marido também se transforme. Foram cortadas as participações místicas que ele tinha, com ela e com a mãe. A transformação só tem espaço quando o vínculo original e inconsciente é desfeito, tanto com o marido, quanto com a família progressa. E a individuação acontece em ambos, ele deus se humanizando. Através do outro, encontra o outro-em-si, ao passo que se fortalecem as correlações individuais, em lugar de prazeres anônimos ou individuais.

Pode-se afirmar que, como no mito relatado, as experiências de mortes são exigências para uma vida mais completa, inclusive no casamento, pois, dessa forma, o psiquismo entra em contato com uma realidade absoluta e se abre à possibilidade de transformação frente a uma força criativa que mata para produzir o novo. O rito mobiliza essa força psíquica para mudança, visto que, tanto social quanto individualmente, há terreno para brotar a individualidade do fluxo coletivo. Seguindo este movimento, as projeções, tão comuns e importantes para a união da relação, não suportam o confronto com as mortes simbólicas e o contato com um parceiro real. Abre caminho para introjeção e confrontamento com a própria sombra, aspectos essenciais para a individuação.

O terceiro objetivo específico desta pesquisa foi investigar o que representa a atualização do rito de casamento na contemporaneidade. A teoria evidencia que o rito de casamento contemporâneo, apesar de estar sendo “enfeitado” pela indústria consumista e, por outro lado, ser desvalorizado quanto à sua importância para parte

da população, ainda é um desejo dos jovens, e continua presente na sociedade como o momento de transição que é mais cercado por ações ritualísticas significativas. Ratifica-se que o casamento contemporâneo sofreu alterações significativas quanto ao seu papel, motivações em realizá-lo, efeitos sociais, envolvimento dos familiares, exigências pré-matrimoniais, entre outras, estando presentes, atualmente, diversas formas de constituir família, e de sentir-se casado, o que não exige, necessariamente, a formalização civil ou reconhecimento religioso.

As entrevistas possibilitaram o entendimento de que o ritual de casamento na contemporaneidade ressaltou, nos sujeitos envolvidos, a formação de uma família própria, o que carrega uma seriedade quanto à relação construída e também do sentimento pelo parceiro. O ritual de casamento assume um papel social, de declaração às testemunhas de uma escolha, de uma nova forma de relacionar. Por outro lado, através do ritual, há um reconhecimento social quanto a esta família criada e, conseqüentemente, quanto a uma maior maturidade dos sujeitos.

Todos os entrevistados ressaltaram a força do ritual, como um dia numinoso, transcendente, de êxtase, que promove uma energia diferente, um dia distinto de todos os já vividos: uma vivência de algo que ultrapassa o concreto, o visível, que incita fortes emoções, marca uma nova fase, um novo ser.

Para analisar os impactos psicológicos da vivência ritualística de casamento nas jornadas de desenvolvimento individuais dos cônjuges, a alquimia contribuiu para intensificar a percepção de que tais efeitos não são totalmente alcançados pela via racional e linguística. A união entre duas pessoas, representada pela imagem arquetípica do casamento, e atualizada após o casamento, através, por exemplo, da sexualidade (uma das formas possíveis), remete a *coniunctio* e, como resultado, tem-se a produção da função transcendente, de um terceiro, que é carregado de numinosidade e energia, impulsionador de transformação.

Esse terceiro pode ser representado com o nascimento literal, de um filho, ou simbólico de produto energético a ser utilizado individualmente ou na relação. A alquimia, assim como a mitologia, vê o rito de casamento como a atualização do poder do arquétipo transformador do casamento, que exige mortes para acontecerem nascimentos, e que é exigido ser atualizado durante toda a relação. Mas faz-se necessário acrescentar que o propulsor desse movimento não é apenas a ritualização da união literal entre uma pessoa e um outro, mas sim de um encontro com um outro-em-si. Será esse conhecimento sobre si, e paralelamente, sobre o outro que elevará

o relacionamento psíquico do casal de essencialmente coletivo para pessoal. Dissolvidas as imagens mágicas e fascinantes provenientes da projeção inconsciente sobre o parceiro, torna-se possível enxergar o outro da maneira real, bem como integrar os conteúdos projetados com a consciência, encontrando o parceiro invisível que reside em cada um, contribuindo para seu processo de individuação.

As entrevistas desta pesquisa dialogaram com tais pensamentos junguianos abordados ao longo deste trabalho, exemplificando a teoria. Os sujeitos que conciliaram o ritual de casamento com a mudança de casa expressaram de forma mais enfática os impactos subjetivos após a vivência do ritual. Chegaram a verbalizar que sentiram como se a vida de antes do ritual de casamento tivesse acabado, e que a emoção vivida no dia do casamento representava um esvaziamento para que pudessem, a partir daquele momento, começar uma nova vida, ser preenchido por outras coisas, em que deixavam de ser filho para ser outro, mais responsável.

O amadurecimento após a experiência do ritual foi algo bastante ressaltado. As mulheres chegaram a dizer que deixaram de ser menina para ser adulta. Não só perceberam mais maduros si mesmos e seus parceiros, mas também a sociedade passou a vê-los diferentes. Esta percepção foi trazida também pelos casais que já coabitavam antes do ritual que, apesar de não observarem mudanças significativas na relação após o casamento, e sim no momento que passaram a morar juntos, perceberam mudanças na percepção sobre si mesmos e em como a sociedades os viam. O reconhecimento social era de que essas pessoas passaram para uma nova fase da vida, que agora eram diferentes, eram uma família, o que contribuiu para as famílias progressas respeitarem mais seus espaços e a construção de uma identidade relacional. Além disso, relatam ser e fazer coisas na relação que não acreditavam que fariam. A renúncia, uma maior compreensão de si e da relação, a necessidade de se ajustar revelam propensão às mudanças individuais.

É possível sugerir, por meio das entrevistas, que tanto a auto percepção diferenciada pode influenciar a percepção social sobre o casal, vendo-os de forma mais madura, quanto a expectativa social de um amadurecimento pode abrir espaço para o desenvolvimento dos cônjuges. O casamento arquetipicamente simboliza a procura de um novo *status* e a suposta ausência de saídas viabiliza maior implicação dos envolvidos, ritualizando o arquétipo vida-morte-vida.

Apesar da individuação não ser um caminho possível apenas no trabalho das projeções e do relacionamento humano, mas também através do reconhecimento do

significado dos símbolos presentes na vida dos sujeitos, as entrevistas corroboram com a teoria de que o ritual de casamento convida os envolvidos para a individuação, mas exige que o casal, de forma criativa, reviva esse ritual ao longo de sua relação, renovando-o através dos símbolos da *coniunctio* em sua vida. A sexualidade apresenta ser uma via que abre caminho para essa atualização, pois possibilita o encontro, a união entre diferentes, a plenitude e transformação. Através da relação, o casal pode reconectar-se com o sagrado, ultrapassar o momento presente, viver instantes de transcendência dentro de uma imanência. Atualiza a *coniunctio* e pode promover a produção de um terceiro numinoso, literal e simbólico de um excedente necessário às individuações. E, acima de tudo, a relação pode ser veículo para cada cônjuge reviver individualmente as suas *coniunctios* internas, criando ritos individuais, reencontrando o outro-em-si que alimenta a alma - o arquétipo contrassexual, anima/animus - que dá sentido à vida e detém o que falta para o caminho da individuação: um incentivo a cuidar da relação através das obrigações individuais de encontrar individualmente, a alma inconsciente em cada um.

A compreensão geral deste estudo corrobora com Jung (1910/2013d, v. XVII) de que o relacionamento psíquico no matrimônio encerra de essencial é a individuação. A necessidade do desenvolvimento individual não invalida o relacionamento, pois somente dessa forma os cônjuges terão força interior para enfrentar as dificuldades diárias de qualquer convívio e manejar a responsabilidade assumida.

Como esperado e já pontuado acima, esse trabalho não contempla toda a complexidade do tema e há um desejo de que sirva de incentivo para um contínuo entendimento dessa vivência na contemporaneidade que, apesar de milenar, vem sofrendo muitas mudanças em sua configuração. Sugere-se que seja aprofundado o conhecimento de quais situações vividas se configura rito de casamento na contemporaneidade para entender se as múltiplas formas de união proporcionam os efeitos vividos relatados neste trabalho. Outra sugestão é estudar sujeitos que ainda não coabitam, e que idealizaram e viveram o rito de casamento sem possuir a crença religiosa como base fundamental para essa experiência, buscando entender as motivações e o significado dessa experiência. Também seria interessante estudar a correlação do efeito do rito de casamento com a tipologia do casal, buscando entender se o perfil tipológico do casal se correlaciona com as percepções da experiência vivida.

Acredita-se que as discussões realizadas nesta pesquisa tenham contribuído para um maior entendimento do quanto a ritualização de uma relação impacta em como os sujeitos se percebem enquanto casal e como indivíduos em seu processo de desenvolvimento, o que permitiu uma análise psicológica sobre temas conjugais contemporâneos, como: sexualidade; filhos; conflitos e adaptações relacionais; individualidades; relações familiares. Dessa forma, entende-se que esta pesquisa agregou conteúdo para áreas da Psicologia, da Família e Sociais.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de; CERQUEIRA, Andréa Luiza; SILVA, Marlene Pereira da. Casamento na família contemporânea. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campo. (org). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 111-126.
- BARBOSA, Camilo de Lelis Colani; PIRES, Fernanda Ivo. Aspectos atuais dos deveres conjugais. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campo. (org). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 73-88.
- BERENSTEIN, Isidoro. **Problemas Familiares Contemporâneos o Situaciones Familiares Actuales: Invariancia y Novedad**. Psicol. USP, São Paulo , v. 13, n. 2, p. 15-25, 2002 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642002000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 out 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000200003>.
- BRANDAO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 26. Ed. V. I Petrópolis: Vozes, 2015.
- BRASIL. Lei n. 10.406, 10 de janeiro de 2002. **Código Civil**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 2002, acesso em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10406compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm), consultado em 16 de julho de 2018, às 20h.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Com Bill Moyers. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CIGOLI, Vittorio; SCABINI, Eugenia. La mediación familiar: el horizonte relacional-simbólico. In: GONZÁLEZ, Maria Isabel. **El cuidado de los vínculos: Mediación familiar y comunitaria**. Bogotá: Editorial Universidade del Rosario, 2007. p. 43-57.
- CORTÁZAR, Blanca Castilla. La Familia y la fiesta, entre antropología y fe. **Familia et vita**. La Famiglia: Il Lavoro e La Festa. Rivista quadrimestrale del Pontificio Consiglio per la Famiglia. Anno XVII - No, 2-3/2012
- EDINGER, Edward F. **Anatomia da psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia**. tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. Coleção vida e cultura. Edição "livros do Brasil". Lisboa. 1975.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. tradução de Waldéa Barcellos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com uma conjugalidade**. Psicol Reflexo. Crit. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 25 de maio de 2018.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>.

FIUZA, César. **Direito Civil**: curso completo. 11 ed. Revista, atualizado e ampliada. Belo Horizonte. Del Rey, 2008. p. 927-982.

FONSECA, Sofia Raquel Alves; DUARTE, Cidália Maria Neves. **Do Namoro ao Casamento**: Significados, Expectativas, Conflito e Amor. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 135-143, jun. 2014. Disponível em <https://goo.gl/dpqiy3>. Acesso em: 03 out. 2017.

FORNASIER, Rafael Cerqueira. Amor e vínculo conjugal. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campo. (Org). **Relações familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 89-110.

FULGHUM, Robert. **Do começo ao fim**: uma análise delicada das celebrações cotidianas São Paulo: Editora Best seller, 1995.

GAGLIANO, Pablo Stolze. **Novo curso de direito civil**. V. 6. Direito de Família: as famílias em perspectivas constitucional / Pablo Stolze Gagliano, Rodolfo Pamplona Filho. 6 ed. rev. e atual. de acordo com o novo CPC. São Paulo: Saraiva. 2016. p. 111-132; 133-144; 407-458.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: um estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.** tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 1999.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (ed) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.

GUGGENBUHL-CRAIG, Adolf. **O casamento está morto viva o casamento!** tradução Dr. Pedro Ratis e Silva. São Paulo: Edições Símbolo, 1980.

IÑIGUEZ, Lupicínio. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: IÑIGUEZ, Lupicínio. (Coord) **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis. Vozes, 2004. p. 105-160.

JABLONSKI, Bernardo. Atitudes frente à crise do casamento. In: FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento e família**: do social à clínica. Rio de Janeiro: Ed. NAU, 2001.

JOHNSON, Robert A. **We: A Chave da Psicologia do Amor Romântico: uma interpretação junguiana do mito de Tristão e Isolda.** (Tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca). 2 ed. São Paulo: Publicações Mercurio Novo Tempo, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin. W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

JUNG, Carl Gustav. A autonomia do inconsciente. In: **Psicologia e religião ocidental e oriental.** tradução do Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. 11. ed. v. XI/1. Petrópolis: Vozes, 1939/2012a. p. 17-50;

\_\_\_\_\_. A dinâmica do inconsciente. In: **A vida simbólica: escritos diversos.** tradução de Edgar Orth; revisão técnica de Jette Bonaventure. 4. ed. v. XVIII/2. Petrópolis: Vozes, 2012b. p. 31-90.

\_\_\_\_\_. A psicologia da transferência. In: **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência.** tradução de Maria Luiza Appy; revisão técnica Jette Bonaventure. 9. ed. v. XVI/2. Petrópolis: Vozes, 1946/2012c. p. 46-87.

\_\_\_\_\_. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: **A natureza da psique: A dinâmica do inconsciente.** tradução de Matheus Ramalho Rocha; 10. ed. v. VIII/2. Petrópolis: Vozes, 1928/2013a. p. 39-52.

\_\_\_\_\_. Definições. In: **Tipos Psicológicos.** tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed. v. VI. Petrópolis: Vozes. 1921/2013b. p. 420-495.

\_\_\_\_\_. Fundamentos da Psicologia Analítica. In: **A vida simbólica: escritos diversos.** tradução de Araceli Elman, Edgar Orth; revisão literária de Lúcia Mathilde Endlich Orth; revisão técnica de Jette Bonaventure. 7. ed. v. XVIII/1. Petrópolis: Vozes, 2013c. p. 13-200.

\_\_\_\_\_. O casamento como relacionamento psíquico. In: **O desenvolvimento da personalidade.** tradução de Frei Valdemar do Amaral; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. 14. ed. v. XVII. Petrópolis: Vozes. 1910/2013d. p. 201-214.

\_\_\_\_\_. Psicoterapia e atualidade. In: **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência.** tradução de Maria Luiza Appy; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. 16. ed. v. XVI/1. Petrópolis: Vozes, 1939-1950/2013e. p. 109-126.

\_\_\_\_\_. A psicologia do arquétipo da criança. In: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. v. IX/1. Petrópolis: Vozes, 1936-1939/2014a. p. 152-183.

\_\_\_\_\_. Aspectos psicológicos do arquétipo materno. In: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. v. IX/1. Petrópolis: Vozes, 1936-1939/2014b. p. 82-115.

\_\_\_\_\_. Consciência, inconsciente e individuação. In: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. v. IX/1. Petrópolis: Vozes, 1939/2014c. p. 274-289.

\_\_\_\_\_. O conceito de inconsciente coletivo. In: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. v. IX/1. Petrópolis: Vozes, 1936/2014d. p. 51-62.

\_\_\_\_\_. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo. In: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. v. IX/1. Petrópolis: Vozes, 1933/2014e. p. 11-50.

\_\_\_\_\_. A função do inconsciente. In: **O eu e o inconsciente**. tradução de Dora Ferreira da Silva. 27. ed. v. VII/2. Petrópolis: Vozes. 1928/2015a. p. 63-77.

\_\_\_\_\_. *Anima e animus*. In: **O eu e o inconsciente**. tradução de Dora Ferreira da Silva. 27. ed. v. VII/2. Petrópolis: Vozes. 1928/2015b. p. 78-102.

HILLMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião**. Tradução Aracéli Martins Elman; revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulus, 1984.

\_\_\_\_\_. **Myths of the family**. [S.l.]: BetterListen!, 2017. (Trabalho original publicado em 1992).

\_\_\_\_\_. **Suicídio e alma**. tradução Sônia Maria Caiuby Labate. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1964/2011.

**IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatística. Sociais.** População. Downloads. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?=&t=downloads>. Acesso em 05.02.2019.

MANSK, Erli. **A ritualização das passagens da vida**: desafios para a prática litúrgica da Igreja. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Faculdades EST / PPG, 2009.

MARINHO-DIAS, Ana Paula Campos. **Aspectos psicológicos da mulher contemporânea diante da conjugalidade: um enfoque junguiano**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 9-29.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de (org.) **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. 244p

NEUMANN, Erich. **Amor e Psiquê**: Uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina. tradução Zilda Hutchinson Schild. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

PITHON, Fabiana Teixeira. **A cerimônia de casamento como rito de passagem**. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2010.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Poética da sexualidade: por uma ciência humanista. In: RABINOVICH, Elaine Pedreira (et al coord.) **Para além do sexo: A sexualidade por um enfoque interdisciplinar**. Curitiba: Juruá, 2013.

REA, Louis M.; PARKER, Richard A. **Metodologia da pesquisa**: do planejamento a execução. São Paulo: Pioneira. 2000.

SANFORD, Jonh A. **Os parceiros invisíveis**: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. São Paulo: Paulus, 1987.

SILVEIRA, Nize da. **Jung**: vida e obra. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

## APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa intitulada: “O SIGNIFICADO DO RITO DE CASAMENTO NUMA PERSPECTIVA JUNGUIANA”, que será desenvolvida pela pesquisadora ELISA MARIA BORGES DE ARAUJO, mestranda do programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, orientada pela professora Pós-Doutora Elaine Pedreira Rabinovich.

Esta pesquisa tem por objetivo entender o significado do rito de casamento no desenvolvimento individual dos cônjuges, segundo a ótica de cada envolvido, abordando temas relativos à motivação para o casamento, mudanças na vida após o rito e o significado do ritual e do casamento para o sujeito.

A sua participação no estudo consiste em responder questões elaboradas pelos pesquisadores na forma de questionário e entrevista. A entrevista inclui questões relacionadas ao relacionamento, bem como sua percepção sobre si antes e depois do casamento e terá duração aproximada de 2 horas.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que sofra qualquer penalização ou prejuízo (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso você não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.

- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de o seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.

- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada, com o seu consentimento, para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda dos pesquisadores que, após a transcrição não identificada da mesma, guardarão o conteúdo gravado por cinco anos.

- A sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência desta entrevista, será ressarcido(a).

- O estudo apresenta benefícios conforme o CNS RES 466/12. Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-lo(a) a refletir sobre sua relação, suas transformações e possivelmente ampliar o conhecimento sobre si. Além disso, como benefícios indiretos, a investigação ampliará o conhecimento científico sobre os impactos dos rituais de casamento nos envolvidos.

- Há o risco de desconforto em decorrência da entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e você será encaminhado(a) para atendimento psicossocial com a psicóloga Camila Barreto, em seu consultório no Iguatemi, Salvador/Bahia. Os contatos dela são: (71) 99171-5039 ou e-mail: [psicamilabarreto@yahoo.com.br](mailto:psicamilabarreto@yahoo.com.br)

- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o pesquisador.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio do telefone/endereço eletrônico:

Elisa Maria Borges de Araujo – Telefone: (71) 99165-7507. E-mail: [elisamariapsi@gmail.com](mailto:elisamariapsi@gmail.com)

Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, cujo telefone é: (71) 3203-8913 e endereço: Av. Cardeal da Silva, nº 205, Federação, Salvador, Ba. Este é um colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos, atendendo a padrões éticos.

Eu, \_\_\_\_\_ aceito, voluntariamente, participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Autorizo, também, a gravação da entrevista.

Local

e

data:

---

Assinatura

do/da

participante:

---

Assinatura do pesquisador:

---

## APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA E SEMI-ESTRUTURADA

### ENTREVISTA ABERTA

Pergunta disparadora: *Houve um momento em que você passou da condição de solteiro para a de casado. Como você era antes e depois desse momento?"*

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo: (1) Homem (2) Mulher
2. Idade: \_\_\_\_\_ (1) 25 a 30 (2) 30 a 35 (2) 35 a 40
3. Renda Casal:  
(1) 7 a 10 salários mínimos (2) Acima de 10 salários mínimos
4. Etnia/Cor: \_\_\_\_\_
5. Escolaridade:  
Ensino Médio Completo (2) Graduação (3) Pós Graduação
6. Bairro em que reside: \_\_\_\_\_

### RELACIONAMENTO

1. Já moravam juntos antes da oficialização?
  - a. Se sim, quanto tempo moram juntos? \_\_\_\_ ano(s) \_\_\_\_ mês(es)
  - b. Se sim, onde moravam?
    - (1) apartamento dos dois (2) meu apartamento
    - (3) apartamento do meu parceiro (4) casa dos meus pais
    - (5) casa dos pais do meu parceiro
  - c. Como foi a decisão de morarem juntos?
  - d. O que mudou na relação de vocês após passarem a conviver?
  - e. Teve algum momento que marcou essa mudança?
2. Quanto tempo teve o namoro? \_\_\_\_ ano \_\_\_\_ meses
3. Como era o diálogo sobre casamento durante o namoro?
4. Qual era sua visão sobre casamento?
5. Essa visão foi influenciada pelo o que? Ou por quem?
6. Noivaram?
  - a. Se sim, quanto tempo ficaram noivos: \_\_\_\_ ano(s) \_\_\_\_ mês(es)
  - b. Como foi realizado o noivado?
  - c. O que significou o noivado?
  - d. Algo mudou na relação quando passaram a ser noivos?
  - e. De quem foi a necessidade de noivar?
  - f. Sentiram que os outros passaram a vê-los diferentes?

### RELIGIÃO

1. É religioso praticante? Qual religião? Por que se filia a esta religião?
2. Qual sua relação com espiritualidade?
3. Como a religião influencia o seu casamento?

### RITO

1. Como foi a experiência da formalização?

2. Quando foi a formalização da relação? \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_
3. De que forma ocorreu esta formalização? \_\_\_\_\_
4. De quem era o desejo dessa formalização? Porque?
  - (1) Meu
  - (2) Meu parceiro(a)
  - (3) Meus familiares
  - (4) Familiares do meu parceiro
  - (5) Amigos
  - (6) Instituição religiosa
  - (7) Outros \_\_\_\_\_
5. O que te levou a casar?
6. Quem estava presente? E me conte um pouco mais sobre esse momento?
7. Qual foi o local? Teve igreja?
8. Como você descreveria a vivência? Era o que esperava?
9. O que significou essa experiência na sua vida? E na relação?

### CASAMENTO

1. Estado Civil:
  - (1) Casamento Civil
  - (2) Casamento Civil e Religioso
2. Quanto tempo de casamento: \_\_\_ ano(s) \_\_\_ mês(es)
3. O que significa o casamento para você?
4. Se não moravam juntos: após o casamento, passaram a morar onde? Por que?
  - (1) Continuaram na mesma casa
  - (2) Passamos a morar na nossa casa.
  - (3) Passaram a morar na casa da família da mulher
  - (4) Passaram a morar na casa da família do homem
5. Se moravam juntos antes: por que casar? Após o casamento, mudou alguma coisa? Na convivência? Mudou como os outros viam vocês?
6. A sua rotina foi alterada? Em que aspecto?
7. O que mudou na sua percepção sobre si?
8. O que mudou na sua percepção sobre seu parceiro?
9. A sua visão sobre relação mudou após o casamento?

### RELACIONAMENTO APÓS RITO

1. Você se surpreendeu com algo do seu parceiro?
2. Você se surpreendeu com algo de si próprio(a)?
3. Como vocês negociam as atividades de casa?
4. Como vocês negociam as despesas?
5. O que foi mais difícil desde que se casaram?

### NOME

1. Você mudou de nome? Como? Por que?
2. Quis que seu parceiro mudasse?
3. Essa mudança teve que impacto na forma como você se vê?
4. Essa mudança teve que impacto na forma como os outros te vêem?
5. Foi algo que mudou a relação de vocês?

### DEMAIS PAPÉIS

1. Como o casamento repercutiu nos seus outros papéis?
2. De filho(a)?
3. De amigo(a)?
4. De profissional?
5. Qual o seu trabalho? Houve alguma mudança nos seus planos profissionais?